

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
STRICTO SENSU INTERDISCIPLINAR EM TERRITÓRIOS E EXPRESSÕES
CULTURAIS NO CERRADO**

ÉDER HONESTO

**DO EXÍLIO A SÍMBOLO CULTURAL: A CONSTRUÇÃO DO ÍCONE “SANTA DICA”
EM GOIÁS.**

**ANÁPOLIS
2020**

ÉDER HONESTO

**DO EXÍLIO A SÍMBOLO CULTURAL: A CONSTRUÇÃO DO ÍCONE “SANTA DICA”
EM GOIÁS.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado(TECCER), do Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas da Universidade Estadual de Goiás (UEG), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades, na linha de pesquisa Saberes e Expressões Culturais do Cerrado.

Orientador: Prof. Dr. Eliézer Cardoso de
Oliveira



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UBG), regulamentada pela Resolução, CsA n.1087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do autor / autora.

Dados do autor (a)

Nome Completo Éder Honesto

E-mail ederhonesto@yahoo.com.br

Dados do trabalho

Título "Do Exílio a Símbolo Cultural: A Construção da Ícone "Santa Wica" em Goiás".

Dissertação

Curso/Programa Mestrado/TECCER

Concorda com a liberação documento?

SIM

NÃO

Obs: Período de embargo é de um ano a partir da data de defesa

Anápolis 05/10/20
Local Data

Éder Honesto
Assinatura do autor / autora

Eder
Assinatura do orientador / orientadora

Ficha catalográfica

H772d	<p data-bbox="507 176 715 206">Honesto, Éder.</p> <p data-bbox="507 217 1305 319">Do exílio a símbolo cultural [manuscrito] : a construção do ícone "Santa Dica" em Goiás / Éder Honesto – 2020. 136 f. : il.</p> <p data-bbox="507 360 1241 542">Orientador : Prof. Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira Dissertação (Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado). Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Anápolis, 2020.</p> <p data-bbox="544 582 788 612">Inclui bibliografia.</p> <p data-bbox="491 653 1278 796">1. Cultura popular – Goiás(Estado). 2.Santa Dica - História – Goiás(Estado). 3. Santa Dica – Heroificação - Goiás(Estado) . 4.Dissertações –TECCER - UEG/UnuCSEH. I.Oliveira, Eliézer Cardoso de. II.Título.</p>
-------	--

Elaborada por Aparecida Marta de Jesus Fernandes
Bibliotecária/UEG/UnuCSEH
CRB1/2385



ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos vinte e três dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte, a partir das quatorze horas, realizou-se a sessão de julgamento da dissertação, por meio de videoconferência entre os componentes da banca, do discente **ÉDER HONESTO**, intitulada “**DO EXÍLIO A SÍMBOLO CULTURAL: A CONSTRUÇÃO**

DO ÍCONE “SANTA DICA” EM GOIÁS.”. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes Professores: Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira (Orientador), Dr. Robson Rodrigues Gomes Filho (Examinador Externo – PPGHIS/UEG), Dr. Ademir Luiz da Silva (Examinador Interno), Dr. Cristiano Arrais (Suplente Externo – PPGHistória/UFG) e Dra. Maria de Fátima Oliveira (Suplente Interno). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo discente e seu orientador. Em seguida a Banca Examinadora reuniu-se, em sessão secreta, atribuindo ao discente os seguintes resultados.

Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira (Orientador)

(x) aprovado(a) () reprovado(a).

*Assinatura _____

Dr. Robson Rodrigues Gomes Filho (Examinador Externo – PPGHIS/UEG)

(x) aprovado(a) () reprovado(a).

*Assinatura _____

Dr. Ademir Luiz da Silva (Examinador Interno)

(x) aprovado(a) () reprovado(a).

*Assinatura _____

Dr. Cristiano Arrais (Suplente Externo –
PPGHistória/UFG) () aprovado(a) () reprovado(a).

*Assinatura _____ Dra. Maria

de Fátima Oliveira (Suplente Interno)

() aprovado(a) () reprovado(a).

*Assinatura _____

Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas

Av. Juscelino Kubitschek n. 146, Bairro Jundiáí,

CEP: 75.110-390, Anápolis – GO.

(62)3328-1188

teccer@ueg.br

www.ccseh.ueg.br

Código Documento: 3EZE-DJZ3-DKEE-RPQW. Para confirmar as assinaturas acesse <https://app-sign.efcaz.com.br/efcaz-clm-pub/#/validar-documento/3EZE-DJZ3-DKEE-RPQW>.

Documento assinado eletronicamente ou digitalmente, conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2.



Resultado Final: (x) aprovado(a) () reprovado(a).

Observações: “Como ajustes no texto, a banca sugeriu especificar melhor os limites temporais da pesquisa e alterar a escrita da hipótese principal do trabalho, deixando mais claro que "Santa Dica" é um ícone cultural em construção”.

Reaberta a sessão pública, o Orientador proclamou o resultado e encerrou a sessão às 16h15min, da qual foi lavrada a presente ata que vai ser assinada por mim secretário, discente e pelos membros da banca examinadora supracitada.

*Secretário: Alex Douglas Costa

*Discente: Éder Honesto

*Assinatura Eletrônica

Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas

Av. Juscelino Kubitschek n. 146, Bairro Jundiáí,

CEP: 75.110-390, Anápolis – GO.

(62)3328-1188

teccer@ueg.br

www.ccseh.ueg.br

Ata de Defesa_EDER HONESTO.pdf

Código do documento: 3EZE-DJZ3-DKEE-RPQW

Autenticação Eletrônica

Valide em <https://app-sign.efcaz.com.br/efcaz-clm-pub/#/validar-documento/3EZE-DJZ3-DKEE-RPQW>
Ou digite o código: 3EZE-DJZ3-DKEE-RPQW

Assinado em conformidade à Medida Provisória nº 2.200-2/2001: artigo 10 § 2º - 'O disposto nesta Medida Provisória não obsta a utilização de outro meio de comprovação da autoria e integridade de documentos forma eletrônica, inclusive os que utilizem certificados não emitidos pela ICP-Brasil, desde que admitido pelas em partes como válido ou aceito pela pessoa a quem for oposto o documento.'

Assinaturas:



Eletrônica

Alex Douglas Costa

teccer@ueg.br

Parte



Eletrônica

Éder Honesto

ederhonesto@yahoo.com.br

Parte



Eletrônica

ELIÉZER CARDOSO DE OLIVEIRA

ezi@uol.com.br

Parte



Eletrônica

Robson Rodrigues Gomes Filho

robson.gomes.filho@gmail.com

Parte



Eletrônica

Ademir Luiz da Silva

alsconclave@gmail.com

Parte



Registro de Eventos

01/10/2020 15:53

Alex Douglas Costa

Assinou como Parte. Documento: 033.955.541-63.

Data Nascimento: 03/11/1995. Email: teccer@ueg.br.

01/10/2020 15:54

Éder Honesto

Assinou como Parte. Documento: 051.378.856-57.

Data Nascimento: 19/03/1982. Email: ederhonesto@yahoo.com.br.

01/10/2020 16:05

ELIÉZER CARDOSO DE OLIVEIRA

Assinou como Parte. Documento: 765.801.131-20.

Data Nascimento: 28/12/1973. Email: ezi@uol.com.br.

01/10/2020 16:36

Robson Rodrigues Gomes Filho

Assinou como Parte. Documento: 005.002.351-98.

Data Nascimento: 26/12/1988. Email: robson.gomes.filho@gmail.com.

01/10/2020 19:07

Ademir Luiz da Silva

Assinou como Parte. Documento: 868.643.351-00.

Data Nascimento: 10/05/1976. Email: alsconclave@gmail.com.

Hash do documento original: 3ccce58490aa17d1b2701d00b4d7354b

Hash do documento assinado: 96251b56e8aeeef1ccf48510ad82ae2a

Código Documento: 3EZE-DJZ3-DKEE-RPQW. Para confirmar as assinaturas acesse <https://app-sign.efcaz.com.br/efcaz-clm-pub/#/validar-documento/3EZE-DJZ3-DKEE-RPQW>.

Documento assinado eletronicamente ou digitalmente, conforme MP 2.200-2/01, Art. 1º, §2.

ÉDER HONESTO

**DO EXÍLIO A SÍMBOLO CULTURAL: A CONSTRUÇÃO DO ÍCONE “SANTA DICA”
EM GOIÁS.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado(TECCER), do Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas da Universidade Estadual de Goiás (UEG), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades, na linha de pesquisa Saberes e Expressões Culturais do Cerrado.

Orientador: Prof. Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira

Banca examinadora:

Prof. Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira
Presidente/UEG - TECCER

Prof. Dr. Robson Rodrigues Gomes Filho
Participante Externo/UEG – PPGHIS - MORRINHOS

Prof. Dr. Ademir Luiz da Silva
Participante Interno/UEG - TECCER

Anápolis, ___/___/___

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus e à minha família. A todos aqueles que, direta ou indiretamente, me incentivaram nessa caminhada, de modo especial minha amada esposa, Marília Medalha Matos Lima Honesto, meu pai, Noé de Souza Coelho Honesto (in memoriam), minha mãe, Juracy de Freitas Honesto, e meu irmão, Egon Honesto.

Agradeço de maneira particular ao meu orientador, Professor Doutor Eliézer Cardoso de Oliveira, pela paciência, pelo carinho, pela atenção e pela cooperação irrestrita. Sem sua primordial ajuda, esse trabalho não aconteceria.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Cabeçalho do Jornal “O BRASIL”	75
Figura 02 – Primeiro registro fotográfico de “Santa Dica” no Rio de Janeiro...83	
Figura 03 – “Santa Dica” e a mesa diretora da Liga Espírita do Brasil.....85	
Figura 04 – “Santa Dica” e seu companheiro de comitiva Antônio Albino.....99	
Figura 05 – Fotografia de um quadro de Santa Dica.....115	
Figura 06 – Imagem do Aplicativo Google Maps.....116	
Figura 07 – Fotografia do Busto de Santa Dica.....117	
Figura 08 – Fotografia da casa.....118	
Figura 09 – Fotografia original da tropa.....119	
Figura 10 – Fotografia da Escola.....120	
Figura 11 – Fotografia do Túmulo.....121	
Figura 12 – Fotografia da Lápide	122
Figura 13 – Capa do Romance.....124	
Figura 14 – Contracapa do Romance.....126	
Figura 15 – Bandeira da República dos Anjos.....135	
Figura 16 – <i>Santa Dica</i> , por Tarsila do Amaral	140
Figura 17 – Cena do Documentário: Santa Dica do Sertão.....142	
Figura 18 – Cena do Documentário: Santa Dica de Guerra e Fé.....143	

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO I: SANTA DICA NA PRODUÇÃO ACADÊMICA	23
1.1- Santa Dica: Encantamento do Mundo ou Coisa do Povo.....	27
1.2- A construção da marginalidade através do discurso e da imagem: Santa Dica e a corte dos anjos Goiás – 1923 a 1925.....	41
1.3- O movimento messiânico de “Santa Dica” e a ordem Redentorista em Goiás (1923-1925)	59
CAPÍTULO II: SANTA DICA NO EXÍLIO (1926)	74
2.1 – A influência da Liga Espírita do Brasil e a soltura de Santa Dica.....	75
2.2 – Santa Dica no Rio de Janeiro e seus contatos.....	82
2.3 – Rompimento com a Liga Espírita do Brasil e o retorno para Goiás.....	92
CAPÍTULO III: SANTA DICA NA PRODUÇÃO CULTURAL	114
3.1 – O nome “Santa Dica”	116
3.2 – “Santa Dica” na literatura.....	123
3.3 – “Santa Dica” na poesia e nas artes plásticas	136
3.4 – “Santa Dica” no audiovisual.....	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
REFERÊNCIAS	147

RESUMO

Apesar de um impacto no imaginário e na memória coletiva, ainda não existia uma pesquisa que estudasse a construção de Santa Dica como “símbolo cultural”, ou seja, a formação do discurso que fez de uma mulher simples do interior de Goiás uma “Santa”, uma líder de movimento social conhecida em todo o Brasil ou uma figura exemplar para a luta feminista. Essas imagens múltiplas são percebidas nos vários estudos acadêmicos sobre ela, pois o passado não é unífico e admite múltiplas possibilidades interpretativas, fazendo com que Santa Dica seja apresentada como uma camponesa revolucionária, uma mulher à frente de seu tempo que procura se desvencilhar de uma sociedade patriarcalista e machista ou uma líder carismática que conseguiu convencer um grupo de acólitos sobre seu caráter sagrado. Uma das perguntas importantes a ser respondida pela pesquisa é sobre como “Santa Dica”, inicialmente objeto de veneração pelas camadas mais pobres, gradativamente se tornou uma “personalidade”, chegando ao ponto de ser um símbolo cultural importante de Goiás e de ser conhecida nacionalmente nos meios cultos? Acreditamos que as diferentes imagens sobre Dica passaram pelo que se denomina de “processo de heroificação”, ou seja, a transformação de um indivíduo comum, ou até desprezado em certos momentos, num indivíduo que se torna símbolo identitário de um povo. A presente dissertação será dividida em três capítulos: Santa Dica na produção acadêmica, Santa Dica no Exílio (1926) e Santa Dica na produção cultural.

Palavras-chave: Dica, santa, exílio, historiografia, cultura:

ABSTRACT

Despite an impact on the imaginary and collective memory, there was still no research that studied the construction of Santa Dica as a “cultural symbol”, that is, the formation of the discourse that made a simple woman from the interior of Goiás a “Santa” , a leader of the social movement or an exemplary figure for the feminist struggle, known throughout Brazil. These multiple images are perceived in the various academic studies on her, as the past is not unified and admits multiple interpretive possibilities, making Santa Dica presented as a revolutionary peasant, as a woman ahead of her time who seeks to extricate herself from a patriarchal and macho society or a charismatic leader who managed to convince a group of acolytes of her sacred character. One of the important questions to be answered by the research is how “Santa Dica”, initially object of veneration by the poorest layers, gradually became a “personality”, to the point of being an important cultural symbol of Goiás and of being known nationally in the cultured circles? We believe that the different images about Dica went through what they call “the process of heroization”, that is, the transformation of an ordinary individual or even despised at certain times into an individual who becomes an identity symbol of a people. This dissertation will be divided into three chapters: Santa Dica in academic production, Santa Dica in Exile (1926) and Santa Dica in cultural production.

Keywords: Dica, saint, exile, historiography, culture:

INTRODUÇÃO

Santa Dica já foi objeto de pesquisa de vários profissionais e tema de várias produções culturais. O que tentamos demonstrar aqui é que cada autor ou autora sejam acadêmicos ou artistas culturais tentaram expressar Santa Dica de uma certa forma, não que um elimina o outro, pelo contrário ambos reforçam entre si a importância que esta mulher teve para cultura goiana. “Quem conta um conto aumenta um ponto, e quem narra uma história adiciona outra; já se foi o tempo em que se distinguia “história” de “estória”, como se a primeira fosse um pouco de verdade, e a segunda, mera invenção.” (SCHWARCZ, 2012, p.1)

Mesmo depois de 50 anos após a sua morte, o povoado de Lagolândia gravita em torno da sua personalidade mais ilustre. Apesar desse impacto no imaginário e na memória coletiva¹, ainda não existia uma pesquisa que estudasse a construção deste “símbolo cultural”, ou seja, a formação do discurso que fez de uma mulher simples do interior de Goiás uma “Santa”, uma líder de movimento social ou uma figura exemplar para a luta feminista, conhecida em todo Brasil. Apresentamos aqui várias obras, sejam elas acadêmicas ou culturais, pois, assim vislumbramos melhor as várias faces de Santa Dica ou como diz Jörn Rüsen: “Pode-se dizer que a perspectiva se amplia das árvores isoladas para a floresta: trata-se literalmente do todo, daquele todo que é a história como ciência.” (RÜSEN, 2001, p.26). Pois bem, conhecíamos bem a árvore “Santa Dica”, mas ainda faltava conhecer melhor os detalhes que a tornaram um destaque na “floresta” da cultura goiana.

Até então várias pesquisas historiográficas² foram feitas sobre “Santa Dica”, talvez a primeira: “*Santa Dica: Encantamento do Mundo ou Coisa do Povo de Lauro de Vasconcelos*”, que foi escrita sob um viés marxista, ressalta o papel da líder messiânica nos conflitos de classes em Goiás. E a dissertação de Eleonora Zicari Costa de Brito foca na questão de gênero. *A construção de uma marginalidade através*

¹ O material do mito é o material da nossa vida, do nosso corpo, do nosso ambiente; e uma mitologia viva, vital, lida com tudo isso nos termos que se mostram mais adequados à natureza do conhecimento da época. (CAMPBELL, 2015, p.7)

² Os teóricos da historiografia geralmente concordam em que todas as narrativas históricas contêm um elemento de interpretação irreduzível e inexpugnável. O historiador deve interpretar a sua matéria a fim de construir o padrão que irá produzir as imagens em que deve refletir-se a forma do processo histórico. E isto porque o registro histórico é ao mesmo tempo compacto demais e difuso demais. De um lado, sempre existem mais fatos registrados do que o historiador pode talvez incluir na sua representação narrativa de um dado segmento do processo histórico. ... E isto significa que o historiador precisa “interpretar” o seu material, preenchendo as lacunas das informações a partir de inferências ou de especulações. (WHITE, 2014, p.65)

do discurso e da imagem: Santa Dica e a corte dos anjos Goiás – 1923 a 1925. A dissertação de Robson Rodrigues Gomes Filho apresentada a Universidade Federal de Ouro Preto em 2012 com o título: “*O movimento messiânico de “Santa Dica” e a ordem redentorista em Goiás (1923-1925)*”, foca no carisma religioso responsável por Dica formar um grupo de seguidores que a considerava uma profetisa.

Esses três estudos acadêmicos são os mais importantes e relevantes para a compreensão do movimento em torno de Santa Dica na década de 1920, contudo, não era objetivo deles estudar a transformação dela num ícone cultural goiano. Nesse sentido, a proposta desta pesquisa é explicar como foi criado o discurso em volta dessa mulher simples do interior de Goiás e como foi representado esse discurso nas produções historiográfica e culturais do estado ao longo do tempo. A nossa pretensão foi através desta dissertação de mestrado abarcar a grande maioria dos discursos produzidos sobre Santa Dica, seja ele literário, historiográfico ou jornalístico, desde a década de 1920, quando Dica começa a aparecer para o cenário nacional até os dias de hoje. Também foi amplamente discutido neste texto as várias alcunhas (no sentido de símbolo cultural) que Dica levava e ainda leva consigo, como: líder camponesa, exemplo de luta feminista, personalidade pública e líder carismática. Esperamos com isso colocá-la dentro de um contexto discursivo mais amplo:

A teoria cuida para que o conjunto da floresta da ciência especializada, como constituição estrutural do pensamento histórico, não seja perdido de vista, nos múltiplos processos do conhecimento histórico, em benefício das árvores dos processos particulares de conhecimento (RÜSEN, 2001, p.27)

Para mapear a origem das diferentes representações discursivas, foram analisadas as citadas produções acadêmicas sobre o Movimento de Santa Dica: Vasconcelos (1991), Brito (1992) e Gomes Filho (2012). Usando a teoria de Hayden White, procurou-se analisar cada uma dessas obras como “um texto cultural”, ou seja, uma narrativa sobre o passado que possui uma dimensão estética, argumentativa e ideológica. Isso explica a diferença de abordagem de cada autor, pois o passado não é unívoco e admite múltiplas possibilidades interpretativas, fazendo com que Santa Dica seja apresentada como uma camponesa revolucionária, como uma mulher à frente de seu tempo que tenta se desvencilhar de uma sociedade patriarcalista e machista ou uma líder carismática que conseguiu convencer um grupo de acólitos do seu caráter sagrado.

Outro aspecto importante e com consequências para a futura imagem de Santa Dica foi o seu “exílio”, quando a jovem vai para o Rio de Janeiro e depois para São Paulo. Nesse sentido foi realizada uma investigação histórica tradicional, buscando nos jornais da época informações para mensurar o prestígio da “santa” no Brasil. Foi importante perceber que a jovem e seus seguidores não eram guerreiros isolados, lutando contra o poder do Estado goiano. Vimos que existiu uma pressão feita pela Liga Espírita do Brasil, pressão essa dirigida diretamente ao governador do Estado para que Dica fosse libertada. Logo após sua libertação ela vai para o Rio de Janeiro onde recebe total assistência da Liga e interage com a alta sociedade carioca. Esses meses em que ela esteve fora de Goiás foi muito importante para o modo como Dica foi vista pelas elites políticas brasileiras e principalmente goiana. O sucesso da sua estadia em dois estados centrais da federação brasileira amenizou a resistência dos grupos políticos goianos. É como se ela deixasse de ser vista como uma agitadora e profana (na visão daqueles que a perseguiam) e passasse a ser vista como uma figura pública importante no cenário goiano ao longo dos anos.

A trajetória de Dica transita entre vários discursos³, seja os da imprensa goiana que queriam deslegitimar a sua atuação religiosa e política, seja os da imprensa carioca e paulista que reconheciam o seu valor religioso. Da imprensa, as representações discursivas se encorpam nas dissertações acadêmicas, mostrando o seu importante papel como uma líder social, religiosa ou mesmo um exemplo de liderança feminista.

Das dissertações acadêmicas e da memória popular, Dica foi tema de produções culturais relevantes. Atualmente, “Santa Dica” é uma das personalidades femininas mais conhecidas em Goiás, sendo objeto de dissertações acadêmicas e de livros literários (Sete Léguas de Paraíso de Antônio José de Moura). De poemas “Quando ela ficou moça/ficou santa/fez milagres (...)”⁴ ou ainda “Valei, minha santa! /Valei, Santa Dica! /em volta da pedra/ os homens pediam. (...)”⁵. De peça teatral como o monólogo: Santa Dica de Goiás: O dia em que o céu beijou a terra, de Antônio Carlos

³ Naturalmente, não é uma fala qualquer. São necessárias condições especiais para que a linguagem se transforme em mito. ... Mas o que se deve estabelecer solidamente desde o início é que o mito é um sistema de comunicação, uma mensagem. Eis por que não poderia ser um objeto, um conceito ou uma ideia: ele é um modo de significação, uma forma. Será necessário, mais tarde, impor a essa forma limites históricos, condições de funcionamento, reinvestindo nela a sociedade: isso não impede que seja necessário descrevê-la de início como uma forma. (BARTHES, 2012, p.199)

⁴ Jorge de Lima (Poemas) apud MOURA, 1989, p.7

⁵ Afonso Felix de Souza (O Amoroso e a Terra) apud MOURA, 1989, p.7

dos Santos. De produções cinematográficas: Santa Dica do Sertão, uma produção com a participação da Universidade de Brasília e Santa Dica de Guerra e de Fé (direção do jornalista Marcio Venicio Nunes). Ela foi homenageada também dando nome a uma escola: Escola Estadual Benedita Cipriano Gomes que está localizada na Rua do Comércio, Centro, no Distrito de Lagolândia, neste distrito também existem uma rua e uma praça com seu nome.

Assim, essa pesquisa pretendeu analisar como foram formados os diferentes discursos sobre “Santa Dica”, como esses discursos foram representados na historiografia e na cultura goiana. Uma das perguntas importantes a ser respondida pela pesquisa é como “Santa Dica”, inicialmente objeto de veneração pelas camadas mais pobres, gradativamente tornou uma “personalidade”, ao ponto de ser um símbolo cultural importante de Goiás e de ser conhecida nacionalmente nos meios cultos. Acreditamos que as diferentes imagens sobre Dica passaram pelo que Girardet (1987) denomina de “processo de heroificação”, ou seja, a transformação de um indivíduo comum ou até desprezado em certos momentos num indivíduo que se torna símbolo identitário de um povo. A importância simbólica de “Santa Dica” se mede pela recorrência de importantes estudos acadêmicos e obras culturais sobre a sua pessoa. Afinal, não é qualquer indivíduo que se torna temas de dissertações e tese de doutorado em universidade importantes do Brasil. Não é qualquer indivíduo que é retratado por Tarsila do Amaral ou por Jorge de Lima. Não é qualquer indivíduo que se presta a ser personagem principal de um escritor reconhecido nacionalmente como Antônio José de Moura.

O objetivo geral da pesquisa foi mapear alguns discursos sobre “Santa Dica” e desvendar como ela se tornou um ícone cultural em Goiás após seu exílio. Como objetivos mais secundários, analisamos a representação de Santa Dica na historiografia, na literatura, na produção áudio visual e no cotidiano da paisagem urbana de Lagolândia. Analisamos também o papel do espiritismo na positivação da imagem de Dica após o seu “exílio” que depois foi importante para ela se tornar um símbolo cultural.

A hipótese aqui exposta é que logo após o exílio, Santa Dica encontrou apoio institucional na Liga Espírita do Brasil, que a tornou conhecida nacionalmente e influente politicamente em Goiás. Após isso, a imagem de Santa Dica foi apropriada pelo pensamento marxista e feminista que respectivamente a viram como um exemplo

de liderança popular revolucionária e de mulher atuante social e da academia, as diferentes imagens de Santa Dica se espalharam para as obras culturais.

Vários autores serviram como referenciais teóricos usados neste trabalho. Para o estudo relacionados à teoria narrativa, usamos Hayden White e Jörn Rüsen. Na teoria da construção de heróis e líderes carismáticos, Raoul Girardet, Flávio Kothe, Pierre Nora e Max Weber. As fontes pesquisadas foram as obras historiográficas (que de acordo com a teoria narrativa também podem ser consideradas fontes de pesquisa), artigos de jornais da época em que Dica foi presa e posteriormente foi para o Rio de Janeiro e algumas obras culturais sobre Santa Dica, como um romance, um poema, uma pintura de Tarsila do Amaral e dois documentários. Além de serem relatados lugares onde possuem o nome de Dica, uma escola, uma rua e uma praça.

A dissertação foi dividida em três capítulos, no primeiro intitulado: Santa Dica na produção acadêmica, foi feita uma releitura de três obras acadêmicas procurando mostrar a imagem de Santa Dica em cada obra. Já no segundo capítulo: Santa Dica no Exílio (1926) mostra artigos de jornais relatando a ajuda da Liga Espírita do Brasil para soltura de Dica e para a positivação de sua imagem no cenário nacional e regional. Por fim temos o terceiro capítulo: Santa Dica na Produção Cultural, em que analisamos algumas obras culturais em que Santa Dica era tematizada.

CAPÍTULO I- SANTA DICA NA PRODUÇÃO ACADÊMICA

Neste capítulo serão analisadas três obras acadêmicas sobre Santa Dica, tendo como critério de exposição em ordem cronológica em que as referidas obras foram escritas. Isso porque a construção da imagem de Santa Dica foi relevante para transformá-la num ícone cultural. Primeiro será analisada a obra *Santa Dica: Encantamento do Mundo ou Coisa do Povo* de Lauro de Vasconcellos. Logo após, *A Construção de Uma Marginalidade Através do Discurso e da Imagem: Santa Dica e a Corte dos Anjos Goiás – 1923 a 1925*, de Eleonora Zicari Costa de Brito. Por último, *O Movimento Messiânico de “Santa Dica” e a Ordem Redentorista em Goiás (1923-1925)*, da autoria de Robson Rodrigues Gomes Filho.

Para analisar essas obras utilizaremos a ideia de Hayden White exposta em seu livro *Meta-História*. Segundo o autor a escrita da História é uma narrativa que comporta um conteúdo estrutural profundo poético e de natureza linguística.

Nessa teoria trato o trabalho histórico como o que ele manifestamente é: uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa. As histórias (e filosofias da história também) combinam certa quantidade de “dados”, conceitos teóricos para “explicar” esses dados e uma estrutura narrativa que os apresenta como um ícone de conjuntos de eventos presumivelmente ocorridos em tempos passados (WHITE, 2008, p.11).

White usou como ponto de partida para apoiar sua teoria obras de renomados historiadores e filósofos da história do século XIX. Extraíndo delas pontos essenciais que podem ser replicados nas mais variadas obras. Existem três tipos de estratégias que são usadas pelos historiadores para alcançar as variáveis de “impressão explicativa. White as denominou como: explicação por argumentação formal, explicação por elaboração de enredo e explicação por implicação ideológica. No interior destas estratégias o autor ainda identifica quatro possíveis modos de articulação (WHITE, 2008)

Para o autor a historiografia é uma narrativa devidamente estruturada, escrita em prosa em que o objetivo é servir de descrição referente a processos já acontecidos. Ou ainda, o trabalho histórico é composto pelos fatos, por um enredo, de explicações de valor teórico e de um cunho ideológico. Mais adiante explicaremos os desdobramentos dessas estratégias. Vejamos o que diz Hayden White sobre o trabalho do historiador:

A fim de alcançar esses alvos, considerarei o labor histórico como o que ele manifestamente é, a saber: uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa que pretende ser um modelo, ou ícone, de estrutura e processos passados no interesse de explicar o que eram representando-os (WHITE, 2008, p.18)

Na explicação por elaboração de enredo temos a modalidade onde a “estória” é contada, constituindo-se na via pela qual o autor sequencia os eventos de maneira a revelar os fatos. White enumera quatro categorias de elaboração de enredo: estória romanesca, sátira, comédia e tragédia.

Na estória romanesca existe um drama que é um processo de auto identificação, no qual o herói transpassa as experiências do mundo e o vence ao final, libertando o mundo de tais experiências. É onde o bem triunfa sobre o mal. O homem ressurgue perante a queda. É uma transcendência do homem perante o mundo. Já a sátira é o oposto da estória romanesca. É um drama no qual o homem está preso pelas forças mundanas. A força humana não consegue vencer as forças que a torna cativa do mundo e, por isso todas as visões sobre o mundo são inadequadas. (WHITE, 2008, p.24)

Já na comédia e na tragédia há uma possibilidade de libertação pelo menos em partes. A comédia é tecida através das conciliações, buscando um triunfo temporário durante as ocasiões festivas. São momentos de uma harmonia com seu mundo e sua sociedade. Na tragédia existem terríveis fatos de divisão. O protagonista cai no final. Mas, para aqueles que estavam assistindo a luta entre o bem e o mal, é gerado um conhecimento. Este conhecimento gira em torno de resignações do homem com as condições de luta contra o mundo onde vive. Aprende também que as condições de vida são inalteráveis e que existem limites para sua vivência. Mas o protagonista sai fortalecido no final, pois incorpora a experiência trágica. (WHITE, 2008, p.24).

A explicação por argumentação formal busca a explicação do que acontece na estória mediante a invocação de princípios de combinação. São os tipos de explicação os quais os historiadores recorrem para organizar suas narrativas. White enumera quatro tipos: formista, organicista, mecanicista e contextualista.

A teoria formista têm a função de caracterizar os objetos que compõem o campo histórico. Deixando claro suas características individuais. Para Hayden White o formista dá seu trabalho como finalizado quando: “um dado conjunto de objetos foi convenientemente identificado, seus atributos de classe, genéricos e específicos, foram marcados, e as etiquetas que atestavam essas particularidades foram

colocadas.” (WHITE, 2008, p.29) A teoria formista é dispersiva e mesmo quando busca uma generalização lhes falta precisão de conceito.

Já a teoria organicista é integrativa, existe uma ligação do pequeno, da parte com o todo. Tudo é componente de um processo mais amplo. Os historiadores que usam essa estratégia constroem suas narrativas focalizando em uma forma final, em que eventos dispersos se consolidam em um grande evento. “Os idealistas em geral, e os pensadores dialéticos como Hegel em especial, representam esse modo de abordar o problema da explicação dos processos discernidos no campo histórico.” (WHITE, 2008, p.30) A história escrita pelos organicistas tende a determinação do fim, eles têm uma meta para onde converge todos os processos do campo histórico.

A teoria mecanicista se apoia em leis de causa determinam quais serão os resultados de processos pesquisados no campo histórico. Para os mecanicistas existem relações de parte com parte quando se estuda os objetos do campo histórico. As configurações que se formam ao agrupar as partes são regidas por leis, que governam as interações. Para White os historiadores mecanicistas escrevem a história com uma perspectiva de mostrar em uma forma narrativa os resultados dessas leis. (WHITE, 2008, p.32)

No contextualismo os eventos podem ser explicados quando os mesmos são colocados dentro de um contexto. O campo histórico aqui é composto por vários contextos que se interligam através de inter-relações funcionais, que acontecem em um mesmo tempo e em um mesmo lugar. Segundo White: “Como estratégia de explicação, o contextualismo procura evitar tanto a tendência radicalmente dispersiva do formismo quanto as tendências abstrativas do organicismo e do mecanicismo.” (WHITE, 2008, p.32)

Na teoria contextualista os fatos estudados existem dentro de um contexto que apesar de não integrar de maneira sólida todo um conjunto de acontecimentos, interliga-se com outros fatos e contextos dentro de certos limites. Se reúnem dentro de uma cadeia de caracterizações peculiares que dão significado ao objeto estudado, mesmo que esses significados sejam provisórios.

Para fechar a tríade de estratégias propostas por Hayden White, temos a explicação por Implicação Ideológica. As fronteiras ideológicas de uma narrativa histórica são seus elementos éticos. Na sua postura pessoal o autor reflete quais são as implicações de um estudo do passado na realidade atual. Vejamos o que diz White sobre o assunto: “Assim como toda ideologia é acompanhada por uma ideia específica

da história e seus processos, toda ideia da história é, também, afirmo, acompanhada por implicações ideológicas especificamente determináveis.” (WHITE, 2008, p.38) Ou seja, toda narrativa está permeada de ideologia, assim como toda ideologia está permeada de uma narrativa que lhe dá forma e coerência, uma narrativa que vêm antes da própria ideologia, sua base. Os quatro tipos de explicações por implicação ideológica propostos por Hayden White são: anarquismo, conservantismo, radicalismo e liberalismo.

Conservadores e liberais acreditam que a sociedade é sólida. Para eles quando é necessária uma mudança, que a mesma ocorra apenas em partes da sociedade. Os conservadores tendem a ver as mudanças como uma transformação lenta e gradual, quase que imperceptível, que não provoque rupturas. Já os liberais veem as mudanças como ajustes, sintonias finas de um processo mecânico. Para ambos a mudança é mais eficaz quando se modifica as partes e não toda estrutura. Os conservadores trabalham com as mudanças dentro de um ritmo natural, já os liberais preferem expor um ritmo social, proposto pelos debates entre as partes da sociedade.

Já os anarquistas e radicais acreditam que há uma necessidade de transformação estrutural. Os anarquistas tentam acabar com a sociedade, e trocá-la por uma comunidade de pessoas onde exista um sentimento de humanidade em comum. Já os radicais propõem refazer uma sociedade sob bases novas. Radicais e anarquistas tendem a fazer uma ruptura com o sistema vigente no presente, não há visão de uma utopia no futuro, os processos precisam mudar imediatamente.

Para a caracterização de objetos em diferentes discursos, sejam indiretos ou mesmo figurados, Hayden White descreve “A Teoria dos Tropos”. São quatro tropos básicos: metáfora, metonímia, sinédoque e ironia. Na metáfora os fenômenos podem se caracterizar através da semelhança ou diferença com outro. Na metonímia um nome da parte de uma coisa pode substituir um todo. Na sinédoque que é considerada por muitos como uma forma de metonímia, um fenômeno pode ser destacado usando uma parte para simbolizar uma qualidade. Já a ironia utiliza-se da negação para caracterizar entidades. WHITE, 2008, p.48)

Para Hayden White, a percepção ética de uma obra histórica se dá quando a formulação estética (enredo) e a operação cognitiva (argumento) combinam-se para produzir enunciados de prescrição de algo. Não são mais dados descritivos e analíticos. A moralidade (nesse caso, a implicação ideológica) é o que faz a ligação entre os fatos narrados dentro de um enredo e a explicação científica (por

argumentação formal), dando coesão entre enredo e a formalidade. (WHITE, 2008, p.41). Essa teoria da narrativa de Hayden White vai ser a base para analisarmos as obras acadêmicas produzidas por historiadores, sobre Santa Dica”

1.1 – Santa Dica: Encantamento do mundo ou coisa do povo

Antes de analisarmos o livro em si, vamos tentar revelar um pouco sobre o contexto de sua produção: o texto foi escrito originalmente como uma dissertação de mestrado apresentada, em 1984, como trabalho final em Sociologia Rural, cursado na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, em Piracicaba. A dissertação em questão foi influenciada pelo pensamento sociológico entre os anos 1970 e 1980, especialmente na Universidade de São Paulo, da qual a Escola Luiz de Queiroz fazia parte. O pensamento sociológico gravitava em torno de Florestan Fernandes, conforme evidencia Astor Diehl:

Outra tendência parte exatamente da posição de Florestan Fernandes e da “Escola Paulista de Sociologia” com a proposta de redefinição do projeto e do papel das ciências sociais no contexto brasileiro. Fernandes toma alguns dos dilemas da automatização cultural e para tal projeto indica novas dimensões das dificuldades que poderiam lograr mudanças substanciais na América Latina através do conhecimento científico. Para o autor a revolução dentro da ordem ou contra a ordem – não é criação dos sociólogos, mas um fato da sociedade. As “potencialidades explosivas” da América Latina não nos devem fazer esquecer quão fracas e inconsistentes ainda são as impulsões revolucionárias (nacionais ou socialistas) na maioria dos países. Mais forte e encarniçada que elas, até o presente, são as forças contra-revolucionárias, internas e externas, unificadas pelo subdesenvolvimento e pelo capitalismo dependente (DIEHL, 1993, p. 38)

Percebemos, a partir do texto citado, que imperava na Universidade de São Paulo uma concepção de marxismo que corroborava modificações na estrutura social latino-americana por meio de revoluções “dentro ou fora da ordem” afim de acabar com o domínio do latifúndio improdutivo e da burguesia mercantil.

Lauro de Vasconcelos produziu a sua dissertação sobre a influência direta desse marxismo típico da Escola Paulista de Sociologia. Um dos autores mais citados no seu trabalho é José de Souza Martins⁶, do qual utilizou os seguintes livros:

⁶ José de Sousa Martins foi aluno de Florestan Fernandes. De acordo Soto (2016, p. 1055) com ele “não só prolonga as ideias, os temas e os métodos do grupo de Florestan Fernandes, mas também propõe novos problemas sociológicos e, principalmente, traz um ponto de vista original, a partir de uma perspectiva teórica e metodológica.” (SOTO, William Héctor Gómez. Sociologia e história na obra de José de Souza Martins. Revista Sociedade e Estado. Brasília. Vol. 31, n.spe, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000501051

capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil, Os camponeses e a política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político, Expropriação e violência – a questão política no campo. O título dessas obras são indicativos de uma concepção de mundo que vê com bons olhos a luta no campo como forma de transformação social no Brasil. Esse viés teórico vai ser decisivo no seu modo de interpretação do movimento liderado por Santa Dica em Goiás.

A dissertação de Lauro de Vasconcelos foi o primeiro trabalho sobre o movimento camponês sobre Santa Dica. O seu interesse por esse tema tem um propósito benjaminiano (embora ele não cite esse autor) de resgatar a história dos vencidos:

Santa Dica é uma iluminada e qualquer profeta com fórmulas cabalísticas ou curandeiros com poções mágicas atraem grande clientela” foi a frase-chave de um brasilianista, Lynn Smith (1967) – que, descrevendo a religiosidade do povo brasileiro, fez despertar minha curiosidade em conhecer melhor essa “iluminada” que os livros de história do Brasil não registravam e que, mesmo no estado de Goiás, onde nasceu e viveu, é pouco conhecida da população. Quem dela sabe alguma coisa fala reproduzindo as lendas criadas pelos grupos dominantes para denegrir sua imagem. Até hoje, o grande público não consegue identificá-la como líder de um movimento social de cunho religioso, tal como Conselheiro ou Padre Cícero, os mais conhecidos neste país (VASCONCELLOS, 2013, p.22).

Percebemos, a partir do texto citado, o seu interesse de não apenas estudar o tema Santa Dica, mas, principalmente, resgatá-lo das avaliações negativas feitas pelos grupos dominantes e colocá-lo como um dos movimentos sociais camponeses paradigmáticos do Brasil. Desse modo, Vasconcellos, em sua obra, considera Santa Dica como uma líder camponesa e revolucionária, tendo a religião como ferramenta de coesão e ação em busca de um reordenamento social para que as desigualdades sejam eliminadas. A princípio considerar movimentos religiosos como revolucionários parece incoerente com a perspectiva marxista mais clássica, contudo ele esclarece que:

Chamo de movimento social religioso aquele que eclode na sociedade buscando operar uma mudança, seja na ordem econômica, seja na ordem política, ou em ambas, e que procura mobilizar as populações para alcançar essa nova ordem. A religião é o elemento propiciador dessa mobilização, porque possibilita aos proponentes das transformações vencer as resistências terrenas dos participantes, bem como tolher, muitas vezes a repressão institucional (VASCONCELLOS, 2013, p.30)

Então, unidos pela religião as pessoas que ali se encontravam buscavam derrotar as amarras de uma sociedade de classes e altamente desigual, para que pudessem desfrutar em vida os benefícios que Santa Dica os propunha mesmo que isso resultasse em uma discordância das classes dominantes e um possível embate físico.⁷ “O movimento social se apresenta, assim, como um elemento capaz de reequilibrar a sociedade, e, com ele, surge uma nova ordem de vida” (VASCONCELLOS, 2013, p.32).

Em sua análise, ele minimiza o caráter teológico do movimento e prioriza as possíveis mudanças econômicas e políticas que poderiam ocorrer por meio dele. Assim, Santa Dica aparece como organizadora e visionária de um mundo melhor. Essa interpretação do movimento é consequência do posicionamento do autor em relação à mudança social. De acordo com Hayden White (1995, p. 39), quanto a perspectiva ideológica, o posicionamento de alguém que defende mudanças estruturais na sociedade para reconstruí-la sobre novas bases pode ser denominado de “radical”. Historiadores marxistas via de regra pode ser considerados “radicais” quanto mudança social, já que possuem uma utopia de sociedade e acreditam que a revolução social é o meio mais adequado de realizar historicamente essa utopia.

Esse desejo de mudança na ordem social está presente em Lauro de Vasconcelos. Num artigo produzido pela Secretária de Comunicação da UFG, como convite para lançamento da 2ª edição do seu livro, afirma-se:

Lauro sempre direcionou sua vida acadêmica e sua militância política para compreender e, em muitos casos, defender os trabalhadores mais desassistidos do campo. O trabalho sobre Santa Dica também tem esse viés. O autor analisa como a mulher simples conseguiu, pela vontade popular, se transformar em uma ameaça ao poderio secular dos coronéis do interior goiano e formar uma espécie de milícia paramilitar que chegou a enfrentar tropas oficiais em um encarniçado tiroteio (SECOM, 30 jan. 2014)

Esse posicionamento ideológico do autor favoravelmente a uma transformação estrutural na sociedade o faz contar a história do movimento em torno de Santa Dica, organizando um enredo no qual se busca mostrar “e outro lado, ou seja, a visão do dominado, quase nunca é mostrada” (VASCONCELLOS, 2013, p.25) e descobrir o “verdadeiro sentido” da participação de Dica “na mudança da ordem vigente” (p. 19).

⁷ Há, portanto, uma diferença de experiência religiosa que se explica pelas diferenças de economia, cultura e organização social – numa palavra, pela história. (ELIADE, 2018, p.22)

A sua proposta é desconstruir um enredo falso construído pelos grupos dominantes – uma ideologia no sentido clássico marxista - que considerava Santa Dica simplesmente como uma fanática religiosa ou uma criminosa e construir um novo enredo no qual o seu papel histórico fosse destacado. Sobre isso ele afirma;

Estava conhecendo os fatos através da ótica do dominante, por uma *linguagem filtrada*, ou seja, por processos, artigos de jornais, anotações eclesiásticas e outros meios. Era preciso conhecer então o outro lado da moeda (VASCONCELLOS, 2013, p. 20).

Como afirma Hayden White (1995, p. 45), o historiador procura fazer uma explicação e representação do passado “em seus próprios termos” e “não nos termos que vêm rotulados nos documentos” para a construção de uma narrativa coerente sobre esse passado.

Para construção dessa narrativa, um dos requisitos é encontrar uma maneira de explicar o jogo de forças que povoam o campo histórico. O mecanicismo é uma tentativa de explicar o passado, vendo “o ato dos agentes que povoam o campo histórico como manifestações de agências extra históricas” (White, 1995, p. 31). Utilizando esse modelo de explicação, Vasconcellos vai analisar o movimento de Santa Dica, destacando que

Não se trata de um retrato instantâneo com figuras estáticas, pois, ao mesmo tempo que tento a reconstrução do que foi Anjos, procuro verificar seu relacionamento com o mundo envolvente e com a ordem política, econômica, jurídica e religiosa vigente nessa sociedade. Procuro também observar se o grupo que se reuniu em torno da santa buscava a construção de uma nova ordem social, refazendo a sociedade à sua maneira e procurando um novo relacionamento entre os homens. Portanto trata-se de um trabalho histórico-sociológico. (VASCONCELLOS, 2013, p.25)

Percebemos que para o autor Santa Dica deve ser vista como uma representante de um grupo ou de uma classe social. É justamente esse caráter classista que deve ser levado em conta na explicação do movimento. A pessoa de Dica e tudo que foi construído em volta dela, seja o movimento, sejam suas histórias, só fazem sentido quando se estuda como era formada a sociedade goiana da época, nos seus aspectos, social e econômico. E como esses aspectos proporcionaram um terreno fértil para o desenvolvimento do movimento. Então, para Vasconcellos, estava solidificada em Goiás na década de 1920 uma sociedade onde fosse possível formar um movimento de tal magnitude. Numa linguagem marxista, era preciso “conhecer

quais eram as relações sociais de produção em Goiás até 1930.” (VASCONCELLOS, 2013, p.25).

A necessidade de conhecer as relações de produção é porque elas constituem uma causa que mecanicamente determina as ações dos sujeitos históricos. Por isso a descrição do contexto socioeconômico de Goiás é tão importante:

Se era Goiás fornecedor de matérias-primas para os estados que iniciavam sua industrialização, seu pequeno orçamento, dependente da venda daquelas matérias, não lhe permitia um investimento em seu próprio desenvolvimento. Sua vasta extensão, sua população rarefeita, sua escassa rede de comunicação, são apontados como elementos que possibilitaram a dominação por parte de grupos familiares – em geral grandes proprietários de terra -, da política e do poder. (VASCONCELLOS, 2013, p.27)

Percebemos, então, que há encadeamento de causas que se entrelaçam a partir a posição periférica de Goiás no capitalismo brasileiro como mero fornecedor de produtos primários, o que propicia o surgimento de um tipo especial de sujeitos históricos: as grandes famílias oligárquicas donas de vastos latifúndios que são a base do coronelismo goiano. Por isso, o capítulo segundo do livro, denominado “O espaço e tempo”, no qual se pretende mostrar os aspectos econômicos, políticos e sociais de Goiás.

Na época da eclosão do Movimento de Santa Dica, a sociedade goiana era marcada pela ruralidade:

Conjugando dois fatores – número de pessoas que se dedicam ao trabalho do campo e o pequeno número de habitantes das cidades -, pode-se inferir que a população de Goiás era essencialmente rural e que as cidades ou vilas existiam em função da comercialização dos excedentes ou do atendimento de funções administrativas (cobranças de impostos, transmissões de posses etc.) e serviços (educação, saúde e religião). (VASCONCELLOS, 2013, p.81)

Apresentando dados estatísticos, o autor chega à conclusão que Goiás na década de 1920 era um estado com uma população na sua maioria esmagadora vivendo no campo. A força de trabalho estava no campo, era ali onde as pessoas em geral deveriam provir seu sustento. As cidades existentes sustentavam-se economicamente com o comércio e com os serviços administrativos ou burocráticos.

Para Vasconcellos Goiás era um estado periférico e pobre, com uma sociedade altamente desigual em que propriedade da terra era fator de poder e decisão.

É importante reafirmar que as oligarquias goianas, sendo ou não constituídas por proprietários rurais, buscavam neles sua base de sustentação. Tais proprietários, coronéis de patente ou envelope, dominavam a política municipal que servia de pilar a política estadual. Esses coronéis foram, com o tempo, cedendo lugar aos coronéis-médicos que chegavam ao estado e ingressavam nas lutas políticas, mas sempre protegidos por latifundiários. (VASCONCELLOS, 2013, p.101).

A sociedade goiana era formada na sua camada superior por oligarquias compostas principalmente por famílias que possuíam o poder regional desde o século XIX. Mesmo que segundo o autor com o passar do tempo os proprietários de terra não se envolvessem diretamente mais com a política eram deles a palavra final sobre qualquer assunto, seja na esfera municipal seja na esfera estadual. Por outro lado, em contraposição aos proprietários de terras e seus aliados nas cidades, havia a classe dominada:

Mas a grande parte da população se achava mesmo na classe baixa ou dominada da sociedade. Aí estavam aqueles que se entregavam ao trabalho da terra, na lavoura ou pecuária, como camaradas, parceiros, arrendatários ou simples agregados. Os trabalhadores rurais compunham 23,2% da população do estado. É preciso ressaltar que, sendo Goiás um estado com grandes proporções de terras desocupadas, sem qualquer tipo de industrialização que pudesse ocupar a mão de obra que não a familiar, era o latifúndio que fornecia possibilidade de emprego ou subsistência àqueles que não possuíam os instrumentos de trabalho ou capital para desenvolvimento de atividade no campo. Além dos trabalhadores na terra, a sociedade goiana era constituída de 71,5% de pessoas que, segundo o Censo, ou não tinham profissão ou tinham profissões maldefinidas ou não declaradas. (VASCONCELLOS, 2013, p.104)

Quando o cidadão não conseguia mais empregar a sua força de trabalho dentro de uma produção familiar era ao grande proprietário de terras a quem ele recorria, formalizando assim um contrato de trabalho que era muito oneroso para o trabalhador. Como em Goiás naquela época a indústria era inexistente o autor conclui que aqueles que não conseguiam trabalho com o grande latifundiário em condições de exploração extrema ficavam a mercê de uma vida miserável sem ninguém para recorrer. Grande parte então daquelas pessoas que se agruparam aos movimentos messiânicos era esse tipo de gente que não tinham mais para onde ir ou onde empregar sua força de trabalho.

Por isso que nas regiões periféricas, rurais, pobres, desiguais, com uma elite agrária, é um lugar propício para o surgimento dos movimentos sociais religiosos. O que aconteceu em Goiás com Santa Dica não deve ser visto como um caso isolado,

mas uma regra geral. Assim, o primeiro capítulo do livro analisa casos similares que ocorreram em outras regiões no país: canudos, juazeiro, contestado e Mucker. Para o autor, a localização rural desses movimentos era decorrência das desigualdades mais latentes no campo. As forças que geravam essas desigualdades eram exteriores ao campo, advindas das novas formas de relações de produção introduzidas no campo pelo capitalismo.

Os capítulos sobre os movimentos sociais religiosos brasileiros e sobre o contexto socioeconômico e político de Goiás tem a função de “explicar” o caso Santa Dica. Eles respondem a pergunta de que pela qual razão esse movimento aconteceu. Faz isso ao generalizar e colocar o movimento numa situação geral, numa classe ou conjunto de eventos. Essa explicação é mecânica, porque a estratégia se baseia numa relação de causa e efeito que permite pensar o passado regulado por regras. Isso seria comum a praticamente toda visão marxista de mundo: “quando dizia que sua concepção da história era materialista-dialética, o que Marx queria dizer era que concebia os processos da infraestrutura da sociedade mecanicisticamente.” (1995, p. 296)

A infraestrutura socioeconômica da sociedade é a chave causal para a compreensão do modo como os diferentes indivíduos se articulam em termos de classe social. Em lugares industrializados, os movimentos sociais libertários são compostos por proletários liderados por um partido de vanguarda. Mas em regiões rurais, a consciência da desigualdade social não é direta, mas mediada pela religião. É por meio dela que os camponeses se identificam como sujeito explorado e se articulam para a alteração da ordem vigente. Assim afirma o autor que:

É dessa forma que em uma sociedade agrária só pode existir um tipo de movimento social, no qual se oponham proprietários e não proprietários. Por fim, o princípio da totalidade é o sistema de ação histórica no qual os atores, situados na dupla dialética da criação e do controle, buscam a dominação. (VASCONCELLOS, 2013, p.34)

Na interpretação de Vasconcellos, o significado mais profundo do Movimento de Santa Dica foi a percepção por parte dos camponeses das relações desiguais de classe que moldavam a existência. Perceberam que existem duas classes: aquela que detêm o controle, nesse caso a posse, de uma maneira ou de outra da terra; e aquela que não há têm. Durante o desenvolvimento do movimento, as pessoas que ali estavam começaram então a perceber que essa relação dual existia e viram ao

mesmo tempo que, para que se desvencilhem de tal situação, algo teria que ser feito. A religião aparece então como mobilizadora das expectativas de uma nova ordem social mais justa, fazendo com que os camponeses que participam desses movimentos creem, com um favor religioso, que o domínio ou a opressão que sobre eles se abate irá ter fim (VASCONCELLOS, 2013, p.38).

A infraestrutura não só propicia essa emergência de uma consciência de classe, mas também é o principal fator explicativo para a singular liderança desses movimentos sociais na forma de líder messiânico:

Então, para que haja movimento é necessária a presença do líder. Líder, messias, profeta ou redentor é a pessoa considerada portadora de dons sobrenaturais e capaz de realizar uma missão para qual o homem comum não estaria preparado. Para que sua missão possa se concretizar, esse líder – que muitas vezes se autoproclama esse *status* – necessita que seus adeptos acreditem na veracidade de seus dons. (VASCONCELLOS, 2013, p.40)

Explicado como o movimento se gerou, ou como o movimento foi gerado a partir de todo um contexto existente na sociedade local, o autor parte para a análise da importância do líder para a concepção do movimento. Para acabar com as misérias terrenas resultantes de uma sociedade conflituosa, é preciso que uma pessoa se destaque, não apenas a nível de orientação prática ou condução material do movimento. Essa pessoa precisa ter um algo mais, dons especiais, uma ponte entre o físico e o metafísico. Ela é diferente de todos, consegue agregar as pessoas, aconselhar, vislumbrar um futuro melhor e ser capaz de aliviar as dores carnis e espirituais. Ao mesmo tempo é uma revolucionária, no caso de Dica é uma camponesa revolucionária. Revolucionária a ponto de libertar os que a seguem das amarras da desigualdade geradas por um sistema opressor. Vasconcellos subestima o caráter religioso do líder messiânico em detrimento do seu caráter político: “a proposta religiosa dos salvadores, profetas, curadores ou caudilhos, muitas vezes, serve apenas de pretexto para encobrir ou possibilitar a recusa daquele grupo à situação que vive presentemente.” (VASCONCELLOS, 2013, p.45)

Após explicitarmos a posição ideológica e os argumentos utilizados pelo autor explicar o passado em termos causais, veremos a partir de agora como ele organiza os fatos referentes a Santa Dica em um enredo narrativo inteligível com começo, meio e fim. Nessa etapa, o historiador escolher determinados fatos em detrimentos de outros, escolhe alguns como “fatos iniciais” e escolhe outros como “fatos finais”; enfim

produz o que Hayden White denomina de “estória”. Ao analisar a concepção de história de Marx, White afirma que ele enreda os fatos numa estrutura inicialmente trágica - o predomínio da alienação e da desigualdade social –, mas que se desembocaria num final cômico – o advento da revolução social e de uma sociedade igualitária. Marx era um “filósofo da história” e estava refletindo sobre toda a história da humanidade. Já os historiadores marxistas, como é o caso de Lauro de Vasconcellos, tendem a analisar acontecimentos mais circunscritos.

Acreditamos que o enredo utilizado por Vasconcellos para urdir os fatos relacionados a Santa Dica é a tragédia. De acordo com Hayden White (1995, p. 34) “na tragédia não há ocasiões festivas, salvo as falsas e ilusórias”; com efeito, todo o modo específico de organização dos camponeses no reduto criado pela Santa, questionando os princípios da ordem vigente, resultou-se numa ilusão. Uma efêmera experiência de autonomia camponesa no sertão goiano. O final da história, com a expulsão dos camponeses pela polícia e a prisão de Santa Dica, indica que “há sugestões de estados de divisão entre os homens ainda mais terríveis do que aquele que incitou o trágico *agon* no início do drama” (p. 24).

Vasconcellos inicia a sua “estória” sobre o Movimento de Santa Dica, utilizando um esquema narrativo progressivo, no qual a menina Benedita Cypriano Gomes, após um suposto ressuscitamento, passa ser vista como *curandeira*, depois como uma *milagreira*, que se transforma numa *profetiza* até ser reconhecida como *santa* pela população sertaneja e como um *demônio* pelas classes dominantes “Vê-se assim que Santa Dica seguiu as etapas previstas na prática social do sertão: para se tornar uma especialista no controle mágico das atividades humanas foi curandeira, milagreira, profetisa e santa.” (VASCONCELLOS, 2013, p.119). Todas essas categorias são explicadas pela devoção popular ou pelo preconceito dos políticos, contudo há mais uma categoria que perpassa toda a narrativa: *a líder revolucionária camponesa*.

O esquema narrativo utilizado pelo autor divide a “estória” em dois momentos: um movimento voltado para satisfazer necessidades religiosas que se transforma gradativamente num movimento de contestação social. Como o autor afirma na introdução:

Aquele *ajuntamento* que começa com a busca de cura para os males físicos e espirituais por parte de pessoas simples, trabalhadores da terra e submissos aos proprietários rurais, ultrapassa as necessidades iniciais, estabelecendo as contradições entre dominantes e dominados. (VASCONCELLOS, 2013, p. 21).

Então, as motivações religiosas dos camponeses só interessam ao autor como pano de fundo para uma maior conscientização política e social. Seja como for, o carisma religioso de Dica faz com que, com o passar do tempo, ocorra o aumento da sua popularidade para além do município; pessoas que ouviam falar sobre os milagres da jovem começam a se deslocar para a região da Lagoa.

Ao ser vista como uma “santa” pelos sertanejos, o reduto se enchia de pessoas que buscavam ali milagres, proteção e, talvez, um mundo melhor. Vasconcellos destaca o carisma da jovem que, para seus seguidores, participava de reuniões com legiões de anjos, constituindo-se numa ponte entre o sagrado e o profano. Passou a ser vista pelos camponeses como a mulher que iria livrar dos males terrestres (a fome a falta de trabalho, as doenças e os maus do espírito), prometendo a eles um paraíso. Mesmo buscando satisfação de natureza religiosa, o autor não deixa de culpar as relações de produção que produzia essa multidão de marginalizados:

Os primeiros dados que se tem respeito do que seria o reduto onde os anjos vinham falar com sua representante na Terra – Santa Dica – dão conta de que se faziam ali promessas de cura de moléstias curáveis e incuráveis, pois era essa a necessidade daqueles que se achavam inválidos para o trabalho produtivo e, portanto, marginalizados... (VASCONCELLOS, 2013, p.126)

Romarias de camponeses, que chegariam ao número de 60 mil em dois anos, se dirigiam ao povoado de Lagoa, que gradativamente começou a atrair novos moradores para o local e se organizar economicamente.

A produção de alimentos e outros bens não passava, na Mozondó, além da subsistência, trabalho ao qual se dedicavam todos os membros da família ou agregados que com ela vivessem. Essa propriedade e, especialmente, o vilarejo ganharam notoriedade, passando a despertar a atenção da sociedade circundante ou envolvente, quando foram conhecidos e divulgados os primeiros milagres que ali operava uma jovem. Foi a partir daí que “várias pessoas construíram casas de alvenaria cobertas de telha, nelas passando a residir”. (VASCONCELLOS, 2013, p.124)

Para o autor, o principal fator para ou propaganda para que as pessoas deixassem suas casas, às vezes muito distantes do reduto, e passassem a residir ali, eram os milagres da santa. Mas a razão principal era a busca por uma vida melhor, com mais oportunidades em uma sociedade tão desigual. “Entretanto, todos esperavam que, dentro de uma visão sertaneja do mundo, dali poderia surgir uma sociedade nova, construída ou reconstruída na região do sagrado. Era a crença popular baseada na magia religiosa.” (VASCONCELLOS, 2013, p.125)

Com o crescimento do reduto e a vivência de pessoas que até então não se conheciam, foi preciso começar a organizar a vida em comunidade. Como dito anteriormente, a sociedade ali estruturada tinha a jovem Dica como figura principal, e era ela quem ditava as ordens para o ordenamento do reduto. Segundo o autor, Dica dizia receber essas ordens dos anjos que ela conferenciava. Aqui é interessante percebermos o papel de orientadora e revolucionária de Dica, pois as novas leis seriam ditadas pelos santos através dela; as antigas leis não mais valiam nessa nova sociedade.

A partir daí, o movimento moldado por interesses religiosos transmuda-se para um com repercussões políticas, ocorrendo “a tomada de consciência das transformações que se operavam no mundo envolvente e da reação da classe dominante ao reduto” e a emergência de um projeto de uma nova sociedade em “que não haveria propriedade privada e cada qual teria satisfeitas todas suas necessidades básicas.” (VASCONCELLOS, 2013, p.128).

O autor divide o movimento de Santa Dica em duas partes. A primeira é caracterizada pela união, ou seja, pelo ajuntamento de pessoas em torno de Dica e dos novas ideias que vinham de encontro ao anseio daqueles que procuravam pela jovem. Foi formada no reduto uma nova concepção de sociedade baseada na religião. Vasconcellos, desde o início da obra aqui analisada, dá ênfase à característica social do movimento, sem negar a importância da religiosidade, mas a religião tinha como finalidade transformar aquela sociedade, criando uma expectativa de organização social muito parecida até com a sociedade comunista idealizada por Marx. Talvez aqui tenhamos o ponto principal do enredo construído por Vasconcellos: Dica pregava uma vida coletiva, sem propriedade privada, onde todos teriam suas necessidades de primeira ordem atendidas.

Os habitantes dos redutos eram basicamente camponeses, acostumados às formas tradicionais de trabalho, “como meeiro, parceiros, arrendatários ou camaradas.” (VASCONCELLOS, 2013, p.134). Dica propôs novas formas de ocupação, com base no trabalho coletivo e a partilha daquilo que fosse produzido, o que era de um era de todos, “recebendo cada um conforme sua necessidade.” (VASCONCELLOS, 2013, p.134). A ideia era coletivizar os meios de produção e acabar com a propriedade individual das terras: “a santa indicou a posse coletiva da terra, instrumento de trabalho necessário aos que lá se encontravam, como uma solução ao problema de subsistência daquele povo.” (VASCONCELLOS, 2013,

p.134). Por essa proposta de alteração nas relações sociais, Vasconcellos vê Santa Dica como uma espécie de uma camponesa revolucionária.

Se por um lado, a sociedade circundante se sentia ameaçada pela presença de desocupados no recito da Lagoa, por outro, os habitantes deste passaram a sofrer restrições por serem adeptos a santa. Isso fez com que tomassem consciência de pertencerem a um grupo diferente, grupo esse que deveria construir uma nova sociedade, na qual pudessem reger seu próprio destino. Nesse momento, o líder carismático assume importância e tenta dar soluções para a contradição que se estabelece no seio da estrutura de dominação. Havendo, então, uma ligação estreita entre o líder e o momento histórico em que vive, aquele é que irá determinar a direção a ser seguida por seus adeptos, pois, concebendo novas ideias a respeito do mundo e das coisas, as colocará em prática tão logo as possibilidades se mostrem favoráveis. (VASCONCELLOS, 2013, p.133)

Após mostrar que os habitantes do reduto adquiriram uma certa consciência de classe, o autor inicia o desenrolar trágico da narrativa. Ele demonstra que os segmentos dominantes se articulam e iniciam uma campanha contra a imagem de Dica, acusando-a da prática de curandeirismo e crime contra saúde pública. A presença dos devotos de Dica não só começou incomodar os coronéis de Pirenópolis, mas também provocou indignação em parte da Igreja Católica, especificamente na Ordem dos Redentoristas. Desse modo:

Mas o grupo ou classe dominante, não podendo deixar o exercício de sua dominância, passou a hostilizar o reduto e a fazer pressão sobre os dominados para que, rejeitando a liderança carismática, se submetessem à sua liderança, aceitando-a e legitimando-a. ... Através das instituições reprodutoras do sistema, como a Justiça e Igreja, é que os grupos dominantes buscavam a repressão do governo àqueles que consideravam seus inimigos ou uma não sociedade, não humanidade. (VASCONCELLOS, 2013, p.140)

Os coronéis se incomodaram especificamente com a recomendação da Santa que proibia o trabalho nos dias de sábado, domingo e feriados santos. Essa proibição estava registrada na Carta Sagrada, documento de inspiração divina que regia a vida no reduto. Isso contrariava as leis da época, que indicavam como dias de descanso apenas os domingos e dias santificados. Essas recomendações provocaram “a preocupação e o ressentimento dos coronéis e fazendeiros, a classe dominante, com as possíveis consequências que poderiam advir daquele ajuntamento.” (VASCONCELLOS, 2013, p.136)

O reduto estava se tornando muito perigoso pelo ponto de vista da classe dominante. Surgiam de lá ideias que colocavam em xeque toda constituição social. Além disso, começou a faltar mão de obra nos arredores da Lagoa, isso desestabilizou

a oferta de trabalhadores na região. A sociedade sagrada de Dica se tornará uma instituição independente, não mais aceitando às ordens institucionais vindas do estado institucionalizado.

O poder civil e os proprietários de terra viam ali uma afronta, e até mesmo o início de uma revolução capaz de pôr fim a todos os desmandos e poderes instituídos. Viam como um absurdo um ajuntamento de desocupados pregar e disseminar tais conteúdos, como: propriedade coletiva de terras, distribuição de produção e dias de descanso. Era uma clara desobediência à tradição instalada, uma ruptura com tudo que a sociedade vivia a muito tempo. Logo perceberam o potencial explosivo das ideias de Dica, ao ponto de o autor destacar que

O jornal *O Democrata* noticiou, em sua edição de 8 de fevereiro de 1924, que Lenine, “o chefe do operariado mundial foi um grande homem”, para, em 10 de outubro do mesmo ano, dizer: “Dica se tornou uma espécie de Lenine do sexo diferente. Prega a partilha das terras pelo povo”. (VASCONCELLOS, 2013, p.142)

Para Vasconcellos, o primeiro momento claro de enfrentamento entre os ocupantes do reduto e as elites goianas deu-se quando Dica cedeu homens para reforçar a Coluna Caiado, que se preparava para enfrentar os revolucionários da Coluna Prestes. Chegando à cidade de Goiás, Dica e seus homens tiveram as armas apreendidas e voltaram a pé para região de Pirenópolis.

A contradição entre o Reduto dos Anjos e a sociedade institucionalizada ia crescendo cada dia mais. “As várias crises que se sucederam na sociedade, mais a formação daquele reduto de desocupados, fizeram gerar um enfrentamento entre dominantes, representados pelo poder, e dominados, encarnados em Santa Dica.” (VASCONCELLOS, 2013, p.152)

O presidente do Estado de Goiás na época, Brasil Caiado, preocupado com a autonomia existente na Lagoa, deslocou para Pirenópolis o então chefe de polícia, Celso Calmon Nogueira da Gama. Logo foi decretada a prisão preventiva de Dica e de seu pai, Alfredo dos Santos e Manoel José Torres.

O ponto trágico culminante da narrativa descreve quando o movimento de Santa Dica foi invadido pelas forças policiais do estado no dia 14 de outubro de 1925, data conhecida também como Dia do Fogo. Para Vasconcellos,

essa guerra durou não mais de 30 minutos, segundo o relato do comandante da tropa apresentou um saldo de 16 baixas entre mortos e feridos seguidores da santa, sendo que destas 6 pessoas morreram em consequência de tiros, 5 outras afogadas e 5 ficaram gravemente feridas (p. 106).

Em poucos minutos, abortou-se uma experiência libertária em Goiás. Santa Dica conseguiu fugir do ataque policial, mas se apresentou posteriormente à polícia, sendo julgada e condenada a um ano e dois meses de prisão. Posteriormente, o Superior Tribunal de Justiça, no dia 13 de julho de 1926, julgou a prisão improcedente e Dica foi libertada e viajou para o Rio de Janeiro.

Vasconcellos lamenta o fim do reduto, por ser um exemplo de um novo modelo social que emergiu em Goiás. Para ele:

Essa sociedade que forma o reduto, não estando jungida pela ideologia dominante, era capaz de construir seu próprio projeto de mundo e de lutar por sua concretização. ... Assim, se organizaram desenvolvendo sua capacidade no sentido de articular suas ações para obter a satisfação de sua demanda. (VASCONCELLOS, 2013, p.178)

O autor destaca o movimento como uma ação revolucionária, que visava uma mudança drástica na sociedade circundante através de novas práticas sociais e políticas igualitárias que dessem oportunidades aos excluídos pela sociedade goiana da época. Assim,

O movimento social religioso de Santa Dica foi ainda um movimento de pequena escala, realizado numa região onde as frentes pioneiras de expansão não estavam presentes e as disputas de terra não eram constantes, mas onde havia, sim, a luta dos dominados contra os dominantes pela construção de uma sociedade menos opressora. (VASCONCELLOS, 2013, p.180)

Para Lauro de Vasconcellos, o caráter trágico do movimento pode ser instrutivo para outros movimentos sociais. Como afirmou Hayden White (1995, p. 24), “a queda do protagonista e o abalo do mundo que ele habita ocorridos no final da peça trágica não são considerados ameaçadores para aqueles que sobrevivem à prova agônica. Para os espectadores da luta houve uma aquisição de conhecimento.” Talvez seja assim que Vasconcellos tenha visto o movimento: uma derrota que ensine lições para os trabalhadores enfrentarem os seus algozes.

1.2 A construção da marginalidade através do discurso e da imagem: santa dica e a corte dos anjos goiás – 1923 a 1925.

Veremos agora como foi abordada a “estória” do movimento de Santa Dica pela historiadora Eleonora Zicari Costa de Brito⁸ em sua dissertação de mestrado, apresentada em 1992 na Universidade de Brasília (UNB), intitulada “A construção da marginalidade através do discurso e da imagem: Santa Dica e a corte dos anjos de Goiás (1923 – 1925)”. A autora defende que o seu interesse por esse tema ocorreu quando percebeu “a forma brutal com que esse movimento foi destruído pela força pública policial do Estado de Goiás, e a maneira como era descrita a personagem de santa Dica: mulher transgressora, “objeto” de difícil domesticação pelo sistema.” (BRITO, 1992, p.1). Fica evidente que o interesse maior da autora é pensar o Movimento de Santa Dica a partir dos estudos sobre a mulher. Para Mary Del Priore:

A história da mulher emergiu e ganhou musculatura, a partir de 1970, atrelada à explosão do feminismo, articulada ao florescimento da antropologia e da história das mentalidades, bem como às novas aquisições da história social e às pesquisas então inéditas, sobre a memória popular. (DEL PRIORE, 2010, p.220)

Do ponto de vista da teoria da história, os estudos de gênero foram muito influenciados pelo pensamento de Michel Foucault, que defendia as pesquisas sobre os marginalizados na história, mas também a presença de poderes nas disciplinas acadêmicas e nos diferentes tipos de discursos. Nesta perspectiva, Joan Scott, uma das mais importantes estudiosas de gênero, propõe “abordar processos de produção de identidade, insistindo na natureza discursiva da “experiência” e na política de sua construção.” (SCOTT, 1998, p.324). Entre as historiadoras feministas, estudar as experiências das mulheres do passado é uma forma de criticar as falsas objetividade dos relatos históricos tradicionais, mostrando-os como disfarces ideológicos dos preconceitos masculinos.

⁸ Pós doutoramento pela Universidade de Lisboa (2016). Possui doutorado (2001) e mestrado (1992) em História pela Universidade de Brasília e graduação em História pelo Uniceub (1987). Atualmente é professora associada do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. Coordenou na mesma Universidade o Curso de Especialização em História Cultural: identidades, tradições, fronteiras. Lidera o grupo de pesquisa História e Música, registrado no diretório do CNPq. Suas pesquisas orientam-se pela perspectiva da História Cultural, atuando principalmente nos seguintes eixos: cultura, identidades, memória e representação e, atualmente, pelos seguintes temas: história, música e juventude. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2355427478446306>

É nesta perspectiva que Brito pretende estudar Santa Dica, concebendo-a como portadora de uma experiência exemplar para as mulheres. A autora vê em Dica uma mulher à frente de sua época, capaz de fazer coisas que suas contemporâneas não fariam, e que para isso precisou lutar contra um sistema baseado no patriarcado, que tinha o lugar da mulher muito bem delimitado.

A princípio, os estudos de gênero podem ser vistos como liberais, já que pretendem contribuir para mudanças no papel da mulher na sociedade, mas não uma transformação social profunda. As mudanças são principalmente em termos de legislação e comportamento. Para Hayden White (2008, p.39), os liberais veem a sociedade como uma estrutura sólida, mas que precisa de algumas sintonias finas, sem mudar, entretanto, suas bases estruturais.

Perante a destruição do reduto, a autora salienta achar estranho que um movimento que aglomerava em torno de quinhentas pessoas fosse combatido de forma violenta com apenas 17,32% da força policial do estado na época. Com o passar do tempo, as pesquisas mostravam uma mulher diferente das mulheres de sua época, e isso incitou a autora a desvendar os discursos produzidos, tendo como personagem Santa Dica e como pano de fundo o movimento criado em torno dela.

Dica realizava casamentos, batismos e crismas. Era uma mulher rebelde que pregava o não pagamento de impostos. Ao menos em duas oportunidades liderou tropas de homens.

A opinião pública, que já tinha algum conhecimento acerca da Comunidade, parece apanhada de espanto quando colocada frente a frente com aquela mulher, capaz de comandar homens e se fazer obedecer cegamente, e isso, numa época em que a mulher nem ao menos tinha direito à participação política através do voto, pois esse só foi estabelecido no Brasil em 1931, através da Lei Eleitoral (BRITO, 1992, p.5).

Aqui, percebemos a pertinência da teoria de Hayden White para a análise das narrativas históricas. Os mesmos fatos do passado podem ser interpretados de maneiras bem diferentes, a depender das motivações ideológicas dos autores. Isso explica o fato de uma única pessoa ser vista, ao mesmo tempo, como uma “líder camponesa revolucionária” e uma “mulher à frente de sua época”.

Eleonora Brito prioriza a análise dos discursos produzidos sobre Santa Dica no período em que durou seu movimento. Ela tenta mostrar a visão que se tinha sobre a figura da mulher naquela época. São analisados três tipos de discursos: o discurso religioso, presente no jornal *Santuário da Trindade*, escrito pelos padres

Redentoristas; o Discurso do Homem Positivo, presente no jornal O Democrata; e por fim, o discurso da justiça goiana presente nos autos do processo contra Dica e alguns de seus seguidores. Hayden White pressupõe que os eventos podem ser explicados ao serem postos dentro do "contexto" de sua ocorrência; assim, a autora tenta compreender o movimento de Santa Dica conectando-o com outros acontecimentos, no caso, os discursos.

O movimento de Santa Dica por si só já era objeto de espanto para a conjuntura da sociedade durante a década de 1920 em Goiás, mas o caso toma proporções ainda mais significativas, segundo a autora, por ser um movimento dirigido por uma mulher. Para a sociedade goiana, era um absurdo tolerar um movimento composto “por sem tetos e desempregados maltrapilhos” e ainda por cima comandados por uma jovem moça, se naquele tempo as mulheres nem podiam votar.

Em seu primeiro capítulo, “Um Acontecimento, Vários Discursos”, a autora faz uma síntese da vida de Dica utilizando três obras: as produções literárias *Sete Léguas de Paraíso* e *Esperando o Exército de Anjos*, e a obra acadêmica *Santa Dica: Encantamento do Mundo ou Coisa do Povo*. Seu objetivo ao analisar estas obras é estabelecer o tipo de imaginário que existia sobre Santa Dica. Vejamos nas palavras da própria autora:

Neste capítulo apresentamos uma narrativa, um discurso acadêmico e duas produções literárias, cujo tema central é santa Dica. Embora sejam construções discursivas diferentes, todas criam imagens/enunciados que possibilitam leituras múltiplas sobre o acontecimento. (BRITO, 1992, p.2)

O discurso produzido sobre Dica foi feito através do imaginário daquilo que deve ser. São gerados símbolos que tornam o discurso contra ela uma coisa real. É aqui que a autora tenta mostrar que cada setor da sociedade da época do movimento tinha motivos para desconstruir a imagem de Dica, mostrando um discurso que fosse de encontro à realidade do reduto e da própria imagem da santa.

No capítulo 2, intitulado *A Voz de Deus: Santuário da Trindade*, a autora busca analisar a visão dos padres redentoristas em relação a Santa Dica e seu movimento. “Analisaremos nesse periódico, artigos relacionados ao acontecimento que é objeto de nosso estudo. Buscaremos apreender os sentidos que esse discurso lhe confere, através das imagens que dele constrói.” (BRITO, 1992, p.42) Ou seja, discute qual imagem os redentoristas criaram sobre Dica e seu movimento, quais são os motivos e que resultados eles buscavam com a criação desse discurso.

Brito começa a análise do discurso dos padres católicos com apresentação do periódico para os leitores. Vejamos o modo como a autora dissecou o discurso do jornal ao analisar a seguinte expressão: “santuário mais frequentado e querido dos catholicos deste grande Estado de Goyaz” (BRITO, 1992, p.43). Essa frase deve ser colocada num contexto da existência de divergências dentro da própria Igreja Católica, já que existia na época uma querela entre os padres dominicanos, que eram responsáveis pela evangelização na parte norte do Estado, e os padres redentoristas, responsáveis pela parte sul. A frase também deixa claro que os padres não queriam um embate com o poder estatal, quando se refere ao Estado de Goiás com o adjetivo “grande”.

Segundo a autora, o discurso produzido pelo jornal era autoritário, e cabia ao leitor apenas aceitá-lo e colocá-lo em prática. Ela o caracteriza como um discurso “do tipo pedagógico, que se impõe por uma relação, por essência autoritária, entre emissor e interlocutor do discurso.” (BRITO, 1992, P. 46)

A Igreja era um emissor perfeito por natureza; falava em nome de Deus, refletia os anseios da religião por ela pregada e, logo, não poderia ser contestada. Então, a função do texto era pregar a obediência. Não existia uma via de contestação, de diálogo; a única via existente era a de acatar. O jornal delimitava quem eram os inimigos, e os leitores deveriam se proteger desses inimigos, afinal, também era função do jornal resguardar seus leitores.

A autora diz o seguinte sobre o discurso autoritário proferido pelo jornal: “Respeitar o que? As regras elaboradas desse discurso monolítico que instituí verdades, cuja manutenção precisa fundamentar-se na hierarquia, cuja organização é assegurada por leis que emanam dos céus” (BRITO, 1992, p.43). O discurso produz um efeito, que é a aceitação, resultado de uma hierarquia vertical onde os receptores reproduzem as ordens dadas.

Em outro artigo do jornal analisado pela autora, Santa Dica é apresentada para seus leitores. As aspas usadas na palavra santa são objeto de análise, pois representam uma expressão que não é incontestável. Segundo a autora: “Se o “povo ignorante” decidiu proclamá-la santa, cabe ao jornal, desde o início, mostrar que não aceita a denominação, fazendo com que seus leitores observem esse dado e procurem os termos dessa alteridade” (BRITO, 1992, p.43). Ou seja, para os leitores católicos, o jornal deixava claro que a alcunha de santa vinha das pessoas que eram ignorantes ou que não tinham o conhecimento do que estavam dizendo.

Assim, a Igreja produz, através do discurso, o primeiro ato de exclusão de santa Dica, marginalizando-a justamente naquilo que servia de referência entre ela e seus adeptos e que representa a autoridade com a qual ela poderia opor-se à Igreja. Realizada a exclusão, o jornal passará a construir imagens que substituam aquela, aprofundando esse trabalho de marginalização da personagem. (BRITO, 1992, p.55)

Para a autora, a função do discurso gerado pelo jornal católico é desqualificar o adjetivo “santa”, desconfigurando e marginalizando a alcunha de Dica. Com isso, a ponte que a ligava aos seus seguidores seria posta abaixo: se ela não era uma santa, era o quê? A marginalização não era imposta só a Dica, mas também àqueles que a seguiam, taxados como ignorantes. Feita a destruição da imagem de “santa”, a Igreja prontamente construiria uma nova visão que colocaria Dica em seu devido lugar à margem da sociedade.

Na proposta do Jornal *Santuário de Trindade* de marginalização,

Santa Dica é apresentada como uma mulher que fala bobagens-baboseiras, dá conselhos tolos, diz asneiras. Ao mesmo tempo, é impostora, embusteira, trapaceira, o que requereria um mínimo de astúcia pois, é a partir dessa prática que o “povo ignorante se deixa prender” por ela. É também histérica e visionária. Os adjetivos utilizados na construção dessa imagem podem parecer, à primeira vista, contraditórios, entretanto, observamos que todos irão associar-se e convergir para a criação da imagem padrão da mulher transgressora, que põe em prática uma loucura que lhe seria imanente. (BRITO, 1992, p.56)

O periódico desqualifica todas as ações de Dica, começando por aquilo que ela falava, consideradas “bobagens-baboseiras”, coisas sem sentido, sem fundamento científico, filosófico ou religioso, e diz que seus conselhos eram tolos e vãos.

O jornal classificava Dica como uma impostora, embusteira e trapaceira, que utilizava de sua sagacidade para enganar pessoas humildes e desesperadas. Em um primeiro momento, as qualificações sobre Dica podem ser vistas como antagônicas: como ela pode dar conselhos sem sentidos, falar coisas sem nexos e ao mesmo tempo ser sagaz para ludibriar as pessoas? Para a autora, esse jogo de sentidos é proposital, pois o jornal tenta colocar Dica como uma mulher que não respeita as leis impostas pela sociedade; a “transgressora”, a “louca”.

A função primordial desse periódico é desqualificar, valendo-se da defesa do status quo como legitimadora de seu discurso. Nesse sentido, a propriedade é objeto de apreciação: “Religião e propriedade aparecem ligadas, a primeira acoplada à segunda como se fossem uma coisa só ou sua extensão. Um país religioso é um país

que respeita a propriedade. (BRITO, 1992, p.53). Dica era vista como uma potencial ameaça à propriedade e à ordem vigente.

O jornal também procura marginalizar o espaço onde se situa o reduto. Conforme destaca Brito (1992, p. 59): “Ela não é de Jaraguá, “vive lá pelas bandas do rio do Peixe”. Pelas “bandas” faz parecer que ela nem vive. Cria-se assim, o espaço físico dessa marginalidade”. Projeta-se um espaço de margem, e tudo que está fora dela não presta. Assim, nasce uma delimitação geográfica que separa seus leitores dos seguidores de Santa Dica.

A autora demonstra que o *Santuário da Trindade* faz uso de um imaginário secular, presente no Cristianismo, que vê na mulher um ser perigoso e propenso a cair em tentação. Ela afirma que

Observa-se, entretanto, que aquilo que a princípio pode ser visto como discursos contraditórios, nada mais é do que o desdobramento de uma mesma imagem. A concepção geral desses dois discursos é de que a mulher é, por natureza, demoníaca, destruidora. E o é precisamente por uma questão de instinto natural, ligado à sua condição feminina, à sua sexualidade. Assim, a única “salvação” que se coloca para ela é superar seu destino natural, disciplinando seu corpo e sua alma, sublimando sua sexualidade em função de uma tarefa dita mais importante: ser mãe. É a própria Igreja quem vai dar as diretrizes da “salvação”. (BRITO, 1992, p.65)

Assim, a mulher aparece como demoníaca e destruidora, mas também como mãe de família a responsável pela educação intelectual e moral dos filhos. Por ser mulher, ela nasce fadada a carregar consigo o estigma de pessoa descontrolada e impulsiva. Mas, para a Igreja, a maneira de controlar a si mesma é assumindo o papel de esposa e de mãe. Aí mora a salvação da mulher. Mostrando esse arquétipo da figura feminina, o jornal isola Dica do restante das mulheres, colocando-a um ser degenerado que se recusa a cumprir seu papel social.

Dica não assume o papel de mãe de família, de mulher respeitadora, seguidora das regras sociais. Pelo contrário, não se casa, amasia-se. É acusada de fazer o casamento de jovens com homens mais velhos, o que será visto como apoio à prostituição. Incita seus seguidores a não trabalharem em certos dias da semana e a não pagarem impostos. É a típica transgressora, a mulher natural em quem os desejos afloram e as malícias se tornam práticas corriqueiras. Ela não vive em função do homem; pelo contrário, os homens, seus seguidores, é que vivem em função dela. É exatamente o oposto do modelo feminino mostrado pela Igreja através do jornal. A mulher tem que ser perpetuadora das regras existentes nas sociedades patriarcais.

A autora deixa claro que o periódico não informava as fontes das quais recebia as notícias sobre Dica e seu reduto. “Baseando-se em “notícias” recebidas não se sabe de onde ou de quem, o jornal volta a construir um discurso sobre o assunto” (BRITO, 1992, p.78)”. É construída uma imagem de histérica e louca, pois apenas uma mulher nessas condições pode falar com os anjos. Ao mesmo tempo em que o jornal a chama de “tal moça dos anjos”, a autora aponta o “tal” como desqualificação da pessoa de Dica, pondo em dúvida suas palavras. Ela também é chamada de “bruxa” (BRITO, 1992).

Com o passar do tempo e das matérias sobre Dica, o jornal começa a chamar a atenção do Estado para o que estava acontecendo no reduto. De acordo com a autora, temos:

Depois de ter desautorizado o discurso de santa Dica e desqualificado mais uma vez a imagem de seus seguidores (bobos, que gostariam de “nunca precisar trabalhar”, insensatos, fanáticos), o jornal aponta para a saída coercitiva: “deviam ser obrigados a alguns dias de trabalho forçado nas penitenciárias do Estado”. Ou seja, ser bobo, insensato e não querer trabalhar correspondem, no discurso dos redentoristas, a um crime. Uma vez classificada a população seguidora de Dica, marginais da racionalidade e lógica do trabalho, estabelece-se seu caráter de criminalidade/delinquência, a ser punida com o internamento. (BRITO, 1992, p.88)

O jornal trabalha a desqualificação e marginalização de Dica por etapas. Primeiro apresenta quem é a jovem, mostrando tudo o que há de errado em sua maneira de viver e na de seus seguidores. Depois, aponta como uma mulher deveria se portar na sociedade daquela época, e por fim prova, dentro da lógica construída por seu discurso, que tanto Dica quanto seus seguidores deveriam ser detidos pelo poder estatal.

Na citação anterior, a autora aponta um crime criado, segundo ela, pelo discurso redentorista, que era a não aceitação do trabalho. O tratamento seria o trabalho forçado; era um desrespeito às tradições da época uma pessoa se abster do trabalho, principalmente aquelas desprovidas de meios de sobrevivência, ou seja, pessoas pobres. O crime teria que ser punido exemplarmente.

O *Santuário da Trindade* traça um ponto de vista através de seu discurso, mostrando para seu público e para as forças estatais que há uma quebra dentro dos poderes instituídos, ocasionada pelo movimento de Santa Dica. Ainda segundo a autora:

Quando o discurso de santa Dica afeta os interesses dos fazendeiros, que são aqueles que “provem” o trabalho, está indo contra toda uma estrutura social que não comporta a “novidade” nem as “cousas curiosas”, pois só pode funcionar pela ausência de oposição. Sob essa perspectiva o discurso de santa Dica pode ser entendido como a irrupção de um poder paralelo que ao apresentar alternativas a ordem estabelecida, engendra as resistências/oposições dessa ordem. Visto sob a ordem foucaultiana, os micropoderes em seu agenciamento só interessam aos polos institucionalizados na medida em que perturbam o sistema e que devem ser cooptados ou assimilados. A violência concreta, repressiva, seria o contraponto de uma estratégia de assimilação. Parece que no caso de santa Dica não há espaço para se buscar a cooptação, ficando a última alternativa, violência concreta, como a única possibilidade existente. (BRITO, 1992, p.94)

Brito usa a ideia foucaultiana para conceituar a contrapartida dada pela Igreja (aqui representada pelos redentoristas) e pelo Estado contra o movimento. Segundo ela, como o movimento não poderia se juntar à estrutura consolidada do Estado, a saída era combatê-lo.

Sempre referindo-se a Dica como uma louca, o jornal mostra, através de seu discurso, que Dica mente. As orações proferidas por ela são projeções acentuadas de sua loucura. “Santa Dica “inventa” (inventar, no discurso dos redentoristas, equivale a mentir) movida pela sua “imaginação hystérica” que a faz produzir uma oração “que é a maior das loucuras” (BRITO, 1992, p.101). Ela é a mulher que não consegue se controlar, não domina o mal e os desejos que são inerentes a sua natureza feminina, não é mãe de família, não segue as regras da Igreja, é uma louca e histérica seguida por um grupo de desocupados. Como uma oração proferida por uma mulher dessas pode causar algum efeito?

Um episódio bem significativo para a análise discursiva por parte de Eleonora foi a apresentação de Dica na cidade de Goiás, liderando um contingente de homens armados para se juntar à Coluna Caiado e enfrentar a Coluna Prestes. A autora parece não compreender a atitude de Dica em se aliar a seus detratores, e especula: “O fato de santa Dica lutar ao lado de forças que a oprimiam pode ser compreendido como uma tentativa de quebrar a oposição frente a essas forças, o que significaria esvaziar o discurso de seus opositores” (BRITO, 1992, p.110). Mas Brito coloca dúvidas a essa ação estratégica de Dica, postulando a hipótese de que, em relação à Coluna Prestes, seu posicionamento “não diferia daquele adotado por seus opositores, o que poderia sustentar uma hipótese voltada a apreender um certo conservadorismo político e social em santa Dica” (BRITO, 1992, p.113). Parece haver uma certa decepção na autora, ao imaginar o conservadorismo político de Santa Dica.

Se a intenção de Dica em se oferecer em auxílio à Coluna Caiado foi amenizar o tom de discursos contra sua pessoa, ao menos no que tange aos redentoristas, foi uma estratégia equivocada.

O que faz santa Dica ao seguir para o combate aos revoltosos, comandando seus adeptos? Afasta-se cada vez mais do referencial de mulher ideal que o próprio jornal dos redentoristas cuidou de nos apresentar: a mulher mãe. (artigo nº 6) ... À mulher não caberia outra saída “saudável” a não ser fazer prevalecer o instinto materno sobre o instinto perverso. Santa Dica transgredia essa norma tanto quando ia à luta como quando comandava seu povo. Definitivamente o papel da mulher-mãe não lhe cabia. Então o que sobrava? Segundo o discurso analisado, o da prostituta. É essa a “verdade” que o jornal buscava afirmar. Não satisfeitos em conferi-lhe o estatuto de prostituta, o jornal ainda afirma que seu procedimento é “peior” ainda aqueles atribuídos a elas. Já falamos da bruxa e da louca, duas imagens também veiculadas pelo jornal com a função de desqualificar a imagem de santa Dica frente aos interlocutores desse discurso. (BRITO, 1992, p.120,121)

O jornal aponta Dica como uma prostituta por comandar um batalhão de homens e interagir com eles. Já que ela não conseguia controlar seus instintos femininos, sendo uma esposa e mãe exemplar e se contentando apenas com as tarefas do lar, restava-lhe o outro lado, o da prostituição, o da exacerbação de sua sexualidade.

Para concluir seu discurso, o periódico fecha um ciclo de difamações e rotulações perante Dica: louca, bruxa, prostituta e, por final, seu comportamento já é pior que o de uma prostituta. Aqui, a autora finda a análise sobre os artigos do jornal *Santuário da Trindade* e demonstra a ferocidade com que os padres redentoristas atacaram Dica.

No capítulo 3, *O Discurso do Homem Positivo: O Democrata*, Brito faz um estudo dos discursos presentes que o jornal *O Democrata* traz sobre Santa Dica. A autora analisou dois artigos do jornal, um anterior à intervenção estatal no reduto e outro posterior. Em um dos artigos sobre Dica, como no jornal católico *Santuário da Trindade*, há uma defesa da dispersão do reduto por meio da intervenção policial, mas Dica aparece como uma moça simpática, modesta e tristonha. No segundo artigo, é feita uma defesa da ação violenta do Estado no reduto, atacando com mais veemência a imagem da santa.

O *Democrata*, construirá uma rede de “verdades” que se opõe aquelas produzidas pelo discurso de alteridade de santa Dica e sua corte dos Anjos. O artigo prima pelo cuidado que imprime à desconstrução de qualquer imagem positiva que esse discurso do outro possa produzir, recorrendo ao estilo filosófico/científico de modo a atingir seu objetivo. ... O escárnio e o preconceito, travestidos de “superioridade natural” e da já citada postura de

neutralidade, esvaziará o discurso do outro de sentidos, fazendo com que passem a significar apenas ruídos que só encontram identidade com a loucura. ... O resultado desses esforços é o que veremos: a banalização do acontecimento, a desqualificação daqueles a quem se dirige o discurso do outro e dos próprios construtores desse discurso. (BRITO, 1992, p.139,140)

O *Democrata* fará a oposição ao discurso de Dica, baseando-se na ciência e na filosofia positivista, como menciona o título deste capítulo. “A razão aparece como fiel da balança que pende para o emissor desse discurso, a ela identificado. Há a polarização de posições: de um lado o civilizado, de outro o rústico.” (BRITO, 1992, p.142) Enquanto a Igreja tornava seu discurso hegemônico perante o de Dica pela força da instituição, o jornal *O Democrata* se fazia detentor da verdade amparado pela “razão”.

O discurso progressista do jornal defendia que a sociedade estava em pleno desenvolvimento e não era cabível um retrocesso causado por uma mulher analfabeta e uma leva de homens rústicos. Um de seus artigos alega que a sociedade precisa seguir um discurso unitário, visando um progresso, mesmo que construindo um ambiente de exclusão. “O que verificamos é que dentro dessa perspectiva de pensamento hegemônico fundamentado na evolução/ progressão da humanidade, o discurso do outro, aparece como inadequado, incompreensível, primitivo, logo, desqualificado” (BRITO, 1992, p.142).

O *Democrata* utiliza um prisma ideológico positivista comtiano⁹, defendendo que só a ciência pode ser o caminho para o desenvolvimento. É preciso equilibrar a fé e a razão para que não se creia em coisas que podem atrasar ou mesmo impedir o progresso. “Ou seja, o rústico não sabe dosar a fé com a razão, o que o separa definitivamente do comportamento civilizado” (BRITO, 1992, p.149). Os seguidores de Dica são apontados como seres que se levam por qualquer pessoa, aprisionados em sua boa-fé, e que podem ser conduzidos por qualquer tipo de oportunista.

Ela será o mal encarnado em sua própria existência feminina; a louca histérica, a fraca do juízo, a inocente, tudo fruto de sua condição de mulher. Mas essa maldade não é resultado de uma opção e sim de sua própria natureza. Logo, não é nela que devemos buscar o agente criminoso, mas

⁹ Agora, misturando descobertas da biologia e visões católico-feudais, ele terminou por afirmar a superioridade social e moral da mulher sobre o homem. Tal superioridade se basearia no fato de a mulher representar a o lado afetivo e altruístico da natureza humana, ao passo que o homem seria o lado ativo e egoísta. A mulher, como demonstraria a biologia, seria o principal responsável pela reprodução da espécie, enquanto o homem se prestaria mais a transformação do ambiente, à atividade industrial. Na preservação da espécie, o papel da mulher não se limitaria à reprodução, mas se daria especialmente na família, em que, como mãe, ela teria a responsabilidade da formação moral do futuro cidadão. (CARVALHO, 2017, p.128)

naqueles que a conduziram. Ela não passa de um ser inocente e incapaz de responder por seus atos. ... Ela tem salvação ... no hospício. (BRITO, 1992, p.155)

O discurso analisado no jornal em questão coloca Dica como condicionada por uma doença: ser mulher. Ela é louca, histérica e sem juízo porque é mulher. Não cabe aqui uma análise conceitual de tal discurso, pois as palavras já dizem por si só: exaltam o machismo, o patriarcalismo e a condicionalidade da mulher como ser inferior, marcado por sua natureza. Então, o jornal conclui que, sendo o comportamento de Dica uma coisa natural, ela não é culpada. São os seus condutores que devem ser criminalizados. Por ser mulher, ela não tem capacidade de fazer tudo sozinha, não tem iniciativa, precisa de alguém que a guie.

Mesmo redimindo Dica de uma maneira que a discrimina totalmente, O *Democrata* aponta uma saída: o “hospício”. Para Brito, o pensamento alienista do século XIX aponta uma mulher transgressora dos papéis a ela atribuídos pela sociedade como histérica. Querendo fazer uma meia culpa perante a jovem, o jornal a qualifica como louca.

A fuga a um comportamento aceito como “natural” é vista como sintoma da loucura feminina. Santa Dica é o estereótipo da mulher transgressora. Em nada lembra o comportamento feminino tido como “normal”. Ela comanda, governa, pega em armas. Mas sua loucura é do tipo “invisível”. Embora digam que fala “bobagens”, santa Dica consegue fazer entender pelos “rústicos” que a seguem. Sua loucura identifica-se muito mais pela presença de um comportamento moral “desviante” do que por uma atitude que marcaria um comportamento louco que pudesse ser apreendido por olhos leigos (como poderemos constatar no próximo capítulo). ... Nesse ponto entendemos que oferecer a santa Dica o hospício no lugar da prisão em nada minimiza a violência que esse discurso lhe impõe. Hospício e cadeia funcionam com o mesmo objetivo: domesticar, disciplinando os corpos e as mentes, conformando-os à ordem estabelecida. (BRITO, 1992, p.162)

Era inconcebível uma mulher se comportar como Dica na década de 1920. A mulher normalmente era a mãe atenciosa, educadora moral de seus filhos, indicando-lhes o caminho da educação (ciência) e da religião e separando-os das amizades ruins. Era a esposa zelosa com seu marido, auxiliando-o e obedecendo-o no que fosse preciso, a fim de que a família convivesse e se mostrasse à sociedade como harmônica. Deveria cumprir de maneira exemplar seus deveres. Dica era totalmente o contrário disso tudo, é ela que dá as ordens, não se abaixa para ninguém. Os homens a obedecem, ela dita as leis, ela é a conexão entre céus e terra.

Ela é entendida e atendida por pessoas sem cultura, sem estudo, os rústicos. Só eles podem aceitar que uma mulher se comporte de tal jeito, ou mais ainda, só eles, em sua ignorância, podem cumprir as ordens dadas por uma mulher. A loucura aplicada a Dica não era a loucura normal dos comportamentos ridicularizados, mais comuns às pessoas com distúrbios mentais; para a autora, era sobre um comportamento fora das regras, moralmente indigno. Tentar suavizar as penalidades contra Dica enviando-a para um hospício é tão maléfico quanto enviá-la para uma cadeia, segundo o texto, pois os dois lugares são usados para restabelecer o “juízo” nas pessoas que o perderam. Aqui, entendemos “juízo” como o ato de se comportar ou não como mandam as regras estabelecidas pela sociedade.

Da mesma forma que o *Santuário da Trindade*, o jornal *O Democrata* aponta um destino para a mulher que a livreria de condutas oriundas de sua natureza: A mulher só conseguirá lutar contra os malefícios de sua natureza se seguir as regras sociais. Vejamos o que a autora escreve sobre um conjunto de propagandas publicadas no jornal *O Democrata* que instruem como uma mulher deve viver. “Em todas, a presença da mesma imagem: a mulher-esposa-mãe. Da jovem “mimosa”, passando pela “até chegar à “mamãe”, uma linha assegura a ligação entre elas, fazendo-as partilhar um mesmo destino de mulher.” (BRITO, 1992, p.167)

No fim do capítulo, Brito faz suas conclusões sobre *O Democrata*:

Utiliza-se as imagens mais diversas, muitas vezes contraditórias entre si, impondo-as segundo um critério de utilidade à mesma personagem que, afinal, “normal” não é, pois passa muito longe do modelo da mulher mãe esposa. Lembramos que a mulher “normal” está destinada a uma postura passiva dentro do contexto social. Ou ela é a filha frágil que, protegida pelos pais, vai desempenhando seu papel de mulher “meiga” e “mimosa” até o casamento, sem cair nas mãos de exploradores, ou seja, é uma “moça de família”, ou ela, já esposa-mãe, limita-se às funções que lhe são atribuídas, restritas à esfera do lar, não lhe sendo permitido outro exercício qualquer. Uma mulher que “explora o povo”, ou por ser “doente” (primeiro artigo) ou por ser exploradora/industrializada por outros, não se encaixa nesse modelo de mulher idealizada. (BRITO, 1992, p.162)

Constrói-se uma imagem de Dica no discurso analisado em *O Democrata* com intuito de denegri-la, de marginalizá-la, de excluí-la de um contexto social que imperava em Goiás naquela época. Se usa da palavra para combater Santa Dica e seus adeptos. Dica não era uma mulher normal, pois não se encaixava no modelo de

mulher e esposa exposto pelo jornal.¹⁰ Ela precisaria ser meiga e passiva. Uma mulher de “respeito” não poderia exercer qualquer atividade fora de seu lar, ainda mais como aquelas que Dica exercia. Mas, segundo a autora, o verdadeiro objetivo do jornal era coibir o comportamento moral de Dica e seus seguidores, pois não poderia ser mostrado à sociedade que valores e regras são construídos através de diálogos, e sim que são leis naturais, imutáveis.

Brito finaliza o capítulo expondo que em um dos artigos do jornal parabeniza o Governo pela postura de intervir no reduto, e mostra mais uma vez a metamorfose que Dica sofre diante dos discursos propostos, agora ela é uma mulher “embrutecida” o oposto do estereótipo da mulher-esposa-mãe.

No último capítulo, intitulado *Com a palavra a Justiça: O Processo*, a autora analisa qual foi o discurso produzido contra Dica e seus adeptos nos autos do processo criminal sofrido por eles. O processo foi baseado no depoimento de diversas testemunhas, segundo o texto: “reforçados por argumentos tidos como irrefutáveis pela razão humana, proferidos pelas “autoridades” envolvidas na questão.” (BRITO, 1992, p.205) O único crime do qual as autoridades conseguiram acusar Dica foi o de “atentado contra a saúde pública”. Esse discurso se ampara na “força da lei”. Brito cita em seu texto várias partes do processo, o que não será necessário reproduzir aqui, tendo em vista que o que nos interessa é o que a autora pensa sobre eles.

Sendo a loucura uma “doença”, não seria recomendável o uso de uma força policial para pôr fim a comunidade liderada por santa Dica. Para esses casos, o discurso alienista do século XIX reservava uma outra prática coercitiva, baseada em argumentos “científicos”: o internamento. Entretanto, o discurso alienista e seu corolário, o internamento, não satisfaziam a necessidade premente de acabar com a experiência da Corte dos Anjos. Essa necessidade exigia o uso da “lei” e das balas. (BRITO, 1992, p.208)

Dica foi tachada de louca tanto pelo jornal *Santuário da Trindade* quanto por *O Democrata*, mas isso já não era mais suficiente para acabar com o reduto. Era preciso um motivo mais forte para que houvesse uma operação armada com fins de dismantelar a ordem instituída pela jovem. Assim, foi instaurado um processo pelo Estado para que tal medida fosse tomada.

¹⁰ Os dois grandes temas da imprensa feminina, de um lado, a casa, o bem estar, e de outro, a sedução o amor, são, de fato, os dois grandes temas identificadores da cultura de massa, mas é na imprensa feminina que esses temas se comunicam estreitamente com a vida prática: conselhos, receitas, figurinos-modelos, bons endereços, correio sentimental orientam e guiam o saber-viver cotidiano. (MORIN, 2018, p.136)

O andamento do processo ocorreu em poucos dias, o que leva Brito a argumentar que tudo já havia sido premeditado, sem contar com o deslocamento de uma força militar ainda durante o processo. Ou seja, apenas acusar Dica de louca através de alguns discursos não justificaria uma intervenção armada ao reduto. Só um processo “legalmente” construído poderia embasar tal ato.

Aproveitando-se então das imagens já exploradas pelos discursos religioso e da imprensa, que a retratavam ora como louca, ora demoníaca, o discurso jurídico apenas reafirma aquilo que todos já sabiam: santa Dica mentia, “fingindo-se atacada” quando na verdade agia sob “faculdades perfeitamente equilibradas” logo, sua intenção era apenas explorar “aquela gente”. (BRITO, 1992, p.209)

A justiça acusa Dica de mentir e se aproveitar de pessoas simples, colocando a saúde dessas pessoas em risco. O capítulo destaca vários depoimentos em que as testemunhas afirmam que pessoas começaram a sofrer de problemas mentais depois que passaram a frequentar o reduto. Dica foi acusada de usar seus possíveis acessos (que era quando a jovem possivelmente se conectava com os anjos) para se aproveitar das pessoas. “Quanto ao relatório do médico Olavo Baptista, embora construído com o intuito de criar um argumento favorável à santa Dica, acaba por condená-la à imagem da mulher doente-irresponsável por atos, constantes no imaginário social sobre a mulher” (BRITO, 1992, p.210). O relatório médico produzido se torna a prova basilar de que Dica sofria de transtornos mentais e fazia com que outras pessoas também ficassem doentes.

O relatório dos profissionais em medicina era uma prova sem contestação. O texto nos apresenta um documento feito a partir apenas do olhar do médico, um relatório tendencioso. Se juntava a todo processo então uma prova robusta que mostrava a periculosidade da jovem que enlouqueceu um pobre homem.¹¹ Dica também é acusada de outros crimes, como o questionamento do direito à propriedade e a incitação para que seus seguidores não trabalhassem, mas só conseguem provar o crime de atentado à saúde pública.

Outro apontamento interessante feito pela autora é a indicação nos depoimentos de que os seguidores da jovem estavam fanatizados. “Uma presença é

¹¹ Vejamos o que diz o laudo sobre a saúde mental de Benedicto Nunes de Barros: Em resumo – em vista de depressão mental do paciente, da abulia, da perturbação da memória, da fobia pelo lugar onde julga ter adoecido, das hallucinações da visão e finalmente pelos antecedentes hereditários, somos de opinião tratar-se de um caso de alienação mental que requer observação mais completa e tratamento adequado. (BRITO, 1992, p.2014)

constante em todas as citações: a ameaça que representa, para a Ordem Pública, a existência de centenas de homens fanatizados por santa Dica, prontos a cometer crimes e assassinatos se assim ela desejasse” (BRITO, 1992, p.251). Se formava, então, no reduto, um grupo de alta periculosidade que poderia a qualquer momento romper com a ordem instituída e provocar uma “revolução”. Existe uma conspiração para desestabilizar o status quo da sociedade.

O conjunto desses discursos deixa entrever a todo o instante a existência de uma conspiração por parte desse grupo que ameaça a ordem vigente, o que justifica uma ação repressiva que, como veremos, adiante, tomará a mesma fisionomia emprestada às ações conspiradoras atribuídas a seus inimigos. (BRITO, 1992, p.251)

Outro possível crime cometido por Dica e seus seguidores foi a prática de superstição ligada a uma religiosidade própria do reduto. “É então sobre esse fundamento que se constrói a imagem da não religiosidade das práticas atribuídas aos indiciados e configura-se, para as mesmas, a noção de criminalidade” (BRITO, 1992, p.256). Para a justiça, o que se passava no reduto não era nada além de um pensamento sem base na razão ou no conhecimento.

Segundo os autos do processo, Dica e seus comandados se articularam para golpear a sociedade, implantando uma nova forma de vida em comunidade. É esse pensamento que o discurso jurídico tenta mostrar: um complô contra os bons costumes e a harmonia social. Esse complô só pode ser combatido com a aplicabilidade da força, destroçando aqueles que conspiram. Aqui há uma informação interessante: a autora mostra que o poder estatal se utiliza do mesmo modus operandi para combater os revolucionários, ou seja, também trama ações conspiratórias contra Dica e seu reduto, o que ela denomina de contra complô.

A autora não tenta comprovar a veracidade das denúncias feitas em relação a Dica; ela apenas caracteriza como vagas as acusações, não só do processo como também da Igreja e da Imprensa. Mas, segundo ela, o mais importante é:

Importa-nos sim, perceber sobre quais condições de possibilidade essas imagens se efetuam, descobrindo, ao mesmo tempo, as motivações coletivas que as fazem circular – no caso, o medo – e as imagens cristalizadas em forma de verdade – logo naturalizadas – que fazem parte desse universo imaginário, dando forma e originando a prática da violência social, como pode-se observar no “Dia do Fogo”. (BRITO, 1992, p.251)

Por qual motivo as imagens produzidas por Dica são disseminadas e assimiladas, mesmo sendo frágeis? Segundo a autora, é porque essas imagens provocam medo na população em geral, e se solidificam, se naturalizam e se tornam reais em um imaginário coletivo. O medo da sociedade diante do reduto e de todas as imagens que se formaram sobre ele, principalmente sobre Dica, faz com que a violência se torne viável para combater o caos, combater um movimento que se acha estruturado.

Dentro na análise do processo judicial sobre Santa Dica, a autora revela qual o discurso sobre a mulher, qual é a imagem construída a respeito do gênero feminino, assim como também foi feito com os jornais estudados no texto anteriormente. O processo, assim como os jornais, julga Dica totalmente o oposto da mulher referência, a mulher ideal do sistema. “O fator determinante nesse jogo de desqualificação de santa Dica serão as imagens que configurarão um modelo de mulher que foge às regras estabelecidas e que constam daqueles outros tantos itens.” (BRITO, 1992, p.325) Ou seja, será confeccionada uma imagem de maneira a denegrir Dica e a justificar sua prisão.

Seja no viés religioso, positivista ou jurídico, os discursos visam deslegitimar a liderança de Dica basicamente pelo fato de ser mulher. No enredo construído pela autora, Dica foi uma mulher que ousou rebelar-se contra o patriarcalismo goiano e teve que enfrentar uma gama de discursos e ações depreciativas:

Toda lista de emoções que, dizem os depoimentos, santa Dica mobiliza, nada mais são do que reafirmações dessa imagem terrificante que o discurso da Idade Moderna produziu sobre a mulher. Ela promete, subjuga, fascina, influencia, seduz, engana, domina, finge. Quantos cuidados – esses discursos não se cansaram de proclamar – se deveria tomar contra esses vícios essencialmente femininos? (BRITO, 1992, p.331)

Segundo o texto, Dica é capaz de desenvolver todo tipo de atitude que se considera indigno em uma mulher. A tipificação de Dica se baseava em uma visão totalmente preconceituosa do papel da mulher na sociedade, uma mulher submissa, alienada, sem direitos, sem poder expressar seu pensamento. Realmente Dica é um terremoto nessa sociedade, principalmente por ser uma mulher respeitada por seus seguidores, os quais, segundo o discurso jurídico, a obedecem cegamente. Entretanto, para a autora, as provas e depoimentos que constam no processo são frágeis e intencionais.

A autora destaca que a acusação feita por Dica de ter sido estuprada não é levada em conta: essa revelação não tem consequência nenhuma e não há uma postura da justiça diante de fato tão grave. Dica é silenciada. Outro ponto citado sobre o depoimento de Dica é que ela indica que queria se entregar para força policial, por se considerar inocente das acusações, mas foi impedida pelos seus seguidores. Ainda assim, ela é acusada de transgressora e violadora da justiça.

Como previsto, o resultado foi a condenação de Dica. Feita a apelação da sentença, aconteceu um novo julgamento no qual tanto Dica como os outros réus foram absolvidos. Os advogados usaram da estratégia criada pelos discursos analisados anteriormente pela autora para absolver Dica, e ela foi considerada irresponsável pelos seus atos. Foi tida como louca, sem juízo e sem ideia do que faz. Aquilo que foi criado para prejudicá-la e basear sua prisão foi revertido para sua libertação. O interessante aqui é que nos parece que as culpas não foram retiradas, e ela foi considerada inimputável. Mas, para uma análise mais profunda, precisaríamos ver o processo original, o que não será feito nessa pesquisa.

Nas considerações finais da dissertação, a autora alega que os discursos produzidos sobre Santa Dica tentam encaixá-la em um arquétipo de mulher totalmente diferente daquilo que era aceito na época.

Os discursos produzidos pelas instâncias discursivas da Igreja, da Imprensa e da Justiça, embora independentes entre si, possuem uma série de elementos convergentes a ligá-los, que apontamos como parte de suas regras de existência. Une-os, definitivamente, um fundamento que se identifica plenamente com uma postura positivista de pensamento, e que se expressa na noção de uma humanidade em evolução e na de uma razão guiada pela observação, assim, só seria racional aquilo que se oferece a experimentação empírica, seu momento mais expressivo. Aprofundando essa coincidência, percebe-se também, a construção de imagens semelhantes existentes nas três instâncias discursivas. É a mesma imagem de mulher, por exemplo, que surge desses três discursos, seja quando constrói o referencial desejado de mulher, seja quando constrói seu outro, o mesmo ocorrendo com as demais temáticas. (BRITO, 1992, p.350)

Os discursos analisados pela autora têm como fator basilar o pensamento positivista, herança do século anterior. Para as instâncias citadas (Igreja, Imprensa e Justiça), o mundo estava em plena evolução, e a razão devia obedecer a observação sistemática. Coisas como aquelas que aconteciam no reduto de Santa Dica eram totalmente inaceitáveis para tal sociedade. As pessoas não poderiam mais viver em razão dos conselhos dados por uma mulher que dizia ser a conexão com o céu, ou mesmo se medicar com cuspe, água e ervas. Isso era incompatível com a sociedade

que ali estava. Ainda mais, homens que desrespeitavam as leis, opunham-se ao trabalho e defendiam a partilha da terra, e como se não bastasse, eram seguidores de uma mulher. “O discurso de santa Dica nada significaria dentro dessa rede discursiva, pois essa se institui, entre outras coisas, pela exclusão que promove contra as razões desse discurso feminino” (BRITO, 1992, p.351).

Como uma mulher que propõe um discurso simbólico, que busca uma mudança, Dica atrai adeptos e adversários. O discurso de Dica fazia sentido apenas entre os camponeses do reduto, mas era incompreensível no contexto de uma sociedade baseada nos princípios positivistas. Segundo Brito, como o positivismo era o que se impunha como vencedor entre as sociedades, Santa Dica sai derrotada desse embate, pelo menos no que tange aos discursos (BRITO, 1992) Mesmo que os pensamentos produzidos não tenham uma base sólida, como indaga a autora durante todo texto, não fica comprovado aí um saber positivo; assim, tem-se aqui uma ambiguidade, mas esse discurso positivista ganha por ser produzido pelo exercício do poder, já que não sofre questionamentos em sua legitimidade.

Assim é que, embora nada produzindo de concreto como justificativa para as acusações que atribuem à santa Dica e seus seguidores, esses discursos conseguem a eficácia que garante-lhes a verdade, em função da constituição de um campo de saber que elaboram a partir de seus enunciados e das imagens que esses enunciados produzem, que explicam, pela “sua lógica”, quem são santa Dica e seus seguidores. Ao mesmo tempo, este “saber” produzido reforça, aprofunda e constitui novas relações de poder no qual o discurso do outro não encontra possibilidade de apoiar-se com segurança, visto tratar-se de uma rede discursiva estranha às suas condições de possibilidade. (BRITO, 1992, p.354)

Os textos desenvolvidos sobre Santa Dica e aqui analisados, quando sondados de uma maneira científica, não têm fundamentos lógicos para dizerem o que dizem. Mas por quê, na época em que foram escritos, eles produziram o efeito esperado? Segundo a autora, o saber produzido por eles se apoia em uma relação de poder que existia na época do movimento de Dica, ou seja, as acusações sobre a santa só alcançaram tal proporção - aqui relembramos o ápice do conflito que foi o Dia do Fogo, com seus mortos - porque foram produzidas pelos detentores do poder entre as relações sociais da época. De acordo com Brito, o discurso adotado aumentou ainda mais o abismo entre as relações de poder, fazendo com que, no final das contas, toda ideia que era contra essa rede de poderes fosse derrotada.

Analisando o texto de Eleonora Zicari Costa de Brito através da teoria narrativa de Hayden White, temos um enquadramento na elaboração de enredo como uma tragédia, pois, a personagem principal, que é Santa Dica, cai no final, mas a autora tira uma lição, que é a formação de um discurso contra a mulher, e foca na discriminação do sexo feminino feita pelos documentos históricos analisados.

Já no que tange à argumentação formal, o texto pode ser considerado contextualista, pois Brito conecta ao movimento de Santa Dica alguns contextos, como o religioso e o político, não promovendo o acontecimento a leis universais ou as teorias impostas. Cabe lembrar que a autora busca ideias e acontecimentos anteriores, mas não generaliza ou qualifica o movimento.

Finalizando, temos a explicação por implicação ideológica, que nesse texto, podemos alinhar ao liberalismo; a autora não deixa claro que é necessária uma mudança drástica que a enquadraria como anarquista ou radical, mas vemos que algo precisa mudar, que pequenas transformações devem acontecer, talvez com o passar do tempo, assim como Hayden White propõe quando explicita o pensamento liberal.

1.3 O movimento messiânico de “santa dica” e a ordem redentorista em goiás (1923-1925)

Finalizando a tríade de análises bibliográficas que foi proposta neste capítulo, temos a dissertação de mestrado de Robson Rodrigues Gomes Filho¹², intitulada *O Movimento Messiânico de “Santa Dica” e a Ordem Redentorista em Goiás (1923-1925)*, que foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto no ano de 2012. O objeto principal de análise da

¹² Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Goiás (2009), Mestrado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (2012) e Doutorado em História em regime de dupla-titulação pela Universidade Federal Fluminense e pela Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt (Alemanha). É vencedor do Prêmio Leila Marrach de melhor tese de doutorado pela Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR) de 2019. É membro pesquisador da Rede de Pesquisa História e Catolicismo no Mundo Contemporâneo. É professor efetivo da do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Estadual de Goiás. Tem experiência de pesquisa e publicações na área de História, com ênfase em História das religiões e História regional, atuando principalmente nos seguintes temas: Brasil e Goiás na Primeira República, história e sociologia da religião, história da Igreja Católica no Brasil e na Alemanha, ordens e congregações religiosas católicas e movimentos messiânicos/milenaristas. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0607553880634591>

obra é a repressão religiosa dos Redentoristas sobre o movimento de Santa Dica. O autor se baseia na teoria weberiana da sociologia das religiões.¹³

A partir de sua transferência para a Universidade de Brasília na década de 1970, o jurista Vamireh Chacon, um legítimo herdeiro da Escola de Recife, exerceu importante papel como mediador da recepção do pensamento weberiano. Chacon é autor do ensaio histórico *Economia e sociedade no Brasil* (CHACON, 1973), e *Max Weber: a crise da ciência e da política* (CHACON, 1988). É também de sua autoria uma das primeiras tentativas de avaliar a recepção de Weber no Brasil (CHACON, 1986). Desde então a quantidade de obras em que Max Weber é referenciado, em que seus conceitos são empregados e que se dedicam ao estudo de seu pensamento, cresceu em proporção quase geométrica. Ainda que nos últimos anos historiadores, antropólogos sociais e mesmo filósofos demonstrem um interesse renovado por Weber, ninguém há de negar que o lugar de honra na história recente do weberianismo brasileiro continua cabendo à sociologia. Em 1973 houve quem dissesse: “Weber continua a projetar sua sombra na massa dos estudos elaborados por alguns de nossos sociólogos” (GIANOTTI, 1973:11). Quatro décadas depois, o diagnóstico continua valendo. (MATA, 2013, p.103)

Adiantando a análise da obra, podemos reter nossa atenção no embate entre Ordem Redentorista que faz o papel da Igreja, instituição burocrática que já estava inserida na sociedade goiana na época do Movimento de Santa Dica, e o próprio reduto criado em volta da “líder carismática” Dica, ou Santa Dica, que, dentro da explanação acima, se encaixa no tipo de “seita”, originada dentro de um contexto social próprio.

Na introdução da obra, o autor apresenta a jovem Dica e como era composto o ritual por ela organizado. “Seus ritos, embora muito confundidos com práticas do espiritismo, se deram de maneira híbrida, uma vez que mesclou tanto características do catolicismo, quanto do próprio espiritismo” (GOMES FILHO, 2012, p.10).

¹³ Em efeito, Weber inscreve sua sociologia das religiões no âmbito de uma sociologia da dominação. Ele observa de modo particular, os modos do exercício do poder religioso. Assim, “um modo de agir em comunidade”, é uma forma de dominação sobre os homens. Weber coloca duas principais características da religião apreendida como fenômeno social: o vínculo social e o tipo de poder que ele gera. Desse fato, a sociologia da religião weberiana busca definir os tipos de “comunalização religiosa”, assim como os tipos de dominação religiosa. Os tipos de comunalização religiosa se apresentam na famosa distinção entre Igreja e “seita”, apreendidas como dois modos de existência social da religião. A Igreja seria uma instituição burocrática de salvação aberta a todos, na qual é exercida a autoridade de função do padre, que coabita em perfeita simbiose com a sociedade global. A seita seria uma associação voluntária de crentes em ruptura mais ou menos marcada pelo ambiente social. Nesta última forma de associação prevalece uma autoridade religiosa do tipo carismático. (CARVALHO FILHO, 2014, p.543)

Entretanto, é só a partir de 1923, com a chegada de algumas pessoas que se colocariam ao lado de Dica, que o movimento começa a tomar proporções.

Ainda segundo o autor, a fazenda onde Dica nasceu passou a acolher pessoas vindas de longe e, com o passar do tempo, foi se transformando em um pequeno distrito, hoje conhecido como Lagolândia. Entre 1924 e 1925, os Redentoristas fizeram um ataque feroz contra Dica e seu reduto, exigindo uma intervenção policial naquele lugar. Ainda segundo o autor, a tradição oral nos revela a intercessão de Dica no fatídico “Dia do Fogo”, onde a jovem proveu milagres ao desviar balas rumo aos tetos das casas. Dentro de uma explicação contextualista, Gomes Filho usa de categorias religiosas, como carisma e sacerdote, para explicar a tensão entre dois modelos de religiosidade.

O autor enfatiza que não se pode fugir das condições políticas, econômicas e sociais que permearam o conflito e são características para analisarmos o contexto histórico onde o movimento se desenvolveu. Porém, ele ressalta que “é a partir do ponto de vista da dinâmica propriamente religiosa que podemos de fato fugir de reducionismos e simplificações demasiadas dos “interesses religiosos” a que se dispôs nosso objeto de pesquisa” (GOMES FILHO, 2012, p.11). Houveram vários motivos para que os redentoristas atacassem Dica e seu movimento, porém, segundo o texto analisado, o principal foi a questão da “autoridade religiosa”, que será melhor explicada adiante.

Para tanto, a problemática central em que se insere a presente pesquisa delimita-se na ação repressiva dos missionários redentoristas sobre o movimento de “santa Dica”, a partir da campanha contra a taumaturga presente nas edições do jornal *Santuário da Trindade*¹⁴, entre 1924 e 1925, a partir da qual temos como objetivo principal realizar uma análise histórico-sociológica, de modo a compreendermos os conflitos gerados por diferentes formas de dominação e autoridade religiosa empreendida pela Ordem Redentorista contra o movimento messiânico de “santa Dica” foi motivada por interesses políticos, econômicos e sociais, bem como interesses propriamente religiosos, historicamente apreendidos através de conceitos, como “carisma”, tanto quanto das relações de poder entre os tipos ideias sociológicos de “profeta”, “sacerdote” e “mago”, elaborados por Weber. (GOMES FILHO, 2012, p.18)

O foco principal de Robson Gomes Filho em sua dissertação é a repressão que os missionários redentoristas exerceram sobre Dica e seu movimento através do jornal *Santuário da Trindade*, que, como vimos, publicou por mais de um

¹⁴ O destaque em “itálico” consta no texto original.

ano textos que teciam duríssimas críticas à jovem e a seus seguidores. É utilizada a teoria sociológica de Max Weber, no que tange ao carisma e também aos tipos de ideias que propagam esse carisma. Gomes Filho se baseia, então, na teoria weberiana para analisar os fatos históricos que envolveram a jovem Dica e seu movimento. O autor divide a dissertação em três capítulos: o primeiro traz uma reflexão teórica com o assunto abordado anteriormente; no segundo, ele apresenta uma análise histórica do movimento, e no terceiro capítulo é exposta uma análise histórica da atuação dos redentoristas em Goiás e sua atividade repressiva perante Dica e seu movimento.

O capítulo 1 é intitulado *Tipologia, carisma e poder: perspectivas teóricas e metodológicas*. Nele, o objetivo do autor é apresentar os elementos da sociologia da religião – principalmente de Weber – para uma análise do conflito entre os padres redentoristas e os seguidores de Santa Dica. Portanto, Gomes Filho pretende mostrar como o fenômeno religioso está entrelaçado às relações de dominação. Nesse sentido, ele afirma que

No campo de estudos de religião, especialmente nas áreas das ciências humanas, não é raro encontrarmos interpretações de fenômenos religiosos cujos conceitos refiram-se quase que invariavelmente a relações de poder e dominação. Tais conceitos, embora não contemplem toda a complexidade de um fenômeno religioso, são importantes instrumentos heurísticos para analisarmos as disputas por legitimidade, *poder* e *dominação*¹⁵, endógenos e exógenos ao campo religioso propriamente dito. Neste primeiro momento de nossas reflexões, portanto, pretendemos analisar conceitos referentes às formas de poder e dominação presentes nas relações religiosas, sendo estas, antes de tudo, compreendidas como relações sociais. (GOMES FILHO, 2012, p.22)

As religiões estão intimamente relacionadas com as dinâmicas de poder e dominação. A intrínseca relação entre religião e controle social serve para investigação e para a descoberta de fatos referentes a posição dos redentoristas contra o movimento de Santa Dica.

O autor pretende explicar os fatos relacionados a Santa Dica a partir de categorias teóricas construídas para uma melhor compreensão do campo religioso, mas que possuem uma interface com outros elementos da sociedade. Logo na introdução de seu trabalho, afirma que

¹⁵ O destaque em “itálico” consta no texto original

... acreditamos que essa ação de repressão religiosa empreendida pela Ordem Redentorista contra o movimento messiânico de “santa Dica” foi motivada por interesses políticos, econômicos e sociais, bem como por interesses propriamente religiosos, historicamente apreendidos através de conceitos, como “carisma”, tanto quanto das relações de poder entre os tipos ideais sociológicos de “profeta”, “sacerdote” e “mago”, elaborados por Weber. (GOMES FILHO, 2012 p. 18).

Embora reconheça que os interesses políticos, econômicos e sociais são relevantes, seu foco explicativo para compreender o contexto de repressão ao Reduto dos Anjos são os “interesses propriamente religiosos”. Daí o desenvolvimento de uma explicação das categorias religiosas a partir da sociologia da religião de Pierre Bourdieu e principalmente Max Weber, autor primordial para a fundamentação teórica do trabalho.¹⁶

Outra base conceitual sobre a legitimação das ordens religiosas e sociais tomado pelo autor é o de Pierre Bourdieu. Não detalharemos o conceito aqui, mas apenas o ponto de vista do autor sobre o mesmo.

Como característica comum a Weber e Bourdieu, Gomes Filho aponta a questão da mensagem religiosa, difundida por meio da pregação, do sermão ou da imprensa escrita, e essencial para estabelecer uma relação de dominação entre um grupo de pessoas. Para Bourdieu, essa forma de dominação através do discurso religioso é provocada por interesses exteriores à religião.

Um dos conceitos mais relevantes para evidenciar a dominação de caráter religioso é o de carisma, fundamental para explanar a relação hierárquica entre os diferentes sujeitos religiosos, notadamente a submissão dos leigos ao líder carismático. Nesse sentido, o autor se fundamenta em Max Weber, que

... viu na dominação carismática uma chave para compreender esses fenômenos sem necessariamente se deter na substância, ou elemento, que faz uma determinada pessoa líder, em contraponto a seus sequazes. Sendo assim, o foco de análise passou a ser não a natureza elementar do carisma, mas sua existência enquanto relação entre dominador e dominado. Em Weber, portanto, um evento carismático não poderia ocorrer se não por forma de relacionamento, ou melhor, em uma relação de dominação. Apesar de Weber focar prioritariamente no indivíduo carismático, a relação deste com o coletivo chamava também a atenção do autor, uma vez que somente a partir do reconhecimento do seguidor, e mesmo da comunidade ao seu redor, é que se constituía a existência do carisma. (GOMES FILHO, 2012, p.34)

O líder carismático era visto pelo grupo como possuidor de um dom de natureza religiosa. Isso desencadeia uma relação de subordinação entre ele e seus seguidores, a dominação daquele que detém um dom carismático e consegue angariar pessoas que o seguem por acreditarem no caráter transcendental da sua personalidade. Por isso, o líder precisa a todo tempo por a prova seus dons carismáticos, com o risco de perder seus seguidores se não o fizer. Além de ter que ser reconhecido pelo grupo de adeptos, o possuidor do carisma de natureza profética geralmente vai contra a ética religiosa estabelecida, questionando modelos éticos vigentes e mostrando novos caminhos em relação às condições de vida de seus seguidores. Ele é um revolucionário por natureza, propondo a esperança de alteração na realidade. Com isso, renova os acontecimentos históricos, fazendo com que velhas tradições sejam abandonadas e revolucionando o padrão cultural. “Weber vê no carisma o poder revolucionário *motor da história*” (GOMES FILHO, 2012, p.38).

O autor esclarece quais são os tipos de agentes religiosos, levando em conta a questão do carisma. Aqui, devemos chamar a atenção para a rotinização do carisma, que é quando não existe mais o líder carismático e o carisma é perpetuado por seus seguidores através de uma ordem eticamente estabelecida, dando origem às instituições. Vejamos o que diz Gomes Filho sobre o assunto:

De um modo geral, para Weber, o carisma, em sua forma original, genuína e pura (ou seja, não rotinizado), está presente no mago e no profeta, ao contrário do sacerdote, que o já tem devidamente rotinizado. A diferenciação básica do carisma do mago e do profeta, portanto, se baseia no fato de o mago possuir dons extracotidianos usados de forma mágica a coagir os deuses para interesses eventuais, devidamente remunerado para tal. Já o profeta, possui o carisma na missão (de que acredita ser o único capaz de realizar, e estar devidamente capacitado para isto) de anunciar uma nova ordem social, ou religiosa, na qual sua profecia vai, normalmente, de encontro com os dogmas tradicionalmente estabelecidos. Além disso, o profeta possui senso ético para sua missão, não aceitando, para isso, nenhum tipo de remuneração. Por outro lado, o que ambos têm em comum é justamente sua oposição ao sacerdotismo, não sendo eles profissionais de uma empresa religiosa específica (caso do sacerdote), e não estando ligados à manutenção da ordem social eticamente e tradicionalmente estabelecida. (GOMES FILHO, 2012, p.43)

O mago e o profeta detêm o carisma puro, em contraposição ao sacerdote, que possui um carisma rotinizado; na verdade, ele se apropria do carisma da instituição. Mas, qual a diferença entre o mago e o profeta? Segundo o autor, o mago usa de seus dons para influenciar, coagir os deuses para que certos interesses sejam atendidos, tudo isso mediante pagamento. Já o profeta trabalha dentro de uma certa ética e

finalidade. Ele sabe que somente ele será capaz de mudar o cotidiano e somente ele está preparado para isso, porém, o pagamento não é a base para sua existência, é uma atitude de doação pela sociedade. O sacerdote, diferentemente dos dois anteriores, já está em um outro estado de poder carismático, onde o líder já não existe e o carisma se dá pelo poder de persuasão da instituição à qual ele faz parte e da qual ele toma o carisma para si, pois sem a instituição, ele não teria essa capacidade influenciadora.

O autor destrincha os fios que se entrelaçam no contexto religioso, com a intenção de mostrar que a oposição central entre os padres redentoristas e Santa Dica tem como premissa um conflito entre o carisma profético de Dica e o carisma rotinizado dos padres. Nesse sentido, sua estratégia de explicar o passado se diferencia da utilizada por Vasconcellos, que vê o movimento de Santa Dica como resultado das contradições das forças produtivas, e da de Brito, que explica a oposição a Santa Dica a partir do preconceito de uma sociedade patriarcalista com a liderança feminina.

Como chave analítica para entendermos o carisma em perspectiva histórica, o autor nos chama a atenção para as perspectivas teórico-metodológica acerca do messianismo/milenarismo. Além disso, ele destaca que não é possível generalizar os movimentos messiânico/milenaristas, pois cada um está dentro de seu próprio contexto histórico. Como explicação desses movimentos, temos:

A dimensão temporal, e portanto, histórica, dos movimentos messiânicos e milenaristas, sobretudo deste último, é marcada notadamente pela aceção do tempo como sendo linear e portanto de um desfecho final, trazido pela mensagem do messias (caso do messianismo), ou pela esperança dos “mil anos de felicidade” (caso do milenarismo). (GOMES FILHO, 2012, p.56)

Existe então uma proposta nova pela mensagem trazida pelo profeta detentor do carisma. Aqui, vemos a colisão entre o carisma da Igreja Católica empunhado pelos redentoristas, que é um carisma rotinizado, já adaptado ao jogo de interesses políticos e econômicos da sociedade na qual está inserido, e o carisma profético de Dica, que busca uma nova organização religiosa e social, entrando necessariamente em conflito com o jogo de forças da sociedade. Daí o carisma profético ser visto como uma ameaça, seja por parte dos detentores do carisma rotinizado ou por parte dos grupos sociais que não querem mudança no status quo. Por isso, os padres redentoristas,

enquanto guardiões do carisma rotinizado, combateram Dica e destruíram seu carisma em nome de uma estabilidade religiosa e social.

Após esclarecer as categorias explicativas, o autor passa a contar uma “estória”, ou seja, colocar os fatos relacionados a Santa Dica num enredo que possui um começo e o fim. Ele trata o carisma de Dica com certa ironia (como no caso da brilhantina que passou por óleo sagrado, p. 65). Então, podemos acreditar que o enredo utilizado é o da sátira: o homem é um cativo do mundo. Tanto Dica quanto os Redentoristas são cativos de forças irracionais, e nenhum dos dois oferecem alternativas efetivas de libertação. Resta então criar tipologias – como a do sacerdote e do profeta – para uma apresentação da realidade.

A noção mesma de sátira romanésca representa uma contradição. Posso legitimamente imaginar uma estória romanésca satírica, mas o que eu entenderia por essa expressão seria uma forma de representação destinada a expor, de um ponto de vista irônico, a fatuidade de uma concepção romanésca do mundo. (WHITE, 2008, p.25)

Partimos agora para o segundo capítulo. Após expor de uma forma bastante clara e objetiva a parte conceitual de seu trabalho, o autor parte para a análise dos acontecimentos relativos ao movimento em si. Esse capítulo recebeu o seguinte título: *A “santa do Rio do Peixe”: carisma, religião, características e desfecho do movimento de “santa Dica”*. Não queremos aqui relatar os acontecimentos, mas sim analisar o olhar do autor em relação a eles.

Destarte, reafirmamos que o início do movimento de “santa Dica” se deu propriamente a partir do ano de 1923. Apesar de o fator fundante (terceira ressurreição de Dica) ter ocorrido em 1920, é somente a partir de 1923, com a importante presença e influência de Alfredo dos Santos, bem como a estruturação religiosa e social do reduto e da prática de curas e milagres, que se pode dar início a romarias e festas tão numerosas, bem como o acolhimento de um número tão expressivo de seguidores lembramos que as questões políticas e sociais, ao que nos parece, até o ano de 1924 não tiveram papel fundamental, o que torna o movimento, antes de tudo, religioso. É, portanto, somente a partir da religião, do carisma de Dica e de sua legitimidade religiosa conquistada mediante constantes provas de suas capacidades carismáticas, que o movimento social e político pode se estruturar, tornando-se, sobretudo, um movimento propriamente messiânico. (GOMES FILHO, 2012, p.71)

Mesmo que o episódio que deu a primeira visão de notoriedade a Dica tenha acontecido três anos antes, o movimento se estrutura somente em 1923. Mas a busca desse episódio é coerente com a teoria de Hayden White, pois o autor escolhe os momentos mais relevantes para encaixar nem enredo. Alfredo dos Santos é um

personagem muito importante para a estruturação do movimento enquanto organizador e cooperador com seus conhecimentos, principalmente do espiritismo. O texto é claro ao explicar que primeiro foi preciso a parte religiosa do movimento se estruturar e ganhar corpo para só depois termos o surgimento das partes sociais e políticas. Então, o autor conclui que somente com a base religiosa e carismática, que era a própria pessoa de Dica, foi que a sociedade da Lagoa pode crescer e se estruturar, e mesmo com todas as questões políticas e sociais que o movimento tinha, ele era genuinamente messiânico.

Dica necessitava de capacidades psicomotoras e intelectuais para abstrair e estabelecer uma nova doutrina e religiosidade, ou mesmo manipular elementos do sagrado (realização de curas e rituais que servissem de provas de seus dons extracotidianos) que permitisse aos seguidores terem condições de nela acreditar, e a ela seguir. Tais capacidades só poderiam estar presentes em Dica com uma idade já avançada, ou através da presença de terceiros que a investisse de ideias e procedimentos originais para uma nova religiosidade. (GOMES FILHO, 2012, 64)

Outro ponto chave para o sucesso do movimento, segundo o autor, é a crença na santidade de Dica, pois foi através da fé que as pessoas depositavam na jovem moça é que ela se transformou em uma profetisa, deixando de ser apenas uma curandeira. A santidade também é fundamental para a configuração da liderança de Dica em relação a seus seguidores, que aceitavam suas práticas religiosas e não a questionavam por ser ela uma santa, mesmo sendo mulher. “Isso significa que não é paradoxal a subserviência de centenas de homens a uma mulher como Dica, em uma sociedade como a goiana da década de 1920, pois não eram a uma simples *mulher* que serviam, mas a uma santa” (GOMES FILHO, p.73 2012)

A santidade de Dica por si só não era o principal fator para a consagração de seu movimento. Sobre isso, Gomes Filho (2012, p. 75) diz:

Se a fidelidade à Dica, como afirmamos, estava diretamente ligada a sua “santidade”, por que quando essa foi posta em xeque o movimento não se dissipou? A resposta dessa pergunta está no fato de que, embora a questão da santidade – conforme ressaltamos – seja *uma* importante peça para a legitimação do movimento, o seguimento de Dica não está ligado, contudo, somente ao fato de esta ser uma “santa”, mas, sobretudo, de ser uma *líder carismática*. Destarte, ao que nos parece, ainda que a santidade de Dica fosse aparentemente “deslegitimada” por seu suposto envolvimento sexual, a crença em seus poderes taumatúrgicos, ou mesmo na sua própria santidade, transcendia a esfera do conjunto de valores morais tradicionalmente aceitos na sociedade da época, sendo sua liderança carismática, portanto, pautada, dentre outras formas de dominação

religiosas, na criação de novos códigos de conduta moral, destarte, de uma nova “ética religiosa”.

Com os ataques vindos da Igreja e da imprensa principalmente, Dica começa a ser acusada de uma variedade de atos, os quais não correspondiam com sua função. Um desses ataques foi a respeito de sua vida conjugal e sexual, onde diziam que a jovem coabitava com homens dentro de seu reduto, sendo o principal deles conhecido como “Caxeado”. Mas, por que isso não feriu sua reputação enquanto santa? Mesmo para uma mulher comum, naquela época, ter uma vida sexual ativa era um absurdo. Segundo o autor, a crença em Dica continuava por causa de seu carisma; por sua liderança carismática, as pessoas a seguiam e acreditavam nela. Vejamos a seguir a decepção do autor por Dica ter escolhido Caxeado.

O que nos inquieta, e certamente inquietou igualmente muitos dos seguidores de Dica, é por que, sendo Cacheado um possível criminoso, cuja postura despertava desconfiança pelos membros do reduto, possivelmente violento e repressor da própria Dica, a “Santa do Rio do Peixe” ainda assim o escolhera como amante? (GOMES FILHO, 2012, p.111)

Então, esse carisma era capaz de criar novas regras de condutas morais onde as possíveis transgressões de Dica não tinham efeito. Ainda segundo o autor, a liderança como fator fundante e desagregador de uma sociedade existente era capaz de fazer surgir novos códigos de conduta religiosa, que eram válidos para aquela religião praticada no reduto.

Também foi criado dentro do reduto um “cânon” específico para o movimento religioso que ali se instalou. Era composto pelas “Conferências” que Dica realizava, de maneira oral, pela divulgação de pequenas orações escritas, pela circulação interna de um jornal escrito, intitulado *Estrela do Jordão* e por um documento, talvez o principal desse conjunto, a *Carta Sagrada*, que era a codificação de todos os deveres religiosos, profecias e normas éticas vigentes no reduto, e que segundo o autor, aparentemente foi redigido durante a prisão de Dica (GOMES FILHO, 2012).

Agora, com um código de conduta e profecias, Dica se estabelece definitivamente como uma líder carismática e mostra como se daria a salvação perante o “grande fim”.

O processo de eticização e racionalização da religiosidade de Dica, portanto, se deu *também* por meio da literalização das normas de condutas e deveres éticos religiosos. Os demais caminhos tomados por tais processos se deram a partir dos *ritos* religiosos praticados por Dica, a partir dos quais não somente

a ética religiosa era instituída por meio das “revelações”, como a própria hierarquia e ordem social foram estabelecidas no reduto. (GOMES FILHO, 2012, p.80)

Para o autor, era nos ritos que Dica legitimava seu carisma e propunha novas ordens sociais, seja de conduta, seja de hierarquia perante o reduto. As ordens emanavam dos céus, por isso não poderiam ser contestadas, e Dica era a única que poderia entrar em contato com os seres superiores. Ou seja, os rituais eram os momentos em que se separava a Terra dos céus. Além disso, aqueles que participavam dos rituais se destacavam perante os que apenas estavam no reduto de passagem, pois se confirmavam como participantes do reduto.

Dentre todos os rituais que eram praticados no reduto, o autor destaca o de “Confirmação” como o mais importante, por ser o de passagem muitas vezes da religião católica para a religião ali fundada. Outro ritual muito destacado pelo autor era o da “Conferência”, onde Dica possivelmente recebia as ordens celestes (GOMES FILHO, 2012).

Dentro do capítulo analisado, Gomes Filho expõe de maneira bem detalhada a repressão ao reduto de Santa Dica, mas, para finalizar o estudo desse item, vamos nos atentar para a conclusão do autor sobre o contexto religioso do movimento, que é nosso real objeto de atenção aqui.

Podemos afirmar, portanto, diante do exposto, que ao longo dos dois anos do movimento messiânico de “santa Dica” (1923-1925) houve um processo nítido de complexificação religiosa, com a criação de ritos, regras éticas e organização social hierárquica. Além disso, Dica instituiu espécie de revelação profética baseada em determinações religiosas e morais, bem como uma escatologia messiânico-milenarista. Isto significa, não obstante, que ao longo desse processo de complexificação religiosa, houve um nítido processo de formação de uma nova religião, que, enquanto em estado de formação (liminaridade) não se legitimava enquanto tal, necessitando de provas constantes por parte da liderança carismática, e conflitando diretamente com aquela que possuía (por seu carisma rotinizado) a legitimidade religiosa e política já constituída: a Igreja Católica. (GOMES FILHO, 2012, p.97)

Dentro do recorte temporal que durou o movimento, por volta de dois anos, temos a estruturação de um fenômeno religioso particular, mesmo que adotando detalhes de outras religiões, como o catolicismo e espiritismo. Dica organizou uma maneira de viver em sociedade, de trabalhar e de dividir a produção. Entretanto, o autor também afirma de forma irônica que ela pode realmente ter invadido terras populares, e que seu pai explorava romeiros.

A religião que estava sendo formada não tinha um carisma rotinizado, como a religião católica, por exemplo; então, para se manter de pé, dependia diretamente de Dica e seus sinais, sendo ela a líder carismática. Assim, Dica funda uma religiosidade composta por todas aquelas características vivenciadas no sertão goiano. Eram respostas dadas ao cotidiano daquela gente. Para Gomes Filho, o movimento de Santa Dica não foi apenas um processo dentro da religiosidade popular, mas transcendeu esse limiar: “tornando-se fundamentalmente um movimento messiânico-milenarista, e atingindo um alto grau de importância na história política, econômica, social e religiosa de Goiás” (GOMES FILHO, 2012, p.129)

No terceiro capítulo, intitulado *Do santuário de Trindade ao Santuário da Trindade: A repressão redentorista ao movimento de “santa Dica” em Goiás*, o autor analisa a investida redentorista contra Santa Dica e seus seguidores. É feita uma abordagem sobre a chegada dos redentoristas em Goiás e o caminhar da Ordem até a década de 1920.

A presença de tal predefinição, portanto uma ação racionalmente pensada (aos moldes weberianos), nos leva a entender que os ataques redentoristas ao espiritismo, protestantismo, curandeiros de um modo geral, comunismo, e – de maneira especial para nossa pesquisa – contra “santa Dica”, não consistem somente em respostas a acontecimentos repentinos ocorridos no Brasil e no mundo, mas em ações preestabelecidas, parte de um programa maior que se definiu em um contexto histórico marcado, sobretudo, pela concorrência religiosa legalmente estabelecida no Brasil, fruto do fim do regime de padroado. (GOMES FILHO, 2012, p.130)

Segundo o autor, os redentoristas chegam a Goiás a pedido da Diocese, principalmente por causa da falta de sacerdotes em território goiano. Eles também tinham o intuito de recuperar a religiosidade católica ligada diretamente a Roma e, com isso, combater a fusão de catolicismo e religiosidades sertanejas. Outro ponto destacado pelo autor é a questão da separação entre Igreja e Estado, ocorrida após a proclamação da república, sob a ideia de que a Igreja Católica precisava caminhar com as próprias pernas, de modo especial no que tange às questões financeiras.

Os redentoristas tiveram muitas dificuldades de adaptação em Goiás, tanto nas questões internas de diferença de pensamento entre mais jovens e mais velhos (os mais jovens tinham uma visão mais conservadora do catolicismo) quanto nas questões externas, dificuldades com o relacionamento entre os sertanejos, a língua, e posicionamentos em relação a acontecimentos cotidianos. Tudo isso fez parte da adaptação redentorista à nova casa.

Dentro da questão dos recursos, a principal saída que a Igreja teve foi o gerenciamento das Romarias, principalmente a de Trindade, que, segundo o texto, estava sendo disputada por ordens seculares ligadas à Igreja. A tarefa dos redentoristas também era gerir a maior romaria do estado. Ainda segundo o autor, com o tempo essa empreitada rendeu resultados expressivos. Aqui, temos mais um ponto de Dica e seus seguidores que deveria ser combatido: como existia um número muito grande de pessoas que iam até a Lagoa na época das festas que lá aconteciam, os redentoristas tentaram evitar que romeiros de Trindade fossem para lá. “Neste contexto, a principal alternativa para angariar fundos financeiros sólidos e estáveis para a diocese foi, sem dúvidas, o controle administrativo das romarias populares” (GOMES FILHO, 2012, p.137)

Como instrumento de disseminação dos ideais redentoristas, eles criaram o jornal *Santuário da Trindade*, veículo de divulgação das suas ideias e objeto de ataque a Dica e a religiões combatidas por eles. Gomes Filho nos aponta que a diocese não entrou em conflito com Dica e seus seguidores, pois não existem registros de que houve uma pressão por parte do bispado ou mesmo pela paróquia de Pirenópolis contra o reduto.

A diocese não se pronunciava, pois, de acordo com o texto analisado, quem estava incumbido de tal tarefa era a Ordem Redentorista. A cúria não combatia as outras formas de religião; esse combate só toma corpo com a circulação de ideias redentoristas. A mais intensa dessas batalhas é contra Dica e seus seguidores; o autor nos aponta que o principal incômodo dos redentoristas contra a jovem era o exercício de seu papel religioso. Assim, a batalha se caracteriza como um conflito de carismas, o carisma institucional dos redentoristas contra o carisma pessoal de Dica.

Entretanto, é no quesito religioso que o messianismo de Dica provocou maiores reações por parte da imprensa católica. Embora o jornal *Santuário da Trindade* aponte diversas vezes para questões políticas e sociais, é pela “usurpação religiosa”, bem como pelo rompimento do monopólio dos bens de salvação católicos, que Dica de fato “pecou”. (GOMES FILHO, 2012, p.155)

Como não criou do nada uma religião e cresceu dentro dos conceitos católicos, Dica toma para si diversas práticas dessa religião, fundindo-as com seu carisma e produzindo uma nova religião com características próprias, de anseios sertanejos. Isso, segundo Gomes Filho, é uma afronta perante os redentoristas e seu carisma rotinizado. Como uma pessoa com as características de Dica pode criar uma nova

religião? “Por outro lado, Dica não somente “usurpa” a autoridade de gestão dos sacramentos por não ser sacerdote, mas também por ser uma “mulher” (GOMES FILHO, 2012, p.156).

A nova religião criada por Dica se encaixa dentro da teoria weberiana, provocando uma ruptura com paradigmas antigos, dentre eles- e o mais importante segundo o autor- a cultura católica. A mesma teoria vê Dica como uma revolucionária, que ameaça o carisma rotinizado e institucionalizado e implanta uma nova cultura religiosa, implicando também em novas características sociais e econômicas, tudo isso impulsionado pelo seu carisma pessoal. “Fundamentalmente há um conflito entre um antigo carisma profético, rotinizado sob forma de carisma de cargo, e um novo carisma profético, que visa a instauração de uma nova ordem política, social e religiosa” (GOMES FILHO, 2012, p.171).

O autor então conclui, através de sua pesquisa sobre o ocorrido, que o problema que os redentoristas tiveram com Dica através dos textos do jornal *Santuário da Trindade* foi um embate por direito de expressão religiosa, pois a Igreja Católica exige para si a condição de única detentora do ensinamento religioso, e também, claro, do carisma em questão. Somente ela teria a “qualificação e legitimação” para tal ato.

Analisando o texto de Robson Rodrigues Gomes Filho através da teoria narrativa de Hayden White, temos um enquadramento na elaboração de enredo como uma sátira cômica. Também como o texto do item anterior, o personagem principal cai no final, mas dentro da teoria weberiana usada pelo autor, líder carismático é uma força revolucionária na história, mas não para trazer um mundo melhor. Para Weber, o líder carismático é uma liderança irracional, perigosa. A sua utopia é um sistema de dominação racional legal, fundada numa burocracia, apesar de até esse sistema ter seus defeitos: colocar a criatividade humana na jaula de ferro (Daí o caráter de sátira de seu pensamento).

Já no quesito a argumentação formal, o texto pode ser considerado contextualista, pois o autor busca fatos histórico para fazer uma rede de conexões; ele traça fios de condução, como o próprio Hayden White nos fala, não enquadra o movimento de Santa Dica em nenhuma ideia específica.

Por fim, temos a explicação por implicação ideológica. Como não existem muitos elementos para definir a posição ideológica de Gomes Filho, inferimos que seja a mesma de Max Weber, principal autor utilizado na dissertação. Weber é um liberal

que vê a mudança dentro das regras como a melhor forma de organização da sociedade.

Terminamos aqui a análise da bibliografia escolhida, e tentamos mostrar o que cada autor diz sobre Santa Dica e seu movimento, como cada um mostra suas bases ideológicas e de construção de narrativa. Mesmo com vários momentos em comum, vemos que cada pesquisador descreve Santa Dica de uma maneira diferente, colocando suas percepções pessoais no resultado final e criando, assim, várias faces para mesma mulher. Essas análises deram origem a uma imagem de Santa Dica. Inclusive, pode ser notada a presença dessas imagens criadas por esses trabalhos na literatura, na poesia, no cinema etc.

CAPÍTULO 2- SANTA DICA NO EXÍLIO (1926)

Neste capítulo, analisaremos, a partir da pesquisa em jornais, a estadia de Benedicta Cypriano Gomes no Rio de Janeiro e São Paulo, por alguns meses após ser libertada da prisão. Acreditamos que o apoio da Liga Espírita do Brasil¹⁷ do Rio de Janeiro foi fundamental para ela se tornar mais conhecida, abrindo caminho para posteriormente reconstruir seu poder na região de Lagolândia e fazendo de Santa Dica tema de obras acadêmicas, como foi demonstrado no capítulo anterior, e produções culturais, como mostraremos no capítulo seguinte.

Uma das ideias dessa dissertação é mostrar a questão do “exílio” para a ressignificação da pessoa de Dica. François Hartog propõe, em sua obra *Memória de Ulisses*, a importância do exílio e particularmente do retorno:

Do ponto de vista da visão grega do outro, sem dúvida não é indiferente que esse primeiro percurso do mundo, viagem canônica e fundadora, seja não uma viagem sem retorno, mas nada além de uma viagem de retorno. O que deveria ser nada mais que uma simples travessia (de retorno) transforma-se num périplo que leva dez anos para encontrar seu termo. Antes da *Odisseia*, Ulisses não passa de um chefe aqueu, particularmente hábil em falar e enganar, mas é o retorno que faz dele o herói da resistência, o *Polýtropos*, conferindo-lhe um lugar excepcional, análogo ao que, na *Ilíada*, foi atribuído a Aquiles: pelos séculos dos séculos. (HARTOG, 2014, P.28)

A viagem de Santa Dica para o Rio de Janeiro e São Paulo, que aqui chamamos de “exílio”, é uma viagem de retorno, como a de Ulisses. Ela, como o herói grego, faz uma viagem de circum-navegação, visando à volta. O retorno também faz de Dica uma outra pessoa. Já em pesquisas anteriores sobre Santa Dica, é mencionada essa ruptura entre o que podemos dizer que foi sua fase de “Líder Messiânica”, que ocorreu entre 1923 e 1925 até sua prisão, e o que viria a ser a sua fase de curandeira e figura política de extrema importância regionalmente. Vejamos o que diz Robson Rodrigues Gomes Filho sobre o assunto:

O que nos parece evidente, neste caso, é uma mudança processual na concepção dos seguidores acerca da “santidade” da taumaturga, especialmente a partir de 1926, portanto após a invasão policial no reduto,

¹⁷ Liga Espírita do Brasil, fundada em 31 de março de 1926, teve a sua denominação modificada para Liga Espírita do Distrito Federal, em 12 de março de 1950; para Liga Espírita do Estado da Guanabara, em 20 de dezembro de 1960; para Federação Espírita do Estado da Guanabara, em 30 de janeiro de 1972; para Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro / Seção Capital, em 15 de novembro de 1975; e para União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro, em 14 de junho de 1981. Disponível em: < febnet.org.br /Pagina/MovimentoEspiritaNacional> acesso em: 24/02/2020

motivada, dentre outras coisas, pelas próprias mudanças religiosas de Dica, verificada após seu exílio no rio de Janeiro e, conseqüentemente, seu contato com a Federação Espírita do Brasil. (GOMES FILHO 2012, p.72)

Os jornais que foram pesquisados para esse trabalho já noticiavam sobre a vida de Dica antes mesmo da sua prisão, mas a cobertura dos jornais cariocas e paulistas sobre as atividades em Lagolândia destoavam do teor crítico dos jornais goianos, sendo que não foi encontrada nenhuma crítica por parte da Igreja Católica durante a sua permanência nesses estados. O jornal *O Brasil*, um dos maiores defensores de Dica, inclusive, faz uma dura crítica ao Governo de Goiás:

Começou, ahi, a odyssea da pobre “Santa Dica”. O governador, em signal de gratidão, mandou suas tropas varrerem a bala o arraial onde habitava a infeliz e condenou-a, depois, por intermédio de seus juizes, a um anno e pico de prisão ... (*O Brasil*. Edição 1480(1),01/06/1926)¹⁸

Não foram encontradas muitas informações sobre a origem do jornal *O Brasil*. O que se sabe é que surgiu em 1921 e era dirigido por Almeida Brito e Armando Waddington.

Figura 01- Cabeçalho do jornal *O Brasil* referente ao dia 02/05/1925¹⁹



Fonte: *O Brasil*. Ed. 01088(1), 02/05/1925

2.1 A influência da Liga Espírita do Brasil e a Soltura de Santa Dica.

A Liga Espírita do Brasil foi criada em 1926, resultado de atritos por causas administrativas e doutrinárias dentro da Federação Espírita do Brasil.

Um deputado católico, chamado Plínio Marques, representante do Paraná, pretendia introduzir na reforma as famosas emendas religiosas, oficializando

¹⁸ As citações retiradas dos jornais da época estão conseqüentemente com a ortografia original.

¹⁹ Nessa imagem, podemos ver o nome do diretor: Almeida Brito, a localização de sua administração e oficina: Rua da Quitanda n.65 e o nome de seu gerente: Armando Waddington.

o estudo do Catolicismo nas escolas do país. Houve um movimento de reação nacional. Evangélicos, espíritas, maçons e outros grupos filosóficos-religiosos se coligaram para derrubar as tais emendas na Câmara Federal (e tiveram sucesso). Quando as emendas começaram a ser discutidas na Câmara, o segmento espírita dessa associação ecumênica começou a fazer reuniões nos Centros para obter apoio do movimento contra o projeto do deputado paranaense. O sucesso do empreendimento foi tão grande que eles decidiram ampliar suas intenções e começaram a discutir os problemas da Unificação. Desses debates saiu a ideia de realizar um Congresso Constituinte Espírita Nacional. Disponível em: <http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/Q_autores/QUINTELLA_Mauro_tit_FEB_e_a_Liga_espírita_do_Brasil-A.pdf> acesso em 27/02/2020

A ideia de unificação em relação aos centros espalhados pelos estados era antiga. Então, aproveitando a união de parte dos espíritas do Brasil na luta contra a emenda do deputado Plínio Marques, foi realizada a Constituinte Espírita Nacional. Durante a Congresso, sem a participação da Federação Espírita Nacional, foi criada a Liga Espírita do Brasil.

O Congresso Constituinte Espírita Nacional contou com a presença de 286 das 620 instituições convidadas. Pouco mais que um terço. A presidência do evento ficou a cargo do Desembargador Gustavo Farnese. O grande escritor maranhense Henrique Maximiano Coelho Neto, radicado no Rio de Janeiro e considerado o Príncipe dos Prosadores Brasileiros, ocupou a vice-presidência. [...] Depois de acaloradas discussões, a plenária do Congresso Constituinte aprovou a Constituição Espírita do Brasil. Segundo esse documento, a instância máxima dos espíritas brasileiros passaria a ser a Assembleia Espírita do Brasil, que se reuniria anualmente. O órgão executor das decisões da Assembleia seria a Liga Espírita do Brasil, uma nova entidade federativa nacional, fundada naquela oportunidade. Mais tarde, deveriam ser fundadas ligas municipais e estaduais para congregar os Centros Espíritas que desejassem participar desse esquema federativo (o que aconteceu apenas em Minas Gerais, Pernambuco, Petrópolis e Juiz de Fora). [...] O primeiro presidente da instituição foi o Desembargador Gustavo Farnese, que implantou e organizou a Liga em seu próprio escritório de trabalho. João Torres o sucedeu e inaugurou a sede provisória, onde instituiu um curso popular de Espiritismo. Além disso, fundou a REVISTA ESPÍRITA DO BRASIL, que circulou de 1929 a 1950. Disponível em: <http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/Q_autores/QUINTELLA_Mauro_tit_FEB_e_a_Liga_espírita_do_Brasil-A.pdf> acesso em 27/02/2020

O desembargador Gustavo Farnese, como primeiro presidente, viu em Dica uma primeira bandeira a ser levantada pela então nascente Liga. Veremos adiante que, inicialmente, tanto a Liga quanto o próprio desembargador acolheram Dica de uma maneira muito carinhosa e fraterna.

A grande maioria das reportagens sobre Dica, principalmente nos jornais do Rio de Janeiro, era divulgada na secção sobre o “Espiritismo”. É latente observar nas já referidas reportagens que, mesmo antes da chegada de Dica ao Rio de Janeiro, ela já era considerada uma médium e uma figura de grande valor para a Liga Espírita do

Brasil. Em uma carta enviada ao jornal *O Brasil*, Mozart Dias Teixeira, intitulado pelo próprio jornal como ocultista e professor, diz:

Em minha saudação ao professor Neumayer eu não disse que um de nós – os que formamos a primeira tríade de ocultistas com poderes curadores, - não disse que um de nós tem que desaparecer, para dar lugar a que sejamos substituídos por aquela nossa irmã que o povo de Goyaz apellidou de Santa Dica. O que eu disse é que Santa Dica é o primeiro elemento da segunda tríade. (*O Brasil*. Edição 01087(1),01/05/1925)

Os espíritas do Rio de Janeiro já a algum tempo usavam os jornais para divulgar suas ideias e informar sobre acontecimentos internos. Vejamos o que diz Marco Aurélio Gomes de Oliveira em sua dissertação de mestrado:

Os espíritas abriram espaço nos jornais diários da cidade do Rio de Janeiro desde o final do século XIX com uma série de artigos de Bezerra de Menezes. Segundo Zeus Wantuil, com o pseudônimo de Max, ele escreveu “*de 23 de Outubro de 1887 a 24 de Dezembro de 1894*” em *O Paiz*. Continuou sua série no *Jornal do Brasil* de 7 de Janeiro a 25 de Novembro de 1895, terminando-a na *Gazeta de Notícias* de 1º de Dezembro de 1895 a 15 de Outubro de 1897. Em seu artigo inaugural em *O Paiz*, Max afirma que naquela secção pretendia continuar “*a obra começada de exporem-se ao público a theoria spirita e as provas experimentaes de sua verdade*”. Segundo Emerson Giumbelli, em 1881 havia uma instituição chamada União Espírita do Brasil que objetivava “*formar agremiações pelas diversas províncias, além de oferecer serviços de assinatura de periódicos estrangeiros*”. Além disso, buscava reunir pessoas dispostas a “*custear a publicação semanal de artigos doutrinaes em um jornal de grande circulação*”, o que se concretizou através dos artigos de Bezerra de Menezes. Assim, durante 10 anos, um grupo de espíritas pagou pela publicação de artigos em três jornais diários da capital federal. Em 1938, Antonio Wantuil de Freitas assinando como “Mínimus”, então gerente de *Reformador*, assim se referiu à atuação destes na imprensa. (OLIVEIRA, 2014, p.106)

Na secção “Espiritismo” do jornal *O Brasil*, de vinte e nove de outubro de mil novecentos e vinte e cinco, é descrito uma perseguição a Dica. Ela era vista pelos espíritas do Rio de Janeiro como uma menina ingênua e uma poderosa médium, que estava ali apenas para ajudar e ao mesmo tempo se encontrava rodeada por interesseiros e aproveitadores. A reportagem é clara ao afirmar que Dica não causara nenhum tipo de desordem, os causadores são aqueles que a ela se reuniram para promover agitações e ir de encontro a ordem pública.

Telegramas de Goyaz trazem-nos novas de “Santa Dica”. A médium, se não é victima de torpes perseguições, está, segundo esses despachos, envolvida em tristíssimos acontecimentos. Assim, se têm fundamento as acusações que pesam sobre ella, a “curadora” sertaneja deu causa, ou foi pelo menos, pretexto para o fuzilamento de muitos homens que a acompanhavam, julgados prejudiciais a ordem pública. Seja como for a pobre rapariga vivia modestamente, sem ambições, lá num recanto longínquo do Estado de Goyaz, entregue, como médium que é, a sua missão de curar. Foram-na

arrancar ao cumprimento de um dever sagrado e atiraram-na as aventuras... Tentada, assediada, parece que faliu. E', talvez, mais um médium que tomba, victima de exploradores que se dizem crentes! (*O Brasil*. Edição 1268(1),29/10/1925)

Logo após o julgamento e a prisão de Dica, é relatado um esforço dos participantes do Congresso Constituinte Espírita Nacional realizado no Rio de Janeiro em abril de 1926. É discutido qual seria a ajuda dada pelos participantes do Congresso e posteriormente pela Liga Espírita do Brasil em favor de Dica. O tom de proteção a pessoas especiais como Dica para Liga Espírita do Brasil também se destaca.

O sr. dr. Gilberto Saboya, falou a respeito de perseguições que atentam contra a liberdade do pensamento, e verificadas em várias partes do interior do paiz, contra associações e médiuns espíritas. O sr. João Torres, teve a palavra para tratar da liberdade de Santa Dica, a médium que em Goyaz, realizou diversas curas e, depois foi victima de perseguições, levada ao Tribunal e presa. O orador pensa que o Congresso faria obra de grande alcance, envidando esforços, junto as autoridades, para obter a liberdade daquela moça que tanto se celebrizou em Goyaz, disseminando a caridade. Concluiu propondo a assembleia que, por intermédio da mesa, promovesse os meios possíveis de amparal-a. Isso seria um acto digno e fraternal da Liga Espírita do Brasil. (*O Brasil*. Edição 1425(1),07/04/1926)

É importante atentarmos aos pronomes de tratamentos usados para indicar as pessoas mencionadas na matéria e seus cargos, ou seja, não eram pessoas quaisquer do ponto de vista social. Isso é importante, porque é com essas pessoas que Dica irá conviver no Rio de Janeiro e são essas pessoas que vão influenciar a sua soltura, como veremos adiante.

Então, como podemos deduzir, era grande o interesse da Liga Espírita do Brasil na libertação Dica da prisão, e logo iniciou-se a movimentação de sua mesa diretora para a soltura da jovem. A pressão da Liga Espírita para ajudar Dica surtiu efeito, já que o presidente do Estado, Brasil Caiado, garantiu que, mesmo estando a jovem já condenada pela justiça goiana, ele usaria de atributos legais para perdoar seus supostos crimes. Esse foi o primeiro trunfo político de Dica ocasionado pela influência da Liga Espírita do Brasil. Mas ela é absorvida em segunda instância.

Em resposta ao apello que enviou ao Congresso Espírita ao governador de Goyaz no sentido de ser concedida liberdade a "médium" Santa Dica, o dr. Gustavo Farnese, recebeu, hontem, do dr. Brasil Caiado, o seguinte telegramma: " Goyaz, 14 – Dr. Gustavo Farnese Rio – O processo de "Santa" Dica depende de decisão do Supremo Tribunal de Justiça a que subiu, em grão de recurso. Esta condemnada a pena de curto prazo. Qualquer que seja, porém, a decisão, pretendo usar a atribuição constitucional concedendo-lhe perdão do resto da pena, se for confirmada a sentença do juiz singular. Saudações. – Brasil Caiado" (*O Brasil*. Edição 1436(1),18/04/1926)

Veremos adiante que alguns participantes da Liga eram pessoas com altos cargos na administração pública, como Desembargadores. Ao se solidarizarem por

Dica, e formalmente pedirem sua soltura, é de convir que as autoridades de Goiás na época levaram em conta essa pesada influência vinda da Capital Federal.

Foi absolvida a médium “Santa Dica”. Está de parabéns a Liga Espírita do Brasil. Telegrammas de Goyaz anunciam que a donzella, médium das margens do rio do Peixe – a Santa Dica – foi absolvida pelo Superior Tribunal de Justiça, do “crime de prática do espiritismo”. (*O Brasil*. Edição 1530(1).)

É evidente que, em Goiás, foi construído um discurso sobre Santa Dica, como já está mais que demonstrado em pesquisas anteriores. Jornais como *O Democrata* e *O Santuário da Trindade* focalizavam a mocinha do Rio do Peixe respectivamente como uma pobre moça que era vítima de aproveitadores e como uma profana.

Agora temos a Santa Dica. Quem é essa nova beatificada pelo povo? Temos em nossa frente a sua photographia. É uma menina de menos de 20 annos de idade, de uma sympathia arrebatadora; modesta, tristonha, e que parece viver dentro de seu próprio sofrimento. Custa-nos acreditar ser ella uma exploradora. Mas estamos convencidos de que explorada por pessoas que aproveitam do estado mórbido daquela creança para auferir resultados pecuniários. (*O Democrata*, 10/10/1924 apud BRITO, 1992, p.7)

De notícias particulares recebidas de Jaraguá sabemos que a tal moça hystérica vae começar, dagora em diante, a fazer também casamentos. Até esta epocha sua *jurisdição recebida dos Anjos* (risum teneatis?!) se restringia a baptisados e chrimas, agora vae também a casamentos! Poderá o Estado ver semelhante cousa com os braços cruzados? (Padre José Lopes Ferreira. *Santuário da Trindade*. Ano 3. N.81 25/10/1924 apud GOMES FILHO 2012, p.158)

Dica é perseguida, primeiramente através dos discursos produzidos pelos jornais supracitados, e logo depois, de uma maneira mais efetiva e prática, pelo poderio estatal, com sua detenção, destruição de seu reduto e com seu julgamento, condenação e prisão. É plausível dizer que Santa Dica não teve terreno fértil no Estado de Goiás da década de vinte. A sua “autoridade carismática” incomodava principalmente a Igreja Católica, mais precisamente os Redentoristas, e uma parte da sociedade. Vejamos o que diz Max Weber sobre o assunto:

O atendimento de todas as necessidades que vão além da rotina diária teve em princípio uma base totalmente heterogênea, ou seja, *carismática*, quanto mais recuamos na História, tanto mais verificamos ser esse o caso. Isto significa que os líderes “naturais” – em épocas de dificuldades psíquicas, físicas, econômicas, éticas, religiosas ou políticas – não foram os ocupantes de cargos nem os titulares de uma “ocupação” no sentido atual da palavra, isto é, homens que adquiriram um conhecimento especializado e que servem em troca de uma remuneração. Os líderes naturais nas dificuldades foram os portadores de dons específicos do corpo e do espírito, dons esses considerados como sobrenaturais, não acessíveis a todos. O conceito de

“carisma” é usado aqui em um sentido completamente neutro em relação aos valores. (WEBER, 2016, p.171)

Dica era uma pessoa especial, principalmente quando levamos em conta sua autoridade carismática. Ela foi responsável por um “Movimento” que atraiu várias pessoas, que por motivos diversos buscavam em seu carisma respostas, teoria já apontada por Robson Gomes Filho e retratada no capítulo anterior. Mas, como já vimos em algumas citações, esse terreno para o desenvolvimento das habilidades de Dica estava no Rio de Janeiro, mais precisamente junto à Liga Espírita do Brasil. Vejamos o que seus participantes falavam sobre a jovem goiana:

Santa Dica

Já bastas vezes, nós temos ocupado da personalidade de Santa Dica que mediunicamente – dizendo ouvir as vozes do céu e vendo os plenipotenciários do bem e do amor, nas suas acções santas ao serviço de Deus e de Jesus, e impellida ao cumprimento dos sagrados deveres de curar a lepra do corpo e do espírito de quantos chaguentos arrastam-se no mundo e a ela se achegam. Santa Dica surgindo nos sertões goyanos com pendores mediumnícicos extraordinários, logo alvoroçou os habitantes em seu derredor que, beneficiados, iam estendendo de povoado em povoado, de cidade em cidade, até chegar á capital goyana, a fama de seus feitos que, por sua natureza assombrosa, foram considerados “milagrosos”, por isso mesmo, ondas formidáveis de creaturas se queriam ver sob as irradiações das mãos e do olhar da donzella que, tal qual Jeanne d’Arc, interpelada, dizia angelicamente: “eu não sei de nada eu ouço dizerem-me ao ouvido: impõe as tuas mãos nas chagas dos leprosos e Deus permittirá que sejam curados.... (O Brasil. Edição 1530(1),1926)

Continuando nossa linha de raciocínio, é interessante relatar o lado religioso, ou a luta entre as igrejas que existiam no Brasil da década de vinte para angariar fiéis. Sabemos que, com o auxílio de outras pessoas, talvez o mais importante seja o professor Alfredo dos Santos. Dica consegue se destacar e, de uma certa maneira, fazer com que seus “dons” fossem conhecidos para além das fronteiras pirenopolinas.

A Igreja Católica do início do século XX detinha uma grande supremacia no universo religioso, principalmente em lugares mais afastados dos grandes centros urbanos, como era o caso de Goiás na época. Entretanto, nos maiores centros, como no caso do Rio de Janeiro, outras vertentes religiosas buscavam seu lugar ao sol, como era o caso da já citada Liga Espírita do Brasil. Mas em Goiás, havia uma forte oposição do catolicismo contra o espiritismo, como se percebe a partir de uma citação de um jornal comandando pelos padres redentoristas da cidade goiana de Campinas.

Uma das grandes pragas que flagelam a humanidade é o espiritismo [...] Nos poucos casos em que aparece um espírito, nunca é uma alma que se chamou, mas sim um demônio que assim quer seduzir e perder os homens

[...] fazem muitíssimas vezes ficar loucas as pessoas que assistem as reuniões [...] Por isso que a Igreja Catholica condena o espiritismo e proíbe debaixo de pecado mortal a assistência às sessões espíritas [...] Um dos efeitos mais comuns do espiritismo é transtornar a cabeça de quem o pratica. São muito frequentes os casos de loucura provenientes do espiritismo. O diretor do hospício de loucos do Rio de Janeiro declarou que quem leva o maior número de pessoas ao hospício é o espiritismo. E os que não ficam loucos de uma vez, ficam alucinados e dispostos a praticar os maiores desatinos. (Autor desconhecido. Santuário da Trindade. Ano 1, n.19, 10/03/1923 apud GOMES FILHO 2012, p.149)

É preciso que em toda parte o povo se convença que o espiritismo é uma praga mais perniciosa que a peste. (Autor desconhecido. Santuário da Trindade. Ano 1, n.28, 12/07/1923 apud GOMES FILHO 2012, p.149)

Pois bem, os “dotes mediúnicos” de Dica definitivamente eram malvistas pela Igreja presente em Goiás, pelo menos na região onde ela vivia. Dotes que eram extremamente importantes e bem-vindos para a Liga Espírita do Brasil, com sede na capital da nação. Além disso, todo discurso espírita feito em torno do nome da jovem de Lagolândia era composto por críticas referentes ao tratamento que Dica recebia em Goiás, principalmente após sua prisão. É importante relatar aqui que em momento algum nessa pesquisa foi encontrado algum discurso feito pelos espíritas nos jornais analisados, que apontasse nominalmente a Igreja Católica como perseguidora de Dica.

Vimos anteriormente que os participantes do Congresso Constituinte Espírita Nacional se manifestaram formalmente contra a prisão de Santa Dica, e isso muito provavelmente influenciou sua soltura. Como as citações anteriores apontam, pessoas influentes da capital federal pediram a liberdade da moça em comunicações feitas diretamente com o então governador do Estado de Goiás, Brasil Caiado. Para os espíritas do Rio de Janeiro, Dica, além de ter sido perseguida pelo Estado, também era manipulada por aproveitadores.

Absorvida Santa Dica, os espíritas congratulam-se com o conselho director da Liga Espírita do Brasil que por proposta do commandante João Torres no Congresso Constituinte Espírita tomou a si a tarefa de amparar a donzella livrando-a do cárcere e, na continuidade de sua acção protectora, a livrará das explorações dos “matutos sabidos”, que com as obras de Santa Dica entraram a cavar nickeis sob os fundamentos e os meios os mais vis, os mais extravagantes até levarem a pobre menina a triste condição de feiticeira. Com este acto, conseguiu a Liga Espírita do Brasil, representada pelo seu presidente, o senhor desembargador Gustavo Farnesi, uma grande Victoria. Estão, pois, de parabéns, os espíritas e a Liga que os amará. (*O Brasil*. Edição 1530(1),1926)

Dentre os “matutos sabidos” a que o texto do jornal fez referência, destacam-se Manoel José Torres, o “Caxeado”, e o professor Alfredo dos Santos. O primeiro chegou ao reduto quando se iniciaram os milagres, e se estabeleceu ali como comerciante. Tinha ascendência sobre Santa Dica. “Temido pelos adeptos por sua valentia, era visto pelos grupos dominantes como desordeiro” (VASCONCELLOS, 2013). Já o segundo, gaúcho de Soledade, era mestre-escola e viveu durante vários anos em Goiás. “É provável que o mestre, ou Doutor Alfredo, como ficou conhecido, tenha auxiliado Dica no início de sua transformação de curandeira em messias daquela população que ali se congregava” (VASCONCELLOS, 2013).

2.2-Santa Dica no Rio de Janeiro e seus Contatos.

Sendo considerada inocente de seus crimes, Dica não se encontra mais em território goiano, pelo menos por enquanto, e isso lhe oferece condições satisfatórias para continuar a propagar suas ideias. O que se sabe é que ela, juntamente com alguns seguidores e familiares, dirigiram-se para capital federal na segunda metade do ano de mil novecentos e vinte e seis.

Feror exul in altam (“Exilado, sou levado ao alto mar”), diz Eneias. Seus companheiros e ele próprio tornar-se-ão “errantes”, votados a um longo exílio, como prediz o fantasma de Creúsa, sua esposa morta, a Eneias: “Tens diante de ti um longo exílio e as vastas planícies do mar para lavar.” Eles não saberão, durante muito tempo, que orla abordar para fundar (*condere*) uma nova Troia ou ressuscitá-la (*resurgere*). (HARTOG, 2014, P.31)

Assim como Ulisses, Dica não saberá quando e onde fundar novamente um lugar de propagação de suas ideias. Ficará errante por um tempo até voltar para sua terra. O jornal *O Brasil*, na sua edição do dia vinte e nove de setembro de mil novecentos e vinte seis, publica a primeira entrevista com “Santa Dica” em território carioca. De início, é interessante que se destaque a ausência dos antigos auxiliares de Dica, como de seu pai, de Caxeado e do professor Alfredo dos Santos. Ela estava acompanhada de alguns seguidores e parentes, mas sem seus pais.

Figura 02- Provável primeiro registro fotográfico de Santa Dica no Rio de Janeiro, com alguns acompanhantes



Fonte: *O Brasil*. Edição 01601(1), de 29/09/1926

“Santa Dica”

EM VISITA AO RIO DE JANEIRO

A extraordinária médium em nossa redacção – Palavras de grande sensibilidade espiritual

Santa Dica, a médium de Goyaz, visitou, hontem, a nossa redacção. Vinha em companhia de vários homens rústicos de duas senhoritas, de uma senhora e de duas crianças. Todos tinham o mesmo aspecto dos nossos patrícios sertanejos. Eram gente boa e simples, honesta e sem a arte do embuste. Apenas a mocinha afamada pela sua natureza mediúnica parecia diferente do grupo das pessoas. Pallida, sorriso honesto, cabellos castanhos escuros a rolar em cachos suaves sobre seu pescoço e o seu rosto, um vestido branco, sem atavios mundanos, meias de algodão, cahindo com desalinho, sapatos brancos, de saltos altos, um chapeuzinho modesto. – e aquela menina deixava transparecer sua originalidade inconfundível na expressão do olhar profundo. Resumbra da pallidez da sua tez uma espiritualidade que a envolve de *sympathia*. Sente-se que é uma criatura de grande singeleza, de bondade e de pureza de sentimentos. Respondia as nossas perguntas meigamente como qualquer criança. Súbito, porém, pousava em nós seus olhos grandes, de brilho suave e casto e emmudecia.

- Veio satisfeita?

- Vim por ordem superior.

- Ordem superior?

- Sim, de cima.

- Trouxe seus paes?

- Não. Ficaram em Goyaz.

- Lembra-se das perseguições de que foi victima em sua terra natal?

A mocinha sorri, ainda com infantilidade. Não, não odeia. Não sabe odiar. Tínhamos a nossa frente a medium que a polícia de Goyaz perseguiu duramente, porque se fez adorada do povo daquelas regiões, devido as curas que praticou. Medium verdadeira, a menina não guarda recordações dos seus momentos de transe. O sr. Edmundo Gonçalves de Rezende, um dos membros da sua comitiva informa que Benedicta já esteve em transe durante 6 até 7 horas.

- Pretende demorar-se por aqui?

A menina responde a nossa pergunta:

- Penso que ficarei por aqui de 1 a 2 meses. (*O Brasil*. Edição 01601(1), 29/09/1926)

Um ponto interessante nessa citação é a visão que existia perante o povo goiano que ali estava. Eram descritos como homens rústicos. E todos eram generalizados dentro do espectro de sertanejos e considerados pessoas de boa índole que não estavam ali para ludibriar ninguém. Dica é vista como uma pessoa diferente, um espírito evoluído.

Finalmente ela estava ali, frente a frente com aqueles que tanto a defenderam e se movimentaram de uma maneira incisiva pela sua soltura. Continuavam a descrevê-la de maneira heroica e sem manchas, buscando apenas enaltecer suas virtudes. “Aparência pálida e um chapeuzinho modesto”, tudo na narrativa da matéria nos leva a acreditar que isso fazia parte de uma aparência perfeita. A brancura vista como algo positivo, o chapéu contido que não chamava atenção, típico de uma moça recatada. Cada detalhe de seu físico e de suas vestimentas foram notificados.

Sua entrevista é descrita como um diálogo feito com um ser especial que não falava apenas com as palavras, mas também, com a altivez de seus gestos. Fazia-se falar com seu silêncio, com seu sorriso e com o posicionamento de seu semblante. Tudo nela inspirava perfeição e sabedoria. É de se destacar que a menina não faz nenhuma crítica a sua perseguição e prisão. É denotado aí um dom de perdão ao que passou, enobrecendo ainda mais a figura de Dica. E a matéria finaliza demonstrando as capacidades mediúnicas da jovem.

Afinal, foi por suas capacidades espirituais que ela despertou o interesse da Liga Espírita do Brasil, por suas capacidades espirituais, e não por sua movimentação social e por atrair necessitados materiais a seu reduto, ou pelo seu choque contra as autoridades locais, incitando a partilha de terras, não trabalhar aos domingos e não pagar os impostos instituídos por leis, durante o auge de seu movimento, entre mil novecentos e vinte e três e mil novecentos e vinte e cinco.

Figura 03- Santa Dica com a mesa diretora da Liga Espírita do Brasil e a aglomeração de pessoas em frente ao hotel Pompeu



'Santa Dica' posando para O BRASIL na sede da "Liga Espírita do Brasil. — Em baixo a multidão frente ao Hotel onde está hospedada a famosa "medium"

Fonte: *O Brasil*. Edição 01601(1), de 29/09/1926

Chegando ao Rio de Janeiro, como já era de se esperar, o burburinho que uma mulher com “poderes especiais” ali estava se alastrou. Mas, é aqui que temos que ter um olhar mais apurado e justificar nosso estudo, mostrando a mudança de ações e de contatos de Dica.

Mais de 3 mil pessoas procuraram visitá-la, ontem, no Hotel Pompeu

Apenas divulgada a chegada da jovem medium Benedicta Cypriana Gomes, a esta capital, a curiosidade pública em torno de seu nome tem sido extraordinariamente assombrosa. Para dar ideia aos nossos leitores do movimento ontem, ao Hotel Pompeu, onde se acha hospedada, “Santa Dica” basta asseverar que mais de três mil pessoas procuraram visitá-la sem lograr resultado, pois, para que o hotel não fosse invadido notava-se um cartaz á porta com os seguintes dizeres: De ordem da polícia “Santa Dica” não dá consultas. [...] Enquanto na rua uma onda formidável de enfermos de toda a casta, de toda espécie, tentava alcançar a graça de falar a Benedicta. (*O Brasil*. Edição 01602(1), 1926)

Agora, “Santa Dica” estava na capital federal, amparada pela Liga Espírita do Brasil e por pessoas de grande influência na sociedade. Uma multidão se aglomera em frente ao Hotel onde a jovem estava hospedada. Mesmo sendo convidada e auxiliada pelos espíritas, seu prestígio foi para além desse círculo restrito. Desde os primeiros dias, é montado um aparato policial para que ela tivesse apenas contato com aqueles que a tinham trazido até ali.

Agora, Dica estava cercada por algumas pessoas de grande prestígio na sociedade da capital do país, e pela alta cúpula da Liga Espírita do Brasil. É sempre notória a insistência na lembrança de que a Liga teve papel fundamental na soltura de Dica, colocando de maneira frequente o nome do desembargador Gustavo Farnese, como articulador de tal ação. As partes das reportagens que demonstram o *modus operandi* do ritual espírita nas reuniões serão suprimidas, pois o que nos interessa é o contato a nível de influência política e social entre Dica e as pessoas de grande renome da sociedade carioca naquela época.

No interior do Hotel achava-se ella em conferencia com o desembargador Gustavo Farnese, presidente da Liga Espírita do Brasil, que durante a prisão ruidosa de “Santa Dica”, se empenhou vivamente para que lhe fosse concedida liberdade, victoria essa alcançada pelo Congresso Espírita que em uma de suas sessões resolveu trabalhar em pról da perseguida. E foi num ambiente de verdadeira *sympathia* que Benedicta Gomes passou o seu segundo dia de evidência nessa capital. (*O Brasil*. Edição 01602(1), 1926)

Mesmo que estudos anteriores a esse relatem situações nas quais Dica exercia sua mediunidade, como nos mostra Lauro de Vasconcellos: “A fama e a crença em seus poderes sobrenaturais – espírita que conferência com uma legião de anjos...” (VASCONCELLOS, 2013), Dica não teve uma iniciação formal nos dogmas, preceitos e rituais espíritas, pelo menos ao que se sabe. E faz sentido nosso pensamento, pois sua família era comprovadamente católica e o espiritismo, como já vimos anteriormente, era amplamente combatido pela Igreja Católica em Goiás. Então, como Dica alcançou tal fama? Vejamos o que diz Robson Rodrigues Gomes Filho sobre essa indagação.

A crença na suposta santidade de Dica foi, destarte, *um dos* fatores determinantes para o sucesso do movimento, uma vez que foi a partir da fé nos poderes taumatúrgicos da “santa”, dentre outros importantes fatores, que a legitimidade religiosa de Dica passou de uma simples “curandeira”, à “profetisa” e “santa” (GOMES FILHO 2012, p.149)

Entretanto, é notório que Dica teve que se adaptar a um ritual que ainda era novo para ela. Não é constatado anteriormente, ou até mesmo agora, que ela foi influenciada pessoalmente por um “legítimo espírita” (ligado diretamente a Liga), se assim podemos dizer, entre a sua soltura, enquanto estava presa, ou até mesmo quando ainda morava no reduto, principalmente entre mil novecentos e vinte e três e mil novecentos e vinte e cinco, no auge do movimento. Sua chegada ao Rio de

Janeiro e seu primeiro contato com a Liga ocorrem de uma maneira aparentemente suave, indicando o auxílio de uma pessoa que já conhecesse os trâmites de tal instituição.

Assim é, que, ás 17 horas, hontem, acompanhada das pessoas de sua comitiva e de jornalistas, se dirigiu “Santa Dica” ao escriptorio da Liga Espírita do Brasil, a Avenida Rio Branco n. 133, 5º andar, onde se achavam a directoria e os srs. Dr. Cesar Gonçalves, commandante João Torres, Nobrega da Cunha, Gustavo Macedo, Eutychio Campos e outros espíritas de renome, reunidos sob a presidência do desembargador Gustavo Farnese. Uma vez ali, fez uma prece o dr. Cesar Gonçalves, pronunciando breve saudação o presidente da Liga Espírita. “Santa Dica”, alvejada por todos os olhares, pouco a pouco, entrava em transe, manifestando-se por seu intermédio uma entidade que se dizia ter nascido na Allemanha na sua última existência. (*O Brasil*. Edição 01602(1), 1926)

Como já era de se esperar, a notícia de que uma “milagreira” estava no Rio de Janeiro se espalhou. A rua em frente ao hotel onde Dica estava ficou tomada. Eram os mais variados tipos de pessoas, também com os mais variados tipos de problemas. Principalmente a camada mais pobre e desamparada via ali uma oportunidade de algum amparo. Acontecia o mesmo que no reduto em Goiás no auge do movimento, quando milhares de pessoas vinham das mais remotas regiões do Brasil para serem agraciados pelos conselhos e bênçãos de “Santa Dica”.

Mesmo assim, apesar de medidas que evitassem o ingresso da grande multidão não foi possível evitar que o interior do hotel, dentro em pouco ficasse inteiramente repleto. Rápido, em menos de um minuto, eis que se abre uma das portas lateraes do hotel, em um automóvel, fumegando, a conduziu para logar ignorado, e a multidão que se achava em frente a porta principal, corre, desapontada, a procura do vehiculo e eil-o que desaparece. E o hotel continuou, todo dia, com um movimento fora do comum. (*O Brasil*. Edição 01603(1), 01/10/1926)

Dica talvez tenha se deslocado para o Rio de Janeiro com o intuito de satisfazer os desejos de ser conhecida e de ter seus “dons” apreciados pela cúpula da Liga Espírita do Brasil. Com a expulsão de Goiás, talvez o auxílio da Liga era uma das poucas opções, ou a única, que Dica tinha para se reerguer. A Liga Espírita a protegia do contato direto com o público, muito provavelmente por receio de acontecer o mesmo que em Goiás.

Chegando à janela para satisfazer aos instantes pedidos da multidão “Santa Dica” não se conteve e ao apertar a mão de mais de trezentas pessoas sentiu-se fadigada. Eram 21 horas e ainda atendeu em seu dormitório a várias pessoas. O último doente que mereceu sua atenção foi a menina Odette

Alencar, de, 16 meses, filha de José de Alencar, residente a rua Dr. Mendes Tavares n.82, Villa Isabel, que foi conduzida nos braços de seu pae. (*O Brasil*. Edição 01603(1), 01/10/1926)

Santa Dica chegou ao Rio de Janeiro como uma persona non grata em Goiás. A pouco foi libertada, era considerada uma profana e agitadora social em sua terra natal; entretanto, poucos dias depois, viveu como uma verdadeira estrela na capital federal.

Esteve em visita a medium o dr. Diogenes Pereira da Silva, médico operador, seu parente. Em longa palestra com o nosso companheiro "Santa Dica" demonstrou suas sympathia para com O BRASIL, pelas reportagens que tem publicado desde que os seus trabalhos tomaram vulto, em Goyaz. (*O Brasil*. Edição 01603(1), 01/10/1926)

Espíritos passadistas apegados as velharias de antanho não percebem que o jornal moderno é forçado a servir os seus leitores interessados nos assumptos espiritualistas. Aliás, nas capitaes do mundo, as instituições espíritas convidam a imprensa para divulgar-lhe os pphenomenos comcias de que a "luz não deve permanecer occulta, mas, em evidência afim de que todos participem de seus benefícios". (*O Brasil*. Edição 01604(1), 03/10/1926)

Ainda levando em conta a teoria de que Dica foi preparada para a viagem ao Rio de Janeiro, prestemos atenção em parte da citação acima. Ela se encontrou com um médico que o jornal diz ser seu parente. É satisfatório pensar que, bem antes de sua jornada, a capital ela já se comunicava com uma rede de contatos na referida cidade, ou mesmo que os espíritas já a contataram ainda em território goiano e mantiveram esse contato por bastante tempo antes de sua prisão.

"Dica veio ao Rio por determinação do seu guia espiritual e para fugir as perseguições no seu Estado, onde vive sob constantes ameaças. Trouxe uma apresentação do presidente do Tribunal para a Federação Espírita, onde se apresentará hoje." (*"A" NOITE*. Edição B05335, 28/09/1926)

O jornal *O Brasil* é de longe aquele que mais escreve sobre "Santa Dica". É notória a construção de um discurso que beneficia a médium, sempre narrando seus encontros importantes e se referindo à jovem moça com palavras de apreço e carinho. Não se sabe ao certo o porquê disso, mas a tendência era que esse jornal fosse diretamente ligado à causa espírita.

Ainda segundo o jornal *O Brasil*, algumas pessoas ficaram descontentes com a forma de atendimento da médium. Dica desde o começo de sua vida pública, ainda bem jovem em Goiás, sempre foi auxiliada de maneira contínua por pessoas

altamente sagazes, que se aproveitavam de suas qualidades perante a sociedade. No Rio de Janeiro com certeza isso não era diferente. Muito provavelmente, a seleção de atendimentos era feita por alguém que percebia que a jovem médium estava ali para atender apenas casos específicos. Mas isso não quer dizer que ela concordava com tal posição.

Um mulato alto que penetrou no hotel, à noite, com a fisionomia visivelmente alterada fez uma preleção de incentivo a médium dizendo que ela de via atender as pessoas sem mais detença. Foi agradavelmente recebido e parecia estar movido por uma força estranha. (*O Brasil*. Edição 01603(1), 01/10/1926)

Já passados alguns dias da sua chegada, Dica ainda é alvo da curiosidade popular, e as matérias analisadas exploram muito bem isso, sempre relatando no início dos textos a imensa quantidade de pessoas frequentemente ficavam defronte ao hotel da jovem “milagreira”. Apenas a visão daquela que era considerada “santa” já satisfazia a ansiedade de um pobre que ali estava. Talvez um olhar direto da mulher já poderia curar as dores de uma pobre alma. Isso, é claro, do ponto de vista da matéria jornalística. Dica já era uma figura consolidada, já era reconhecida, mesmo por aquilo que fizera ainda em território goiano.

Benedicta Gomes, a médium cognominada “Santa Dica” teve hontem um dia totalmente repleto de afanoso lidar. A’s 8 horas já era espantoso o número de pessoas que em frente ao Hotel Familiar Pompeu, onde ella está hospedada aguardava o momento para consulta-la ou mesmo, ver a sua figura de humilde sertaneja posta em evidencia graças aos phenomenos casos que lhe apareceram ter algum tempo, tornando-a por isso o alvo de todos os que sofrem. (*O Brasil*. Edição 01604(1), 03/10/1926)

Logo após o ocorrido com o mulato dias antes, referente aos atendimentos, e a uma possível filtragem, ou mesmo um beneficiamento de certas pessoas, o jornal logo se prontificou a relatar uma visita de Dica a uma pobre família.

Benedicta Gomes hontem pela manhã, visitou uma pobre família em Nictheroy, alli ministrou cuidados espirituaes a duas enfermas, cena tocante, deixou pprofunda impressão naquele lar pobre: Enedina dos Santos, uma pobre velhinha , “Santa Dica” , ministrou conselhos e passes e voltando a si, compadeceu-se da enferma, foi ao fogão e fez um mingao. (*O Brasil*. Edição 01604(1), 03/10/1926)

O texto é bem construído em torno de um atendimento muito carinhoso e fraterno por parte de Dica. Chega a ser impactante o relato da cena entre a sertaneja e as pobres velhinhas. Dica não se contenta em fazer apenas um atendimento espiritual, torna-se também uma simples serviçal, preparando alimento para as senhoras desamparadas.

É de se reparar que, anterior ao nome da mulher no texto, não existe um pronome de tratamento, como é colocado na maioria das mulheres que Dica atende, o que nos faz pensar que a maior parte dos atendimentos é feito a pessoas de uma certa colocação social. Mas, como uma boa cristã, ela precisa se deslocar para junto dos mais necessitados e carentes, e com eles também compartilhar de seus “dons”, tornando o fado dessas pobres almas mais leve.

Contudo, sua principal convivência na capital federal era com aqueles que tanto lhe foram solícitos em seus tempos de penúria em Goiás, mais precisamente os espíritas representados pela Liga. Dica tinha uma agenda cheia e quase toda ela era composta por visitas aos vários centros espíritas que estavam sediados no Rio de Janeiro e nas cidades vizinhas. Nessas visitas, ela era sempre saudada por figuras importantes, pessoas de relevância, seja por sua profissão, seja por sua ocupação no seio da sociedade carioca.

Voltando do Hotel, foi cercada pela multidão, atendendo algumas pessoas, inclusive a Comissão da Assistência Espiritualista dr. Numa Pinto, composta das seguintes pessoas: Eduardo Ferreira Pinto, Francisco Torres. D. Lina Santos Lopes e Manoela Torres, ficando assentado que a sessão especial da Assistência será na próxima segunda-feira. (*O Brasil*. Edição 01604(1), 03/10/1926)

A SESSÃO DE HOJE NO CENTRO ESPÍRITA DEUS É AMOR DO PROXIMO

Será as 20 horas na sede a rua da Carioca, n. 47, 2º andar, com a presença de “Santa Dica”, que será saudada pelo médico dr. Almeida Couto, presidente do Centro e pelo capitão Thomaz Coelho, orientador, será uma sessão que promete revestir-se de um cunho altamente espírita. (*O Brasil*. Edição 01604(1), 03/10/1926)

Ainda segundo o jornal *O Brasil* edição 1608, de seis de outubro de mil novecentos e vinte e seis, Dica estava pretendendo morar em um abrigo chamado Thereza de Jesus. Sabemos que essa transferência não se concretizou, pois, pouco tempo depois, ela viajara para São Paulo, onde ficara alguns poucos dias, até voltar para Goiás. Ainda segundo o jornal, a porta do hotel onde ela estava hospedada continuava lotada de curiosos e necessitados. Dica recebia convite de vários centros,

muitos eram os que queriam conhecer a jovem médium do centro-oeste brasileiro. “Diversos centros espíritas, por sua vez, renovam convites especiais com o intuito de homenageá-la e prestar e prestar socorros aos que batem as suas portas pedindo alívio.” (O BRASIL, ed.1608, 1926)

Nessa mesma matéria, é discutido o porquê Dica ainda não ter se fixado no abrigo anteriormente citado. Segundo o jornal, ela tinha muita simpatia pelos membros de sua comitiva, que a acompanhavam desde Goiás, e ela ainda tinha compromissos com o povo goiano. O mais interessante aqui é que sabemos que sua volta à terra natal se deu de maneira bem rápida. O que levou, ou quem levou Dica a tomar essa decisão é uma incógnita.

Mesmo passado pouco tempo, as autoridades de Goiás vendo que Dica fora bem aceita principalmente no Rio de Janeiro, não se importaram com sua volta à terra natal. Chega a ser estranho, pois, no Rio de Janeiro, Dica era tratada como uma estrela e tinha contatos importantes na sociedade carioca, apesar do pouco tempo que lá ficou.

Já sabemos que Mário Mendes, que futuramente foi seu marido e pai de seus filhos, voltou para Goiás com ela, e já é de nosso conhecimento que ele se aproveitou dos supostos “dons” de sua amada. Se Mário Mendes viu um terreno mais fértil em Goiás e influenciou a amada a voltar, continuamos sem saber. Também temos que levar em consideração que Dica não estava acostumada com os rituais espíritas e seus encontros de cunho religiosos no Rio de Janeiro. Ela era apenas uma médium, respeitada, claro, mas, somente uma médium. Já em Lagolândia, ela sempre foi vista como uma grande líder.

O título da manchete sobre a jovem goiana no dia sete de outubro de mil novecentos e vinte e seis era o seguinte:

“Santa Dica” A sessão de hontem na reunião conjunta dos centros espíritas “Joanna d’Arc” e “Trabalhadores da Serra” – Movimento no Hotel Familiar Pompeu, subiu a mais de mil pessoas – Visita a Ilha do Governador- Mais de 50 centros espíritas, solicitam visitas da medium” (O Brasil. Edição 01609(1), 07/10/1926)

Como podemos ver, Dica teve uma vida muito agitada durante o pouco tempo que passou no Rio de Janeiro. As fontes estudadas afirmam que as pessoas que estavam em frente ao seu hotel nunca foram atendidas. Ela visitou várias localidades do Rio, muito provavelmente casas de pessoas importantes que solicitavam a

presença da médium. É de se destacar também a grande quantidade de centros espíritas que solicitavam a sua visita. Nem todos foram atendidos.

Continua, pois, “Santa Dica” em plena evidência, enquanto a “Liga Espírita do Brasil” organiza o plano de aproveitar a sua mediumnidade, afastando-a dos meios avassalados e dando-lhe conforto, estudo, repouso, estabelecendo um programa methodico capaz de salvaguardal-a de desgostos futuros. (*O Brasil*. Edição 01609(1), 07/10/1926)

Ainda na mesma edição de sete de outubro, é revelado o interesse da Liga Espírita do Brasil em acomodar Dica em suas fileiras, dando todo tipo de ajuda possível.

2.3 Rompimento com a Liga Espírita do Brasil e o Retorno para Goiás

Talvez a Liga Espírita já estivesse avisada da intenção de Dica de voltar para Goiás, sabendo também que essa decisão estava sendo influenciada por outras pessoas, ou outra pessoa. A Liga queria, de uma forma absolutamente religiosa, pelo menos ao que parece, protegê-la daquilo que já sabia que era certo. Logo após, no mesmo texto é dada a notícia bombástica com destaque: “SANTA DICA” DE VIAGEM PARA GOYAZ – FICARAM SUSPENSAS AS CONSULTAS”. (*O BRASIL*, ed.1609, 1926)

As tribulações do exílio estão longe de terminar, mas daí para a frente eles sabem: fundar a Cidade (*condere Urbem*) ou a raça romana (*Romanam gentem*) será sim fazer ressurgir o reino de Troia (*resurgere regna Troiae*), porém, mais ainda, a ressurreição não poderá acontecer, ter lugar senão na terra-mãe de origem. A fundação é refundação, é repetição, embora, ao mesmo tempo, completamente inédita. (HARTOG, 2014, P.32)

Dica precisava voltar para Goiás, precisava rever as pessoas que ela lá deixou. Eram seus seguidores, acreditavam em seu carisma. O Rio de Janeiro não pode ser um novo “Reduto dos Anjos”, pois esse já tem seu lugar. Foi instalada então uma força tarefa para tentar convencer a médium a continuar no Rio de Janeiro. Podemos deduzir que, de um lado, a Liga e toda sua cúpula estavam voltadas a dissuadir a jovem a permanecer na capital e se aprofundar na doutrina espírita. Por outro lado, sua comitiva, formada por pessoas sobre as quais não conseguimos nenhum dado, a

não ser do já relatado Mário Mendes, a forçava a deixar o Rio de Janeiro e partir de volta para Goiás.

Talvez por medo do desconhecido, e pela maior influência de pessoas mais próximas, Dica resolve voltar. Fica acertado em uma reunião que Dica voltaria para Goiás apenas para deixar sua comitiva, depois se instalaria, pelo menos ao que parece, definitivamente no Rio Janeiro. Sabemos que isso não aconteceu.

Com a presença do desembargador Farnesi, jornalista Nobrega da Cunha e demais membros da directoria, realizou-se hontem, a última hora, uma reunião secreta, na “Liga Espírita do Brasil”. Nesta reunião ficou resolvido embarcar no próximo dia 12 do corrente mês, com destino ao Estado de Goyaz, a medium “Santa Dica” que ahi deixará a sua comitiva. Após decorridos trinta dias, voltará “Santa Dica” ao Rio, para de acordo com a orientação de seus guias e Conselho da Liga Espírita do Brasil, desempenhar sua missão. A’s 23 horas, esteve no Hotel Pompeu uma comissão do centro “Santo Agostinho”, de Santos, que convidou “Santa Dica” para trabalhar alli. Foram também suspensas, até ulterior deliberação, quaisquer consultas. (*O Brasil*. Edição 01609(1), 07/10/1926)

Fica explicito na próxima citação que a direção da Liga Espírita na pessoa do desembargador Gustavo Farnese estava comprometida em acolher Dica. Os discursos proferidos pelo jornal analisado nos mostram a imagem que eles tinham da jovem goiana. Uma mulher com dons espirituais elevados e de extrema importância para os espíritas do Rio de Janeiro. Uma pessoa que estava a mercê de aproveitadores e dos mais variados tipos de interesses exclusivos. Dica é sempre relatada como uma pessoa pura e ingênua que estava nesse mundo para servir e aliviar a dor dos mais necessitados. Era tratada como uma filha pela Liga, e eles estavam dispostos a, de uma certa maneira, desligá-la de seu passado, principalmente daqueles dias que ela passou na prisão.

Hontem, as 10 horas, chegou ao Hotel Familiar Pompeu onde está hospedada Benedicta Gomes. O sr. desembargador Gustavo Farnese, que neste momento tem as mãos a espinhosa responsabilidade de dirigir a Liga Espírita do Brasil, e, como tal, seriamente impressionado pelo destino de “Santa Dica”, exercendo sobre ella, realmente, os carinhos paternaes, visto tratar-se de uma joven, cuja mediumnidade em evidencia está sob a acção dos elementos que a disputam para o desempenho de sua missão. Que destino estará reservado a interessante donzella do “Rio Jordão”? Ella traz os traços característicos de uma predestinada. Veio de Goyaz com uma história repleta de páginas emocionantes. Haja vista os longos dez meses que passou no cárcere e sua vida intensa nesses últimos dias. (*O Brasil*. Edição 01611(1), 1926)

Citado anteriormente, o Desembargador Gustavo Farnese é figura de grande destaque na criação da Liga Espírita do Brasil, um de seus principais idealizadores e um dos responsáveis inicialmente pela carta enviada ao então governador Brasil Caiado, pedindo a soltura de Dica. Quando ela estava no Rio de Janeiro, foi um dos grandes incentivadores para que Dica se tornasse adepta ao espiritismo.

A repulsa de Dica à ajuda dos espíritas já começava a incomodar. Ela era totalmente contrária aos desejos da Liga, para que começasse a estudar e aprendesse a ler e escrever. Dizia que a não capacidade de leitura e escrita era um desejo dos espíritos com os quais ela se comunicava. As pessoas de sua comitiva, aquelas que chegaram de Goiás junto com ela, também eram contra que ela aprendesse a ler e escrever.

Nota interessante em todo esse amparo que a Liga Espírita do Brasil, lhe quer dar, é o caso que “Santa Dica” não sente desejos de estudar, de aprender a ler e, resiste a todo transe a quaisquer argumentações neste sentido! Ainda hontem: ouvimos-a dizer:

- Jesus chamou os pescadores e os mais ignorantes para o seu apostolado. Não é o corpo que aprende a ler, mas o espírito. Acredito que, se os espíritos que me acompanham desejarem que eu saiba ler, eu alcançarei esse “dom”. Por outro lado, pessoas de sua comitiva afirmam e consideram que “os espíritos superiores escolheram uma analphabeta para realização de uma obra, e que somente eles decidirão a respeito. (*O Brasil*. Edição 01611(1), 1926)

Aqui, podemos refletir um pouco sobre quais eram as intenções de Dica e de seu grupo (no caso, os que a acompanhavam desde Goiás). Mesmo com vários convites de acolhimento, em centros espíritas diversos, até um de Santos, ela nunca aceitou. Também era totalmente contra estudar, aprender a ler e escrever, e se aprofundou na doutrina espírita de uma forma mais técnica. E por fim, a sua negação em ficar no Rio de Janeiro, mesmo com a promessa de voltar depois de algum tempo. Aparentemente, os espíritas não aceitavam tal repulsa ao estudo, mas tudo indica que respeitaram a decisão da jovem.

Um dos pontos centrais desse trabalho é mostrar como foi construída a influência de Dica junto a pessoas importantes da sociedade goiana e brasileira. Nota-se que durante o movimento de “Santa Dica”, que se deu entre mil novecentos e vinte três e mil novecentos e vinte cinco, amplamente estudado e divulgado, Dica não exerceu uma influência direta nos políticos locais. Apesar de ser convocada em mil novecentos e vinte quatro para ajudar a defender o território goiano da ameaça da Coluna Prestes, nunca foi íntima da elite social goiana. Não era de frequentar a casa

de pessoas importantes, de conviver com uma elite intelectualizada. Mesmo não aprendendo a ler e escrever, e visivelmente sempre auxiliada, se não dizer influenciada, ela era uma mulher aparentemente muito sagaz.

O não contato direto com uma elite começa mudar em sua breve estadia no Rio de Janeiro, mesmo porque Dica foi convidada pela Liga Espírita do Brasil, que era composta, pelo menos na sua diretoria, por pessoas de certo nível intelectual e apreço social. Isso podemos ver claramente nas reportagens citadas. No Rio de Janeiro, ela estaria quase que todo tempo próxima a uma parte da sociedade que ela não era acostumada estar em Goiás: desembargadores, médicos, grandes comerciantes, muitos jornalistas e pessoas de alta patente das forças armadas e da Polícia Militar.

Veremos a seguir que Dica foi solicitada por um Marechal, a mais alta patente do exército brasileiro e pessoa de grande destaque na cena social da capital federal. Seus serviços foram demandados pessoalmente pelo referido Marechal, que não tem seu nome divulgado na reportagem.

VISITA A UM MARECHAL DO EXÉRCITO

Acompanhada do desembargador Gustavo Farnese, do sr. Eduardo Ferreira Pinto e outras pessoas, “Santa Dica” saiu do hotel as 11 e meia horas, para visitar um marechal do Exército que se acha enfermo e solicitou os seus serviços médiumnicos. Até a hora que saímos do hotel não havia regressado. Do interior tem chegado vários enfermos a procura de Benedicta Gomes. – Estiveram no Hotel Pompeu a sua procura: Coronel Mello Sampaio, capitão J.C. L. Moura, Arlindo Guimarães, comerciante e capitalista, dr. Targino Ribeiro, Affonso de Aguiar Duarte, Joaquim Carneiro, dr. Ramiro de Abreu, comissão do Centro Espírita Auxiliador S. Sebastião, e muitas outras pessoas de representação social que ocultaram seus nomes a reportagem. (*O Brasil*. Edição 01611(1), 1926)

Dica passa grande parte do dia na casa do militar, regressando em horário desconhecido por aqueles jornalistas que a acompanhavam. Ao mesmo tempo, várias pessoas vindas do interior também requeriam os serviços da jovem médium. Vale destacar, mais uma vez, que os atendimentos eram feitos a pessoas de um certo prestígio social, ou “representação social”, como a própria reportagem destaca. Vários representantes de centros espíritas ainda a procuravam, mesmo sabendo da decisão de sua partida, talvez tentando persuadi-la a mudar de ideia.

Os dias de Dica na capital federal fizeram com que o conhecimento sobre ela e sobre seus “dons” aumentasse. É notório nas matérias analisadas que sua fama crescia cada dia mais; pessoas do interior do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas

Gerais procuravam a médium atrás de solução para os mais variados tipos de problema. Ela passava grande parte de seu tempo longe do Hotel, e basicamente o usava apenas para descansar. Inúmeros centros espíritas e autoridades solicitavam suas visitas, que aparentemente sempre eram atendidas pela médium.

Apezar das constantes visitas que a medium Benedicta Cypriana Gomes, ("Santa Dica") tem feito aos centros espíritas desta capital e de Nictheroy, continuam a chegar diariamente no Hotel Familiar Pompeu, onde ella está hospedada, visitas e convites de toda parte não somente desta capital, como de Campos, Santos e São Paulo. (*O Brasil*. Edição 01618(1), 16/10/1926)

Dica e sua comitiva, que era composta, segundo informações da própria imprensa, por nove pessoas, as quais se deslocaram com ela desde Goiás, já estavam há vários dias hospedados no Hotel Pompeu. Podemos pensar aqui que a ideia de levar de volta os acompanhantes seria pelo alto custo das despesas. A Liga tinha em mente sustentar Dica, e não seus acompanhantes.

Segundo a matéria do dia dezesseis de outubro de mil novecentos e vinte seis, a dívida com o Hotel já somava uma grande quantia, e como tudo indica, Dica e seus acompanhantes não tinham como pagar, pois, perante os jornais e a bibliografia analisada, ela teria saído quase que direto da prisão e ido para o Rio de Janeiro, e isso seria uma das condições de sua libertação. Alguns membros da Liga Espírita se comprometeram, então, a arcar com os custos da hospedagem da jovem goiana.

Outros problemas estão ainda em via de solução a respeito da estadia nesta capital, da jovem medium, sendo digno de menção a sua situação financeira, que depende das almas caridosas, que desejarem concorrer para o pagamento da conta do hotel, onde com a sua comitiva de 9 pessoas, tem uma despesa perto de 100\$000 diários. Há um movimento da parte da Liga Espírita do Brasil, no sentido de serem pagar todas as despesas que passam de 2:000\$000, e desse modo possa Benedicta retornar a Goyaz, onde após uma temporada regressará a essa capital, no exercício de sua missão. (*O Brasil*. Edição 01618(1), 16/10/1926)

Ainda na mesma matéria sobre a médium, surge uma notícia importante, talvez até impactante para o presente estudo. Desde o começo dos relatos jornalísticos analisados, é no mínimo instigante para a condição da pesquisa histórica aqui realizada, a possibilidade de haver um mentor intelectual por traz das atitudes de Dica. Com essa indagação, não estamos querendo desmerecer a astúcia ou mesmo a capacidade mediúnica de Dica, que nessa pesquisa não é analisada. Por muitas vezes, ela se distancia de convites para residir em algum centro espírita, com a

possibilidade de levar sua comitiva e ali ter um lugar onde morar de maneira definitiva, além de oportunidade de instrução.²⁰

O pensamento mais coeso e lógico nesse momento é que a jovem seria orientada por uma pessoa que já a seguia a algum tempo. As matérias pesquisadas não mencionam o professor Alfredo dos Santos, que em algumas fontes biográficas era o mentor de Dica durante o seu movimento, ou um homem chamado Antônio Albino²¹, que pertencia a comitiva de Dica. Isso não conseguimos determinar apenas com as fontes estudadas.

Outro ponto importante abordado ainda nessa matéria é a crítica contundente à doutrina e à postura da Liga Espírita.

Sobre o problema concernente ao seu internamento no “Abrigo Espírita Thereza de Jesus”, nada está deliberado, pois, conforme ouvimos de pessoa fidedigna o superior de “Santa Dica”, assevera que tem uma grande missão a desempenhar no sentido de esclarecer pontos de vista espíritas, trazendo revelações muito interessantes a causa doutrinária, especialmente na parte referente a mediumnidade, organização severa e eficaz dos centros espíritas, tudo emoldado numa remodelação geral. Para esse fim o “Commandante”, conforme é conhecido o guia-chefe da aludida medium, não poupará esforços colaborando eficientemente para colocar, segundo informações que temos, o que está fora dos eixos. Dizem ainda que o “Commandante”, não admite meias medidas em tal assumpto reputando ingente e inadiável uma campanha saneadora, que aparte do Espiritismo certos elementos que o prejudicam grandemente e que estão passando como pharoes ou luzeiros de primeira grandeza. (*O Brasil*. Edição 01618(1), 16/10/1926)

O “comandante” não concordava com a estrutura rígida dos centros espíritas e com o desenvolvimento doutrinário deles. Eram necessárias mudanças drásticas na comunidade gerida pela Liga Espírita do Brasil. Dica, com seu carisma particular, não ia se juntar a uma estrutura religiosa que tinha um carisma rotinizado, mesmo porque poderia ter o seu próprio carisma limitado.

Bem, podemos aqui concluir que eram colocações muito astutas, levando em conta que essa mesma Liga queria alistar Dica para suas fileiras. Era um modo de distanciar a médium das aspirações da Liga, usando uma desculpa doutrinária para

²⁰ Lendo essas recusas é mais que comum elaborarmos em nossas mentes a pergunta: O porquê da recusa? Ela finalmente teria paz e um assessoramento qualificado para exercer seus dons. Pois então, segundo uma fonte confiável, Dica estaria seguindo as ordens de um “Guia-Chefe”, cuja denominação era “Comandante”, o que não fica claro é, quem era esse guia. Pois, em nenhum momento o texto jornalístico o define como um espírito.

²¹ Segundo Lauro de Vasconcellos, Antônio Albino se destacara entre fazendeiros, comerciantes e boiadeiros que foram viver no Reduto de Dica no seu auge, entre 1923 e 1925 (VASCONCELLOS, 2013, P.160). Não existem relatos que Antônio Albino foi preso no Dia do Fogo, agora, devido a presente pesquisa apenas sabemos que acompanhou Dica em seu exílio.

dizer que ela não se encaixava nas necessidades dos espíritas cariocas. Por outro lado, era uma forma de se desvincular da Liga e voltar para Goiás.

As matérias têm um tom extremamente favorável à permanência de Dica no Rio de Janeiro. Quase sempre é lançado mão de um respeito perante a jovem, que segundo o jornal não existia em Goiás, a prova era a perseguição a ela que ocorreu pouco tempo antes. Era fato que com a sua volta para Goiás, ela seria vítima de aproveitadores. Já com a luta para a permanência da médium aparentemente perdida, é relatado que o próprio presidente da Liga Espírita do Brasil iria acolher Dica em seu lar. Mesmo com tantas ofertas de residência, ela preferiu não morar em nenhum Centro Espírita. Relatou que quando voltasse de Goiás, (o que não aconteceu), iria preferir alugar um imóvel, ali residir e atender as pessoas.

Corre também, a notícia de que “Santa Dica”, irá para a casa do respeitável sr. Dezebargador Gustavo Farnese, presidente da Liga Espírita do Brasil, após o regresso a esta capital. Allí, ella terá o carinho de família instrução intelectual, etc., havendo muito escrúpulo a respeito de visitas aos centros e aos enfermos, cuidados esses justificados perante o receio que tem a Liga, de que se tornem defficientes os pendores mediumnícicos de Benedicta, devido aos maus ambientes e toda sorte de elementos que concorrem para avassalar os mediums. Segundo corria, hontem, no Hotel Familliar Pompeu, parece que Benedicta não aceitará convites para residir em centros, preferindo na sua volta de Goyaz, alugar uma casa humilde nesta capital, onde permanecerá alguns meses, atendendo as pessoas desejosas de conselhos e de solução de seus males phisicos e moraes. (*O Brasil*. Edição 01623(1), 1926)

Visivelmente, o jornal *O Brasil* começa a atacar as posições doutrinárias, não se referindo diretamente a Dica, mas aos participantes de sua comitiva. Mais uma vez, citam o “comandante” e revelam sua preferência perante a análise de textos bíblicos. A Liga Espírita do Brasil já tinha, desde sua criação, suas bases doutrinárias e rituais. Era de se esperar que, mesmo tendo grande prestígio, Dica não seria capaz de mudar drasticamente essas bases, como queria seu “Guia-Chefe”; com isso, ela e sua comitiva começaram a se distanciar, em um primeiro momento, no que tange à doutrina e ao ritual da Liga Espírita do Brasil.

Figura 04- Santa Dica e seu companheiro de comitiva, Antônio Albino



Fonte: *O Jornal*. Edição 02393(1), de 29/09/1926

Questionado se seria ele uma espécie de guia de Dica, o senhor Antônio Albino negou. O que fica claro até aqui é que, na comitiva de Dica, havia uma ou mais pessoas que a auxiliavam perante os assuntos doutrinários, e de maneira sagaz usavam isso como motivo de não adesão formal à Liga Espírita do Brasil. Talvez a própria Dica era a responsável por essas atitudes e pensamentos, o que seria pouco provável, pois mesmo sendo uma pessoa astuta, ela tinha pouca experiência relativa à sua idade e, ao que tudo indica, pouco conhecimento doutrinário formal.

Em uma das últimas manifestações o “Commandante” prometeu realizar uma serie de predicas sobre princípios doutrinários, especialmente explicativos dos textos evangélicos. O Novo Testamento é o livro predileto dos membros da comitiva, cujos evangelhos e epistolas são lidos cuidadosamente e explicados segundo o ponto de vista da entidade esclarecedora. Parece que uma nova corrente doutrinaria será implantada dentro em pouco, e que, naturalmente ocasionará controvérsias no mundo religioso. - Segundo ouvimos, o sr. Antônio Albino, um dos membros da Comitiva de Benedicta Gomes, não exerce nenhuma paternidade sobre a joven de Goyaz e que no caso da Liga Espírita ella obedeceu às ordens terminantes de seus guias que julgaram conveniente uma situação que oportunamente será percebida. (...) - Ante-hotem, quando regressava da casa de uma alta patente Benedicta, fez algumas considerações sobre sua situação evocando scenas e factos ocorridos em Goyaz, e teve a seguinte phrase: - Eu sou o que sou porque quero ser. Não sei fingir nem crear situações que possam ocasionar divergências, mas, dentro das normas de meu proceder o meu “Commandante”, tem um objetivo a desempenhar . A ele obedecerei em toda linha, custe o que custar e ai de mim se não obedecel-o. (*O Brasil*. Edição 01623(1), 1926)

Mesmo com a eminência da partida de Dica de volta para Goiás, eram muitos os seus afazeres no Rio de Janeiro, principalmente as reuniões e consultas com pessoas da alta classe carioca e com funcionários de alta patente do Exército e da Polícia Militar.

De traje branco, sem meias calçando alpercatas de esteirinha japonesa, Benedicta, regressava da residência do coronel Caldeira Bastos, commandante do 6º Batalhão de Polícia Militar, onde fora continuar o tratamento da exma. Esposa daquele ilustre militar. (*O Brasil*. Edição 01626(1), 24/10/1926)

É interessante aqui salientarmos a mudança drástica na vida da demiurga. A poucos meses, ela era perseguida e presa pela Polícia Militar do Estado de Goiás, e agora, era procurada por oficiais da Polícia e do Exército no Rio de Janeiro para que ela os socorresse.

Benedicta Gomes, esteve hontem na residência do exmo. sr. general Leopoldo do Amaral, onde fez o primeiro tratamento na exma. Esposa desse ilustre oficial reformado do nosso Exército. Allí almoçou em companhia da família e de dois colegas de imprensa. (*O Brasil*. Edição 01629(1), 27/10/1926)

Na terça-feira última “Santa Dica”, esteve em casa do sr. general Leopoldo D. do Amaral, onde impôs as mãos sobre a exma. esposa desse conhecido official do Exército. Hontem, esse mesmo official, esteve no Hotel Pompeu e deixou o seguinte e original pedido a jovem de Goyaz:

“A irmão Benedicta Gomes.
 Santa Dica. Por favor.
 Ponha a sua santa mão
 Por sobre a minha cabeça:
 Mas escute: a minha dor,
 A minha grande aflição.
 Que só a Santa conheça.”

(*O Brasil*. Edição 01631(1), 29/10/1926)

As reportagens pesquisadas destacam a convivência de Dica com Generais do Exército. Em certa passagem, é explícita a confiança que um desses generais tem na jovem. Ela já tratava de sua esposa a algum tempo, mas sua presença junto à família do referido official extrapolava o auxílio mediúnico. Ela era também uma confidente e uma espécie de guia espiritual.

O jornal *O Brasil* também relata, em inúmeras matérias durante a permanência de Dica no Rio de Janeiro, como eram suas visitas aos centros espíritas e como se desencadeavam os rituais. Sabemos que Dica chegou ao Rio de Janeiro a convite da Liga Espírita do Brasil, que tinha sede nesta localidade. E é de se esperar que a Liga

sabia de suas condições financeiras e de seus acompanhantes. Mas, com o passar do tempo, os gastos da jovem e de sua comitiva foram aumentando, principalmente junto ao Hotel Pompeu. Em momento algum o jornal *O Brasil* noticiou que as despesas de Dica seriam pagas pela Liga, o que aparentemente não ocorreu nem em uma mínima proporção. Então, pessoas começaram a se solidarizar com a moça de Goiás e iniciaram uma ajuda financeira à mesma.

O jornal *O Brasil* também se organizou para tentar atrair recursos e sanar a dívida da jovem perante o Hotel Pompeu. Entre o início da capitalização organizada pelo jornal até a volta de Dica para Goiás, foi formado um fundo para a quitação da dívida junto ao Hotel e para ajudar na viagem.

Em vista de ainda não estar paga a conta que “Santa Dica” tem no hotel a quantia de 500\$000 sem querer divulgar o seu nome. Incontinenti essa quantia foi entregue q a quem de direito, diminuindo em parte a responsabilidade da dívida, que naturalmente com gestos eguaes será totalmente saldada. (*O Brasil*. Edição 01626(1), 24/10/1926)

Com intuito de auxiliar as despesas que a jovem “Santa Dica” tem feito, nesta Capital, cujo compromisso excede de três contos de réis., “O BRASIL”, resolveu abrir em suas columnas uma subscrição pública para o aludido fim. Considerando que os trabalhos de Benedicta são inteiramente gratuitos, nada mais justo que lhe preste esse concurso. Sendo assim, de hoje em diante, as pessoas que desejarem contribuir com donativos poderão fazel-o deixando seus nomes e as respectivas importâncias na gerência desta folha. (*O Brasil*. Edição 01631(1), 29/10/1926)

O símbolo “Santa Dica” também começa a se destacar no cenário cultural carioca. Agora, a jovem goiana não estava mais restrita aos círculos religiosos ou dos noticiários. “Santa Dica” se tornara tema de uma valsa:

I
E' pela Fé que o coração
consegue ter valor
e praticar a bôa ação.
E quem fô bom
terá o dom
de liberta-se
e juntar-se
sempre a Deus
no Céu...

E Dica, na sua bondade,
na sua inocência ideal,
é flor
angelical
do Senhor
é a flor divinal
do amor.

II

Nos seus olhos cheios de luz,
que são frases chispando a luz do Bem
há um quê do pensar de Jesus
na tragédia de Belém!

Só os beijos não saberão
(ou os que safragaram pelo mal)
a pureza de seu coração
que nasceu para o amor terreal:
(*O Brasil*. Edição 01641(1), 09/11/1926)

Escrita pelo então poeta De Castro e Souza e interpretada pelo maestro Antônio Peixoto, a valsa seria posta à venda com o retrato da jovem na capa e com uma dedicatória a mesma. Começava aí o desenvolvimento de Dica enquanto Símbolo Cultural.

O conhecido maestro sr. Antônio Peixoto, esteve hontem, no Hotel Pompeu, onde tocou, ao piano, uma valsa lenta, de sua lavra, que muito agradou as pessoas que a ouviram. A letra desta valsa é de autoria do conhecido poeta De Castro e Sousa. Será impressa na Casa Vieira Macado e posta a venda, brevemente, com o retrato da jovem e a seguinte dedicatória: "Santa Dica", valsa lenta, dedicada a bondosa e inimitável senhorita Benedicta Cypriana Gomes, cognominada "Santa Dica". Homenagem sincera do autor. (*O Brasil*. Edição 01629(1), 27/10/1926)

Como já relatamos anteriormente, existia uma grande distinção entre as formas de atuação de Dica e os rituais praticados pela Liga Espírita do Brasil e pelos seus seguidores. Segundo a matéria descrita abaixo, as manifestações de Dica se assemelham àquelas que são presenciadas nas Igrejas Pentecostais. As curas efetuadas por Dica eram por intermédio do Espírito Santo, e não por espíritos desencarnados. Esse procedimento envolvendo "O Espírito de Deus", ainda segundo o jornal, se dava nas Igrejas Cristãs primitivas.

Em torno da personalidade de Benedicta Cypriana Gomes, corre actualmente, em círculos bem informados, principalmente no seio do Evangelismo, que os factos que se têm verificado nas suas manifestações milagrosas é um phenomeno acceito na Egreja Pentecostal, um dos ramos da Egreja Evangélica, que acceita a manifestação do Espirito Santo, baseando nas asserções, nos princípios doutrinários predcados por " Santa Dica", que segundo affirmam, tem o intuito de estabelecer na Egreja o systema primitivo usado na egreja apostólica, como sejam: as curas de enfermidade, manifestações públicas em assembléas a cujas reuniões é dada a "graça da inspiração directa do Espirito de Deus, sem nenhuma interferência de espíritos desencarnados na terra. (*O Brasil*. Edição 01632(1), 1926)

Já era de se esperar que Dica não fosse familiarizada ou mesmo tivesse um vasto conhecimento da doutrina espírita, pois ela cresceu no seio de uma família Católica do interior do Brasil, e mesmo após o início de sua atividade religiosa ainda na sua terra natal, segundo os estudos realizados, ela não teve contato com o espiritismo, o que era praticado pela Liga.

Havia vários percalços doutrinários, que aparentemente eram reconhecidos por poucos, pois essas questões eram (e ainda são) de conhecimento de algumas pessoas, talvez de um nicho dentro das igrejas. O jornal destaca que Dica continuava requisitada e aconselhando pessoas de alta sociedade. É interessante como ela se torna uma poderosa guia espiritual, requisitada não mais para uma cura imediata, mas para aconselhar o desenvolvimento espiritual das pessoas.

Esses conselhos eram dados de uma forma diferente daqueles que eram feitos no reduto em Goiás: “As cortes celestiais, falange de anjos, que vinham conferenciar com Dica, passaram a ser conhecidas na Lagoa, por aqueles que ali viviam ou frequentavam, como Conselho Espiritual” (VASCONCELLOS, 2013, p. 130). Os conselhos eram dados em conferências entre Dica e os anjos, e passaram a ser trabalhados diretamente entre ela e as pessoas que os solicitavam.

É interessante como também se inicia um aconselhamento a políticos já nessa época por parte de Dica. Podemos ler na citação abaixo, quando um militar se aconselhou sobre uma audiência com o então presidente da república. Sabemos que Dica ela se aproximou de vários políticos durante sua vida, alguns de projeção nacional, como Pedro Ludovico, seu filho Mauro Borges e Juscelino Kubitschek.

Famílias de alta sociedade procuram consultar a “Santa Dica” no “Hotel Familiar Pompeu”. Ante-hotem, a uma senhora rica, finamente trajada, que tem sua velha mãe enferma, ella disse: - Minma filha, antes de tudo, acredite, porque se não há fé como é possível a senhora aceitar a benção que deseja. Esqueça senhora, tudo que concorre para esse estado de coisas. – A um official que pretendia ter uma audiência com o sr. presidente da República, ante-hotem “Santa Dica” disse-lhe o seguinte: Amanhã o senhor não será attendido e, realmente, o referido militar esteve no palácio do Cattete, e quando entrava na sala de despachos, o presidente suspendeu a audiência e subia para seus aposentos particulares. (*O Brasil*. Edição 01632(1), 1926)

Como a partida de Dica se aproximava a cada dia, os burburinhos sobre quais eram seus preceitos religiosos continuavam. É importante aqui analisarmos aquilo que foi escrito anteriormente, juntamente com as citações do jornal *O Brasil*, pois, desde

o início, fica bem clara a não adaptação de Dica e de sua comitiva aos preceitos espíritas.

A partir da negação em permanecer no Rio de Janeiro e se juntar aos espíritas da Liga, (segundo o jornal, Dica ainda deixou uma esperança junto à Liga dizendo que acompanharia sua comitiva a Goiás e depois voltaria, o que não se concretizou), fica claro, quando analisamos o discurso produzido pelo jornal, que a jovem goiana não estava ali para aderir a uma nova religião. O fato é que, com a ajuda principalmente da Liga Espírita do Brasil, Dica conseguiu construir uma teia de contatos e amizades com pessoas da alta sociedade e influentes dentro do contexto da capital federal.

Benedicta Cypriana Gomes, cognominada a “Santa Dica”, continua a preocupar a atenção do público, especialmente em face das suas últimas declarações, notando-se que realmente, trata-se de um caso fora do domínio meramente espírita para lhe ser dado um cunho mais generalizado afirmando-se nas rodas de pessoas estudiosas no assumpto, que a virgem Goyana traz uma revelação bíblica que revive os primórdios da Igreja primitiva, onde o comunismo Christão contribuía para que “ninguém possuísse nada pois tudo era de todos”. E aqueles que tinham bens, vendiam e traziam o dinheiro aos pés dos apóstolos. Também não havia divergências no seio da referida igreja, acrescenta o texto rememorado por “Santa Dica”. (*O Brasil*. Edição 01633(1), 31/10/1926)

Ela começou a se distanciar formalmente dos espíritas, algumas vezes até de uma maneira depreciativa, quando chama os espíritos de “cascalho” do espaço, como podemos ler na citação abaixo o que ela diz sobre o assunto.

O senhor sabe. Não necessitamos, portanto, de sessões espíritas onde se manifestam. O “Cascalho” do espaço, isto é, os seres espirituais vagantes, afastados do estado celeste. Precisamos de corações redimidos pelo sangue de Christo, de núcleos bemfazejos, onde a oração toque o alto Celeste e vejamos nós, os instrumentos de redempção. (*O Brasil*. Edição 01633(1), 31/10/1926)

Essa posição de Dica é no mínimo interessante. Vemos uma certa influência da visão da Igreja Católica sobre o espiritismo nas palavras de Dica e, claro, uma defesa enfática daquilo que ela pregava desde o reduto.

Podemos aqui abrir um parêntese para destacar a herança católica carregada por Dica ao longo de sua vida. Mesmo vivendo e cultivando rituais diferentes da Igreja citada, ela guardou consigo pelo resto da vida muitas características da Igreja Católica, principalmente o culto a alguns santos e rezas de orações já consagradas.

“AO POVO DE DEUS”

Quando cheguei a esta cidade, quase toda a gente tomou-me por adepta do espiritismo. Aliás, convém logo dizer que não conheço o que chamam “espiritismo”. Essa suposição partiu do facto de ter ido eu em pessoa a Federação Espírita e depois a Liga Espírita do Brasil como também a outras reuniões em diferentes centros, - a estes atendendo a convites insistentes das respectivas directorias. Porque fui a Liga Espírita e cheguei mesmo a fazer-lhe crer que a reconhecia como entidade espiritual? Somente eu sei a razão e o tempo se encarregará de explicar-o. Jamais na minha missão, tive incumbência de ligar-me aqui ao chamado “espiritismo” que, como está sendo praticado, não existe e é uma ficção humana. Conheço apenas, o espiritualismo. Este sim, como sciencia, - e não como religião – que vem desde os remotos santuários do Egypto, existe e é universal, porque quem predomina no universo é o Espírito. A minha passagem pelos centros “espíritas” prende-se a uma observação que eu necessitava fazer – materialmente – sobre eles, pois que, espiritualmente já os conhecia. Agora, que já tenho o meu juízo concluído, necessito de fazer esta declaração. (*O Brasil*. Edição 01633(1), 31/10/1926)

Em um discurso proferido no Hotel Pompeu no dia trinta e um de outubro de mil novecentos e vinte seis, Dica escancarou de vez sua relação com a Igreja Espírita e declarou o que achava de sua doutrina. Logo no começo, ela disse não reconhecer o espiritismo como religião, e depois concluiu ser o espiritismo uma ciência. Ela se defendeu alegando que apenas agiu com cordialidade e aceitou todos os convites feitos pelos espíritas, algumas vezes até de forma insistente, como diz a própria Dica. Ficou em cima do muro quando não explicou o porquê de ter convivido com os espíritas de maneira a subtender-se que se juntaria a eles.

Ainda no mesmo discurso, Dica deixou claro, como a mais pura água que brota de uma fonte no alto das montanhas, aquilo que já era também claro ao analisar o discurso gerado pela imprensa carioca: “ela jamais quis ligar-se ao espiritismo”. Usou como desculpa a doutrina vivida pelos espíritas e a desqualificou como inexistente. Logo após, Dica cita o espiritualismo e a história egípcia.

Aqui, é interessante pensarmos um pouco sobre a capacidade da jovem goiana em discorrer a respeito de tais assuntos. Deixemos claro novamente que a função desse texto não é denegrir a capacidade intelectual de Dica, mas uma jovem que os estudos nos apresentam como praticamente analfabeta e que cresceu longe de uma instrução formal causa surpresa ao citar relatos históricos. Ainda é prudente lembramos do professor Alfredo dos Santos, que não é citado em nenhuma fonte como acompanhante de Dica no Rio de Janeiro,

Ela concluiu a passagem abaixo relatando que era necessário observar como funcionavam os centros espíritas, então, produz um juízo sobre eles, o que resulta na sua declaração. Os espíritas não conseguem dissuadir Dica a praticar seus

ensinamentos e a ingressar em sua Liga. Pelo contrário, fazem com que a médium goiana tenha uma visão pouco amigável das suas doutrinas. Elas não aderiu a nenhuma nova religião em sua breve passagem pelo Rio de Janeiro, mas também não dá uma explicação satisfatória sobre o motivo de, em um primeiro momento, ter se juntado à Liga Espírita e aceito o convite de ir para a capital do Brasil, feito pelos próprios espíritas.

Medium, que como todas as criaturas o são, mas, a minha mediumnidade não é deste mundo. Entenda quem souber. Também não vim aqui adoptar outra qualquer religião seja Catholica, protestante etc. Não fallo em espiritismo, porque não é religião. O próprio espiritismo é uma sciencia – a do espiritismo. E só conheço uma religião. Sou christam. Minha, religião é que meu Pae mandou pregar na terra há 1926 anos, por intermédio do seu Filho feito homem. (*O Brasil*. Edição 01633(1), 31/10/1926)

Com essa posição, Dica começou a angariar inimigos. O jornal *O Brasil* logo se protegeu, soltando a seguinte nota: “Fazendo apenas o papel de noticiaristas lançamos taes comunicados sem comental-os, entregues por tanto ao juízo dos interessados” (*O BRASIL*, ed.1634, 02/11/1926).

Não sabemos se o jornal foi confrontado pela cúpula espírita do Rio de Janeiro por soltar tais notícias. Ainda segundo o relato do periódico, o modo como Dica estava agora encarando o espiritismo era causa de desconforto no meio religioso carioca. A cada nota que a jovem goiana soltava sobre o espiritismo, ficava mais clara a sua aversão e combate doutrinal a essa religião.

Com recentes predicas e declarações a imprensa. Benedicta Cypriano Gomes está implantando nos círculos religiosos serias divergências, especialmente pelo modo de encarar o Espiritismo. (*O Brasil*. Edição 01634(1), 02/11/1926)

Mensagem aos espíritas

. [...] O mundo está dividido e retalhado de luctas espirituais e ódio a “magia espírita” impera a infelicidade torna miseráveis os lares mais santos e puros. E por isso eu vejo, oh! Espíritas, um conhecimento do Superior, nos vossos núcleos milhões de larvas do plano inferior como se fossem lesmas dirigindo e escravizando os vossos médiuns. (*O Brasil*. Edição 01634(1), 02/11/1926)

Na matéria do dia seguinte, três de novembro de mil novecentos e vinte e seis, continua a discussão sobre o ponto de vista de Dica. Segundo o jornal, Dica estava criando um discurso sobre ela própria. Era notória a repercussão das palavras da santa, e fica muito claro na narração jornalística aqui analisada que, pelo menos, de início, ela se filiará à causa espírita. De uma hora para outra, se torna uma inimiga ferrenha, combatendo ferozmente a causa de Allan Kardec. Max Weber nos aponta

uma direção para compreender melhor esse embate entre Dica e o Espiritismo.

Vejamos:

O domínio carismático autêntico não conhece, portanto, os códigos jurídicos abstratos e os estatutos e nenhum modo “formal” de adjudicação. Sua lei “objetiva” emana concretamente da experiência muito pessoal da graça celestial e da força divina do herói. A dominação carismática significa uma rejeição de todos os laços com qualquer ordem externa, em favor da glorificação exclusiva da mentalidade genuína do profeta e herói. Daí, sua atitude ser revolucionária e transpor todos os valores; faz que um soberano rompa todas as normas tradicionais ou racionais: “Está escrito, mas eu vos digo.” (WEBER, 2016, p.174)

A liderança carismática não aceitaria um carisma rotinizado, que aqui é o espiritismo. As características vistas na passagem acima podem nos revelar o porquê da negação de Dica à investida espírita. É de se esperar que as pessoas daquela época que acompanhavam os jornais e seguiam as notícias sobre a jornada de Dica no Rio de Janeiro também estranharam a mudança de comportamento da jovem do Brasil central. O jornal *O Brasil* continuava tentando se desvencilhar das notícias dadas, não assumindo nenhum ponto de vista.

“Santa Dica”, a misteriosa donzella do “Rio do Peixe”, continua preocupando a atenção do público, especialmente, agora com a publicação das mensagens que tanto sucesso estão causando nos círculos religiosos desta capital. Discute-se em toda a parte os pontos de vista com que Benedicta Gomes procura afirmar não ser espírita e daí criar uma nova ordem de comentários em torno de seu nome. A nossa atitude neste caso é de absoluta neutralidade, e apenas como órgão de informações limitamos o nosso programa a divulgação de factos sem excessos sem exageros, deixando o julgamento ao critério dos leitores. (*O Brasil*. Edição 01635(1), 03/11/1926)

No mesmo dia, três de novembro, Dica soltou uma nota de teor altamente doutrinário. Podemos perceber também que o jornal começou a se afastar da figura de Dica e usar termos irônicos. Ela tocou no ponto central da prática espírita, falando sobre o Evangelho Segundo o Espiritismo, desqualificando o mesmo e dizendo que o Evangelho contido na Bíblia cristã não pode ser comentado e usado por ninguém.

Taes razões, que estão ao alcance de todos, não foram ouvidas por Alan Kardec, nem lembrados pelos “espíritos” que o inspiraram, quando em vida, teve a idéia de escrever toda a sua obra, dentre a qual a que mais pecca – por sua falta de objectividade – o “Evangelho, segundo o espiritismo”. Porque, só existe um Evangelho, que o Pae enviou a terra e este evangelho não está adstricto nos comentários de ninguém. (*O Brasil*. Edição 01635(1), 03/11/1926)

A citação acima começa alegando algumas razões que foram usadas por Dica para justificar seu ataque ao espiritismo. Com esse ataque ao mesmo tempo feroz e contundente (não entraremos aqui na discussão doutrinária das religiões, pois não é a finalidade desta pesquisa), Dica selou de vez seu rompimento com o espiritismo.

Voltemos analisar os dizeres de Dica com mais afinco, com base na citação acima. São dizeres que necessitam de um conhecimento prévio e de certa maneira aprofundado, principalmente da doutrina espírita, sem dizer do tom combativo ao espiritismo, que é característico da Igreja Católica. Mais uma vez, é necessário destacar essa sagacidade de pensamento em uma mulher que até então não sabia ler e escrever e não tinha recebido uma educação formal.

Continuando sua jornada no Rio de Janeiro, mesmo com todo esse imbróglio doutrinário, Dica ainda estava atendendo as pessoas e se deslocando para onde fosse requisitada. Também continuava a ser procurada por pessoas da alta sociedade carioca.

A exma viúva General Leitão da Silva, residente a rua Pereira Nunes n. 10, já esteve duas vezes no Hotel Pompeu com “Santa Dica”. Hontem essa virtuosa senhora narrou a um de nossos companheiros de redação o seguinte:

- É uma enviada que ahi está. Deus está realmente operando milagres por seu intermédio. Em nossa casa tivemos uma prova muito interessante: Eu e as pessoas de minha família oramos e pedimos a intervenção de “Santa Dica”. Havia muita fé e tudo foi favorável para que ouvíssemos uma voz que pronuncia estas palavras: “Estou aqui, que desejam de mim?”. (*O Brasil*. Edição 01639(1), 07/11/1926)

Vale destacarmos aqui as palavras da viúva do General Leitão da Silva. Ela venerava Dica como uma verdadeira “Santa” e como uma intercessora junto a Deus. No início deste capítulo, vimos que a alcunha de “Santa” foi dada pelos seus opositores em Goiás como uma maneira de depreciar Dica, e que seus seguidores não a viam assim; ela era chamada por eles principalmente de “madrinha”.

De acordo com as publicações do jornal *O Brasil*, Dica chegou ao Rio de Janeiro no dia vinte e nove de setembro de mil novecentos e vinte e seis. Ainda segundo o mesmo jornal, se manteve na capital do país até o dia onze de novembro de mil novecentos e vinte e seis. Então, ela permaneceu aproximadamente 43 dias, sempre hospedada no Hotel Familiar Pompeu. Há de se esperar que, juntamente com sua comitiva, Dica teria uma conta elevada a pagar.

Sabemos também que a jovem saiu de Goiás quase que expulsa, e provavelmente não trazia consigo nenhum montante financeiro. A Liga Espírita do Brasil, agora definitivamente rompida com Dica por causa de suas posições em relação ao espiritismo, certamente não pagaria essa conta. As notícias analisadas nos mostram que algumas pessoas se solidarizaram com a médium goiana. O jornal *O Brasil* também se mobilizou e organizou uma coleta com intuito de angariar fundos. Esse montante seria usado para quitar a dívida com o Hotel e custear a viagem de volta de Dica e sua comitiva. As pessoas que ajudavam contribuindo com alguma quantia tinham seus nomes divulgados no jornal acima referido.

Desde que “Santa Dica” chegou a esta capital que se encontra hospedada no Hotel Familiar Pompeu, a rua Senador Pompeu n. 268. Ora, atendendo as circunstâncias do momento o proprietário desse hotel tem se portado a altura do cavalheirismo que lhe é peculiar. Até hoje, sem ter solução ao pagamento da conta que ultrapassa 3 contos de réis, hospedes do hotel sob os apelos de “O BRASIL” resolveram abrir uma subscrição para alludido fim e que se acha a disposição de todas as pessoas que desejarem recorrer. (*O Brasil*. Edição 01637(1), 05/11/1926)

Continua a ser grande a solidariedade em torno de “Santa Dica”. Pessoas do povo procuram no Hotel Pompeu a lista para contribuir afim de que seja paga a conta já conhecida que excede de 3:000\$ (três contos de réis). (*O Brasil*. Edição 01639(1), 07/11/1926)

Finalmente chegou o dia da partida de “Santa Dica” do Rio de Janeiro com direção a Goiás. Como não podia ser diferente, sua volta para Goiás foi acompanhada pelos jornalistas de *O Brasil*, que divulgaram seu itinerário. Segundo a matéria, sua partida não foi divulgada para não causar estardalhaços. Apenas pessoas mais próximas compareceram à estação de trem. Claramente promovendo o jornal, o jornalista pergunta a Dica sobre o pagamento da viagem; ela agradece com ternura a ajuda na captação de recursos e parte em direção a São Paulo.

Benedicta Cypriano Gomes, cognominada a “Santa Dica”, embarcou hontem no diurno que parte da estação Pedro II, as 7.10 com destino a São Paulo. Alli ella repousará dois dias hospedada no Hotel Rio Branco seguindo depois para Tavares. Será uma viagem de oito dias até o “Rio Jordão”, três trens três em automóvel e dois dias a cavallo. Ao seu embarque, que apesar de não ser conhecido pela imprensa, pois para evitar exhibições ella occultou esse projecto, compareceram muitas amigas e ex-fermas que foram levar suas despedidas a virgem goyana que durante quasi dois meses impressianos vivamente a opinião pública. (*O Brasil*. Edição 01644(1), 12/11/1926)

Conversando a respeito de como obteve os meios para transporta-se a Goyaz ella exclamou, com os olhos transfigurados: “Sim! Repito: o mesmo Pae que me trouxe até aqui é o mesmo que me levará daqui.” “Sou grata a Deus por tudo. Aos corações generosos que concorreram na subscrição patrocinada pelo “O BRASIL”, um beijo de eterno fulgor.” Ultimando essa phrase, ella

correu célere a preparar-se para embarcar. Em sua companhia seguiu a comitiva que até aqui a acompanhou. (*O Brasil*. Edição 01644(1), 12/11/1926)

Como vimos anteriormente, Dica já decidira seu retorno para Goiás. A logística para chegar até sua região de origem a obrigaria passar pelo estado de São Paulo. As notícias de sua chegada à capital paulista se espalharam. Ela até recebeu um convite do dono do Hotel chamado Rio Branco, situado na Praça da Sé, na cidade de São Paulo. O convite trazia a disponibilidade em hospedar Dica e sua comitiva sem eventuais cobranças, e a referida doença do dono do hotel.

Divulgado pelos jornaes daqui as notícias da jornada de Benedicta Gomes no Rio, têm ido longe. E como ella terá de regressar ao seu Estado Natal, passando por São Paulo, acaba de receber uma carta de um hoteleiro daquela cidade, convidando-a a ir hospedar-se no Hotel Rio Branco, a Praça da Sé n. 92, como toda a sua comitiva, e pela hospedagem nada cobrará. Trata-se do sr. Antônio Antunes de Jesus, que, achando-se doente, invoca a proteção de “Santa Dica”. (*O Brasil*. Edição 01636(1), 04/11/1926)

Dica passaria poucos dias em São Paulo. Talvez a recepção não tenha sido bem o que ela esperava, principalmente por parte da imprensa paulista. A matéria citada abaixo foi retirada do jornal *A Gazeta*, referente ao dia doze de novembro de mil novecentos e vinte e seis.

E' bem difficil uma “santa” viver em São Paulo!
 “SANTA DICA” TERA' UMA FORMIDAVEL DECEPÇÃO
 O paulista só acredita no trabalho, na lucta; e quando ouve falar em “milagres” pensa, quasi sem querer, no Juquery, na mansão pacifica dos que na terra se julgam – deuses...-
 Telegrammas do Rio affirmam que “Santa Dica” vem para São Paulo hoje ou amanhã. Isso significa que São Paulo vae ter oportunidade de conhecer pessoalmente a “santinha” maravilhosa de Pyrenopolis, a nova Pucelle, que por artificios encantadores arrebanha exércitos que a defendem contra a sanha dos governos empenhados na extincção do fanatismo religioso e com a sua graça com seus milagres, dia a dia mais aumenta o número dos que, precisados de alguma cousa sobre-natural, por ella se apaixonam e com mais firmeza e devoção a estremecem como um espirito divino que paira sobre a terra em missões mysteriosas. Não sabia, porém, a milagrosa criatura, que vindo a São Paulo, o seu encantamento se dissiparia. Em todo o Brasil, S. Paulo é talvez o único Estado que nunca possuiu a sua Santa. Os “santos” que por aqui tivemos não faziam milagres e quando muito procuraram o bem do próximo baseados no manhoso systema das auto-suggestões, de que eram mestres extraordinários. (*A Gazeta*. Edição 06232(1), 12/11/1926)

Nela, fica bastante claro que a visão que pelo menos parte da imprensa tinha de “Santa Dica” era muito parecida com aquela arrolada no início desse capítulo, relatada nos jornais de Goiás. Ela é apresentada quase que explicitamente como uma farsante. A linguagem utilizada para referenciá-la também nos mostra um tom

sarcástico em relação a Dica. A matéria finaliza dizendo que todo santo é desmascarado quando chega em São Paulo, e o que lhe resta são apenas conselhos baseados nas suas próprias sugestões.

Aproximadamente por volta do dia vinte de novembro, Dica embarca para a cidade de Ribeirão Preto. Através de nossas pesquisas não foi possível constatar se ela passou alguns dias nessa cidade; o que parece é que Ribeirão Preto foi usada apenas como ponto de baldeação. A citação posterior é de extrema importância para o presente trabalho.

SÃO PAULO, 19 (“O Brasil”) – Benedicta Cypriano Gomes, conhecida pelo nome “Santa Dica”, acaba de embarcar para Ribeirão Preto, com destino a seu Estado natal – Goyaz. A sua comitiva está assim constituída: Antônio Albino, Edmundo Gonçalves e suas filhas Julieta e Hilda; Miguel Pereira, Maria Carolina da Conceição, Vigília Ramos e a menor Jonice Ramos. Todas essas pessoas vieram de Goyaz, com Benedicta Gomes. Fazem parte da comitiva as seguintes pessoas do Rio: Mario Mendes e Vicente de Medeiros, jornalistas: Bolívar Pereira, filho do general do Exército Martins Pereira; e José Moreira Lazary, filho de um negociante de Niteroy. O embarque da senhorita Dica, teve grande concorrência. (*O Brasil*. Edição 01655(1), 23/11/1926)

RIBEIRÃO PRETO, 19 (“O Brasil”) – Acabam de chegar a essa cidade “Santa Dica” e sua comitiva composta de doze pessoas. Todos foram recebidos aqui com muitas demonstrações de apreço. A hora em que telegrapho a referida senhorita embarcou com destino a Araguay e dahi a Tavares. (*O Brasil*. Edição 01655(1), 23/11/1926)

O jornal cita os acompanhantes de Dica na viagem de volta para Goiás. Primeiramente, falaremos de Bolívar Pereira, que segundo a matéria, era filho de um general do exército chamado Martins Pereira. Também vale destacarmos o filho de um comerciante de Niterói.

Quando Dica foi presa, algum tempo antes, sabemos que ela era considerada a inimiga número um da polícia goiana. Em sua breve estadia no Rio de Janeiro, a jovem teve contato com vários integrantes das forças de segurança daquela cidade, seja do exército, seja da polícia militar, quase sempre frequentando a casa dos mesmos e tendo contato direto com as famílias. É visível a mudança de comportamento de Dica em relação a suas amizades e contatos sociais. A presente pesquisa tenta buscar justamente essa mudança de comportamento, de uma jovem considerada uma agitadora para uma mulher bem quista e, diga-se de passagem, muito respeitada no meio social.

Por último, e talvez mais importante, não podemos deixar de destacar a presença do jornalista Mário Mendes na comitiva de Dica. Mário foi o futuro marido de

Dica e, mais que qualquer outra pessoa, usou a então jovem para se estabelecer como político e homem importante nas regiões de Lagolândia e Pirenópolis.

No final do mês de novembro de mil novecentos e vinte e seis, finalmente Dica retorna a sua terra natal. O jornal *O Brasil* continua acompanhando a jovem goiana e relatando sua epopeia desde quando foi liberta do cárcere, alguns meses antes. O periódico enfatiza que o governador do estado proibiu novo ajuntamento de pessoas próximo ao Rio do Peixe, como acontecera anteriormente. Mas, por ter permitido o retorno de Dica para sua terra de origem, esperava-se que o governo não fizesse mais nada contra ela. A matéria usa como contra-argumento o fato de que o governador não poderia fazer nada contra a pessoa de Dica, relatando que ela se dispôs a ajudar o governo estadual quando ele mais precisava, defendendo o estado de forças externas.

“Santa Dica”
SUA CHEGADA A GOYAZ
A acção do governador do Estado
SUBSCRIPÇÃO DE “O BRASIL” EM SEU FAVOR

Segundo telegramma que o nosso agente em Goyaz nos enviou hontem, já se encontra naquelle Estado Benedicta Cypriano Gomes, cognominada “Santa Dica”. Consta de o governador de Goyaz não permitirá ajuntamento no lugar denominado “Rio do Peixe”, onde está situada a residência da jovem goyana, sem comtudo, prohibir a sua estadia na terra que lhe foi berço. Em vista de “Santa Dica”, pretender demorarar-se alli, poucos dias, conforme suas declarações quando embarcou, é de esperar que o sr. Caiado não pratique nenhuma violência contra Benedicta Gomes, aliás s. ex. já passeou com ella de automóvel durante a revolução, quando a interessante senhorita se apresentou com 84 homens, afim de auxiliar a manutenção da ordem. (*O Brasil*. Edição 01660(1), 28 /11/1926)

Na década de mil novecentos e trinta, Dica se impõe como grande líder na região de Pirenópolis, principalmente em Lagolândia. Pratica até o final de sua vida o trabalho de benzedeira e curandeira. Se torna próxima de pessoas importantes no cenário político. Pesquisas anteriores relatam amizades com o já citado Pedro Ludovico, depois com seu filho Mauro Borges e com Juscelino Kubitschek.

Após sua segunda prisão, desfeita a Comunidade, continuou atendendo aqueles que a procuravam. O que antes era uma Comunidade de fiéis transforma-se num anti-hospital, onde, com rezas e o uso de ervas e das águas do rio Jordão, tratava todos os tipos de enfermidade. Ao mesmo tempo, o reduto torna-se o lugar adequado para angariar simpatias e votos daquela gente simples e crente da região. Santa Dica passa a intervir diretamente nas decisões políticas locais, conduzindo seus fiéis na escolha de candidatos, aliando-se ou posicionando-se contra os grupos que disputavam o poder, até sua morte, em 9 de novembro de 1970. (BRITO, 1992, p.9)

A principal função desse capítulo é mostrar, sob o ponto de vista da imprensa carioca, mais precisamente do jornal *O Brasil*, a mudança, perante a história, da figura de Benedicta Cypriano Gomes. Uma mulher que é alvo de grande parte da polícia estadual, é presa, julgada e condenada, cumpre parte de sua pena, é descrita junto à opinião pública do estado de Goiás como uma vigarista e agitadora popular, chega ao Rio de Janeiro amparada pela Liga Espírita do Brasil, a qual a introduz na vida social da capital federal, sendo a ponte entre ela e todas as pessoas poderosas com as quais ela teve contato.

É feito todo um discurso pelo referido jornal, sempre buscando mostrar Dica como uma injustiçada e uma pessoa com dons a serem apreciados. Algumas pessoas se juntaram à comitiva de Dica e retornaram com ela algum tempo depois para Goiás. Na sua volta, a poeira já estava mais baixa. Mesmo com todas as desavenças com os Espíritas, Dica deixa o Rio de Janeiro como uma pessoa de prestígio. Isso aparentemente não se repete em São Paulo. Como Ulisses, ela retorna: “Todavia, para terminar, Ulisses ganhará tudo, retorno e glória, tendo saqueado Troia, retorna a Ítaca, onde mata, “pela força”, os pretendentes. Pois, mesmo odiado por Posídon, não deveria conhecer uma morte lastimável numa noite de tempestade” (HARTOG, 2014, p.52).

Dentro desse pequeno espaço temporal, é como se a jovem goiana sofresse uma metamorfose. O exílio é fonte da transformação. A profana e agitadora ficou no passado; agora, Dica era uma mulher casada com um jornalista, lapidada pela sociedade carioca e se tornara sagaz, sempre buscando se posicionar na política local. Se alinharia a políticos poderosos, e futuramente, se tornaria ela também uma pessoa influente e poderosa. A “menina ingênua Dica” não existe mais. Agora, só a mulher inteligente e firme; essa era a “Madrinha Dica”. Nasce, então, o “ícone cultural” Santa Dica.

CAPÍTULO 3- SANTA DICA NA PRODUÇÃO CULTURAL

Neste capítulo, mostraremos a inserção de Santa Dica nas produções culturais, especialmente as goianas.

As diversas representações imagéticas sobre Santa Dica, construídas principalmente pelos trabalhos universitários, e o seu bom relacionamento com membros influentes da política estadual e nacional fizeram com que ela se tornasse um ícone cultural. Seu nome foi usado em uma rua, em uma praça e em uma escola, ambas em Lagolândia, sua terra natal. Seu túmulo e a sua residência se transformaram focos de atração turística, principalmente de um turismo de matiz religioso. Ela se tornou a inspiração para uma obra literária, o romance *Sete Léguas de Paraíso*, de Antônio José de Moura, bem como de obras poéticas e produções audiovisuais. Se na introdução de seu livro, Lauro de Vasconcelos lamentava o “desconhecimento e ocultamento” sobre Santa Dica, é inegável que atualmente ela é uma das “personalidades históricas” mais conhecidas de Goiás e, dentre as femininas, talvez só seja menos conhecida que Cora Coralina.

Como relatamos nos capítulos anteriores, Dica foi considerada por parte da historiografia como uma mulher à frente de seu tempo e, como tal, foi capaz de permear o imaginário daqueles que passaram a conhecer sua trajetória. Santa Dica, então, passou por um processo relativamente frequente, em que um indivíduo é condenado por seus contemporâneos, mas é reabilitado pela história, transformando-se numa espécie de mito. Isso aconteceu, por exemplo, com Tiradentes e com Zumbi dos Palmares, para citar apenas os casos mais conhecidos. Aconteceu também com Santa Dica, embora ela, ao contrário dos outros dois, tenha contemplado sua reabilitação em vida. Esse processo de “heroificação” foi muito bem descrito por Girardet:

Toda a questão está, evidentemente, em saber como se opera a passagem do histórico ao mítico, como opera, em outras palavras, esse misterioso processo de heroificação, que resulta na transmutação do real e em sua absorção no imaginário... Tornando-se a interrogação, aliás, mais delicada ainda, pela presença, mais ou menos importante mas sempre detectável nesse tipo de construção mítica, de certa parcela de manipulação voluntária. (GIRARDET, 1987, p. 71)

Afirmar que Santa Dica passou por um processo de “mitificação” não significa afirmar que as representações sobre sua pessoa estão equivocadas. O mito não é sinônimo de mentira, mas de exagero, de uma seleção de imagens positivas, de uma

generalização de uma qualidade que ocorreu em tempos específicos para um tempo mais amplo.

Dizer que Santa Dica passou por um processo de heroificação significa admitir que ela ainda está viva na cultura, não só como a “Dica histórica”, mas principalmente como a “Dica heroína” ou como o “símbolo Santa Dica”. Na citação anterior, vemos que dentro dessa transformação do histórico para o mítico, temos a influência de uma “manipulação voluntária”, ou seja, toda produção cultural cujo tema é Santa Dica também leva implícita em si o DNA do autor. Podemos concluir, então, que as produções culturais não levam em conta a imparcialidade, que é um dos princípios da pesquisa histórica.

Nesse trabalho, buscamos desde o início analisar de maneira particular algumas produções sobre Santa Dica, sejam elas próprias da história ou não. Estudando as unidades, tentamos entender o todo ou, como no pensamento de Jörn Rüsen: “Pode-se dizer que a perspectiva se amplia das árvores isoladas para a floresta: trata-se literalmente do todo, daquele todo que é a história como ciência” (RÜSEN, 2001, p.26)

Figura 05- Fotografia de um quadro de Santa Dica, localizado na sala de reuniões de sua casa



Fonte: Própria (2020)

3.1 O NOME “SANTA DICA”

Santa Dica é o nome mais conhecido em Lagolândia, pequeno distrito da cidade de Pirenópolis. Ela não só gravita no imaginário de seus moradores, mesmo já tendo falecido há cinquenta anos, mas também dá nome aos principais pontos do distrito, e também à única escola pública do local.

Figura 06- Imagem do aplicativo Google Maps mostrando a região central do distrito de Lagolândia



Fonte: Google Maps

Podemos ver na imagem acima que a parte central do distrito de Lagolândia é permeada por ambientes que levam o nome de Dica. Começaremos pela praça, onde se encontra um busto seu, que está bem de frente para uma capela, o que aqui nos remete ao embate entre Dica e os redentoristas; mesmo passado muitos anos, ela ainda se impõe perante a Igreja Católica, dando nome à praça que é vizinha ao templo católico. Outro aspecto interessante da imagem é a “Santa Dica”, rua em formato de ferradura onde se situa a casa onde Dica viveu. Vale a pena nos atentarmos para um detalhe interessante: a praça leva o nome de batismo de Dica: “Benedita Cipriano Gomes”, enquanto a rua foi nomeada com a alcunha de “Santa”. Esse detalhe nos remete ao capítulo 2 e fundamenta ainda mais a importância da “santidade” de Dica perante seus seguidores.

Imagem 07- Busto de Santa Dica, localizado na Praça Central de Lagolândia, que também leva seu nome



Fonte: Própria (2020)

Dica foi e ainda é, principalmente para algumas pessoas que moram em Lagolândia ou lá vão para conhecer seu legado, uma espécie conselheira, ou mesmo uma profeta, conforme foi descrita pela historiografia de cunho religioso. Mas muitos buscam nela o exemplo de uma mulher à frente do seu tempo, desafiando o patriarcalismo, ou como portadora de uma consciência social coletivista, desafiando os proprietários de terras. As pessoas que visitam Lagolândia escolhem a “Santa Dica” que é mais coerente com os seus anseios identitários. Vejamos o que diz Girardet sobre o assunto:

Mas sobretudo não se poderia esquecer que, a partir do momento em que todo mito desse tipo ganha uma certa amplitude coletiva, ele tende a combinar vários sistemas de imagens ou de representações, a constituir-se , em outras palavras, como uma espécie de encruzilhada do imaginário onde vem cruzar-se e embaralhar-se as aspirações e as exigências mais diversas, por vezes mais contraditórias. (GIRARDET, 1987, p. 71)

Tomando como objetos de análise a imagem anterior e a citação acima, podemos ver claramente que Dica é representada, dentro do imaginário, de várias maneiras. Na praça, como a mulher que era forte, respeitada e influente, principalmente na região onde morava. Já na rua, vemos seu outro lado, o da “santa”,

aquela que fazia a ligação entre o céu e a terra, principalmente durante a duração de seu reduto. No busto, geralmente reservado a personalidades políticas, como uma mulher que se tornou respeitada nos meios políticos goianos. As pessoas a procuravam para respostas de anseios ou, para usar um vocabulário de Jörn Rüsen, de “orientação no tempo”. Usar as experiências do passado histórico para reforçar suas convicções identitárias no presente. Essa Dica multifacetada está exposta na configuração urbanística do distrito onde viveu.

Figura 08- Fotografia da casa onde viveu Benedita Cipriano Gomes



Fonte: Própria (2020)

A praça, a rua e a casa fazem parte de um quadrilátero que nos passa um sentimento de proteção, algo que as pessoas sempre buscaram em Dica, seja na mulher Benedita, seja na Santa. Formando ali uma “encruzilhada”, temos as várias alcunhas dadas: Benedita, Santa Dica e Dona Dica, foram concebidas através da expressão do imaginário coletivo sobre a mulher Dica.

Outro detalhe interessante ao visualizarmos o mapa e a casa é que, mesmo com o fim do movimento ainda na década de vinte, temos aqui uma região devidamente delimitada onde os seguidores podem transitar, como se estivessem no reduto. Na praça, podem descansar, e na casa, podem ter um contato mais direto,

mesmo que através de fotos ou móveis antigos, com esse imaginário de Santa Dica. Simbolicamente, pode ser interpretado pelos mais entusiastas como uma vitória de Santa Dica sobre a tentativa da polícia goiana de exterminar o seu reduto.

Figura 09- Fotografia original da tropa comandada por Dica na Revolução Constitucionalista de 1932, encontrada na sala de sua casa



Fonte: Própria (2020)

Outro lugar de muita importância no distrito de Lagolândia e que carrega o nome de Dica é a Escola Estadual Benedita Cipriano Gomes. É uma homenagem de alto valor simbólico, pois o lugar onde se divulga o conhecimento naquele distrito tem o nome de Dica. A homenagem não deixa de ter uma leve carga de ironia, uma vez que Dica era, de acordo com as pesquisas realizadas por alguns historiadores, semianalfabeta, e como vimos no capítulo 2, ela se recusou a se aprofundar nos estudos.

Figura 10- Fotografia da Escola Estadual Benedita Cipriano Gomes



Fonte: Própria (2020)

Mesmo Dica se recusando a estudar, ela se torna tão importante no imaginário do povo de Lagolândia ao ponto de dar nome a escola mostrada acima. A falta de um conhecimento formal não impediu que ela se tornasse o principal personagem do lugar.

O Vidente, o chefe profético não aparece mais, então, como o simples representante, o simples executante da vontade geral. Ela é sua encarnação no sentido mais profundamente religioso do termo: encarna-se na totalidade de suas dimensões sociais; encarna-se também na totalidade de seu destino histórico, em seu passado, em seu presente e em seu futuro. Perder-se nele é, sem dúvida, renunciar à identidade individual; mas é reencontrar, ao mesmo tempo, a integralidade da identidade coletiva, a fusão íntima e indissolúvel com a comunidade mãe. (GIRARDET, 1987, p. 79)

Dica se apresenta inserida em todas as atividades da comunidade; ela deixou de ser apenas a profetiza ou conselheira para se tornar parte da sociedade onde viveu, se entranhou na cultura local a ponto de nomear os principais pontos do Distrito. Santa Dica e Lagolândia se misturam. A comunidade onde ela nasceu tem em si, gravitando, a personalidade, os pensamentos e as profecias de Dica. Então, nada mais justo que, mesmo depois de meio século de sua morte, ela continue presente nessas

nomeações. Falar de Santa Dica em Lagolândia é falar da própria comunidade, ou seja, se tornou uma “identidade coletiva”. Mas é uma identidade construída, pois, se não fosse a posituação de sua imagem pela historiografia e pelas produções culturais, Dica seria apenas mais um dos “anônimos” que viveram e morreram no lugarejo.

Outro ponto de destaque quando falamos de Dica e Lagolândia é o seu túmulo. Dica pediu para ser sepultada de baixo de uma grande gameleira, situada na frente de sua casa, mais precisamente do outro lado da rua. Essa gameleira é emblemática, pois era sob suas sombras que eram realizadas algumas reuniões na época do reduto.

Figura 11- Fotografia do túmulo de Benedita Cipriano Gomes



Fonte: Própria (2020)

Figura 12- Fotografia da Lápide de Benedita Cipriano Gomes



Fonte: Própria (2020)

Um detalhe interessante é que o nome de “Santa” não está na lápide e nem na casa, mas o de “dona”. Talvez seria para não causar constrangimento à Igreja Católica. O que podemos concluir é que, em 1970, sua fama parece ainda não estar bem consolidada, e nenhuma frase remetendo a seu heroísmo foi escrita. Como o túmulo de Santa Dica se encontra fora do cemitério e em local de destaque dentro do quadrilátero que mostramos acima, ele se torna local de peregrinação e de ritual para aqueles que ainda vão em busca da pessoa de Dica. Vejamos o que diz Pierre Nora sobre o assunto:

Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. Trata-se de um lugar de memória tão abstrato quanto a noção de geração? É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência

vivida por um pequeno número uma maioria que deles não participou.
(NORA, 1993, p.22)

O túmulo é que mais pode se aproximar da simbologia de Dica. A pessoa que ali está busca um consolo, ou mesmo a resposta para uma curiosidade. É o que de mais concreto se vê e se sente de um imaginário coletivo. Quando se conhece todo esse complexo que lembra Dica, a visitação ao túmulo se torna o ápice. Ali, a lembrança retorna, o ciclo se fecha, o símbolo chamado Dica se completa de sentido, com o começo nas atividades daquela jovem que ressuscitara algumas vezes, passando pela mulher revolucionária, profeta, mãe de família e líder política. O simples silêncio perante seu túmulo é a representação máxima de uma simbologia; é uma reverência a tudo o que ela viveu. Daí os túmulos serem lugares de peregrinação; seja o túmulo de um Karl Marx, em Londres, seja o túmulo de um vocalista de uma banda de rock, como o de Jim Morrison, em Paris.

3.2 “SANTA DICA” NA LITERATURA

Ao que parece, Dica foi relatada primeiramente em um livro intitulado *Mulheres e Monstros*, de um autor chamado João de Minas; entretanto, aqui, não falaremos do mesmo, pois constrói uma imagem ruim de Dica.

Santa Dica foi personagem central de um romance intitulado *Sete Léguas de Paraíso*, de Antônio José de Moura²². Nesse romance, o autor expõe Dica como a líder, como heroína²³ de um reduto que, segundo ele, seria o paraíso na terra. Mostra a jovem como uma mulher bela, de grande sabedoria, uma profetiza. O texto perpassa pela vida de outras pessoas ligadas ao reduto, sejam aliados ou inimigos de Dica. Sendo uma ficção, exhibe nomes que fogem da realidade, assim como alguns personagens totalmente imaginários, embora, como em todo trabalho de ficção histórica, o autor tenha se apoiado nos relatos e trabalhos históricos feitos a respeito de Santa Dica. Sobre essa transformação de uma personagem histórica a uma personagem literária, são bem pertinentes as palavras de Jörn Rüsen a respeito

²² ANTÔNIO JOSÉ DE MOURA é de Goiás, onde nasceu em 1944. Bacharel em Direito e jornalista profissional durante mais de 20 anos, dedica-se, agora, à prosa e ficção. (MOURA, 1989, p. 281)

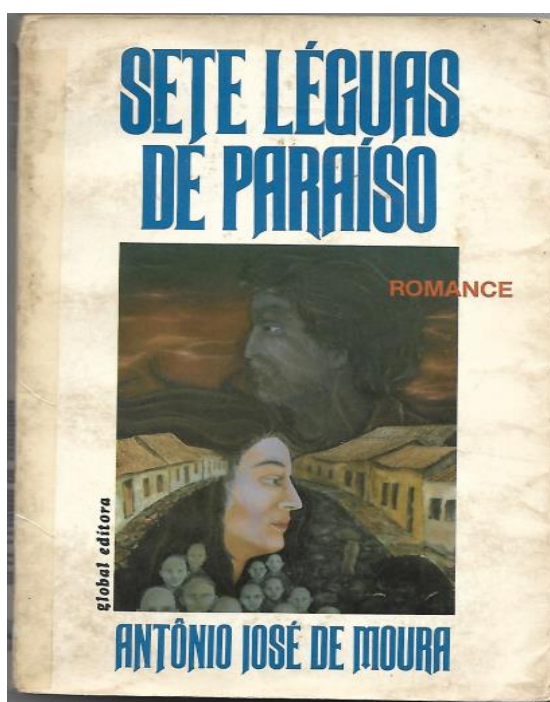
²³ O florescimento ocorrido do século XII até o XV marca o nascimento da mentalidade moderna e sua ênfase no indivíduo como pessoa peculiar e especial. Durante séculos essa mentalidade abriu a jornada do herói, primeiro aos homens, e agora também para as mulheres. Pela primeira vez todas as mulheres têm a oportunidade de encontrar seu próprio caminho, de assumir seu próprio papel – não apenas como Mulher, mas como esta mulher, esta personalidade. (CAMPBELL, 2015, p.303)

apropriação da História pela cultura, aqui mais especificamente pela literatura, enquanto carência de orientação:

Com as formas de apresentação, o pensamento histórico remete, por princípio, as carências de orientação de que se originou. Ele exprime, como resultado cognoscitivo, sob forma da historiografia, com a qual volta ao contexto da orientação prática da vida no tempo. Com a historiografia, o pensamento histórico usa uma linguagem que deve ser entendida como resposta a uma pergunta. Originadas em carências de orientação e enraizada em interesses cognitivos da vida prática, a ciência da história – com resultados de seu trabalho cognoscitivos expressos historio graficamente – assume funções de orientação existencial que têm de ser consideradas como um fator próprio (quinto e último) de seus fundamentos, na medida em que se quer saber por que é racional fazer história como ciência e em que consiste essa “racionalidade”. (RÜSEN, 2001, p.34)

Segundo Rüsen, a obra histórica vira um texto vivo culturalmente. O historiador pesquisa, organiza e escreve buscando sanar alguma carência de orientação prática humana no tempo. A historiografia é, então, uma resposta, que será apropriada pela sociedade em formas diversas: literatura, cinema, livros, entre outras. Moura, para escrever esse romance histórico, precisava se basear em alguma fonte historiográfica, a fim de fazer uma releitura do passado, assim como todos que produziram objetos culturais pensando em Santa Dica. Ou seja, a historiografia sobre Dica é fonte de outras produções, agora culturais.

Figura 13- Capa do livro *Sete léguas de paraíso*, de Antônio José de Moura



O romance se desenvolve em vinte e nove capítulos. Moura estabelece uma ligação interessante entre ficção e realidade, esta última ancorada na produção historiográfica, como vimos anteriormente. Ele inicia o romance apresentando um padre redentorista que se incomoda com a ascensão e com a crescente popularidade de Santa Dica, sendo coerente, nesse sentido, com as produções historiográficas que destacam que os redentoristas foram os principais combatentes de Dica. Vejamos uma passagem onde o padre dialoga com o bispo da diocese sobre a importância de um posicionamento da cúpula católica do estado perante Dica, que é praticamente idêntica à historiografia analisada anteriormente:

Compreendo, padre, mas oficialmente não devo me envolver nesse assunto – disse dom Emanuel, depois de uma pausa que ao redentorista parecera de séculos. E lembrou que o governo da diocese no momento empenhava-se em levantar a hipoteca do seminário e do palácio episcopal junto a Mutualidade Católica, além do que a construção do novo educandário de Bonfim não aconselhava a menor dispersão de tempo e recursos. (MOURA, 1989, p.11)

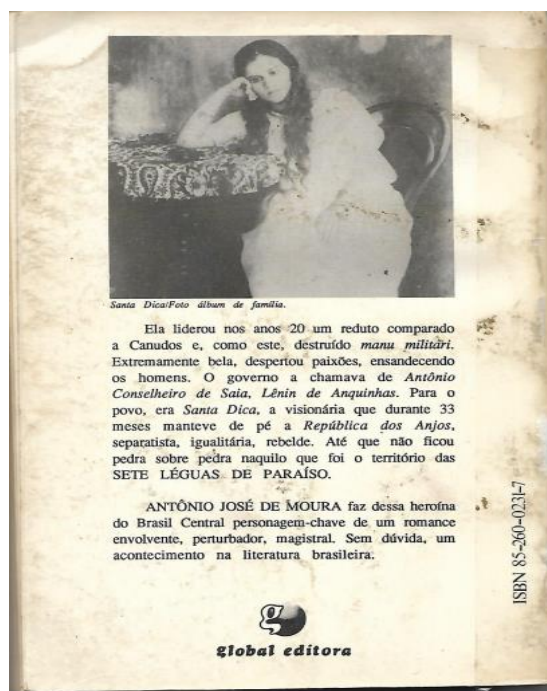
Temos então a negativa do bispo em se envolver e, conseqüentemente, envolver a diocese no combate contra Dica. A Igreja Católica presente em Goiás muito se diferia do pensamento redentorista, pois essa instituição (aqui no caso, o bispado) se adaptara a um religiosidade sertaneja, “pois uma coisa é a possibilidade de cisma na Igreja, ocasionado pela rebeldia de um sacerdote, e outra, bem diversa, uma incipiente manifestação de curandeirismo e heresia entre matutos” (MOURA, 1989, p. 11), então não via tanta preocupação com a ascendência de Dica; ela não era um padre Cícero Romão, o que explica o fato de o bispo estar mais preocupado em organizar a instituição materialmente, principalmente depois da ruptura entre Estado e Igreja, ocorrida no último quartel do século XIX, com o desenvolvimento do republicanismo. Vejamos agora o que diz Lauro de Vasconcellos sobre o assunto:

Também o então bispo de Goiás, D. Emanuel Gomes de Oliveira, recentemente empossado no governo da diocese, estava preocupado em levantar a hipoteca do seminário e do palácio episcopal com a Mutualidade Católica e com a construção de um estabelecimento de ensino secundário em Bomfim (atual Silvânia). (VASCONCELLOS, 2013, p.174)

As passagens são praticamente idênticas, e fica claro que Moura se apoiou nos escritos historiográficos de Vasconcellos para conceber parte de sua obra ficcional. Já o texto de Lauro de Vasconcellos tenta comprovar como foi dito anteriormente o porquê da diocese não se movimentar contra Dica, mas apenas uma ordem, a dos

redentoristas, juntamente com a imprensa, com o jornal *O Democrata* e logo depois, com parte do governo estadual.

Figura 14- Contracapa do romance *Sete léguas de paraíso*, de Antônio José de Moura



Mais adiante, dentro do romance, temos outra passagem que nos chama atenção pela semelhança com a historiografia: são os dizeres do vigário geral da diocese a um jornal de São Paulo. Comparemos as passagens:

... em entrevista ao *Diário da Noite*, de São Paulo, lamentaria o atraso com que se verificou o esmagamento a ferro e fogo do reduto dos fanáticos, proferindo uma frase que ficaria célebre – “Cobra se mata de novinha, antes que se lhe aumente a bolsa de veneno”. (MOURA, p. 1989, p. 13)

Muitos anos mais tarde, o monsenhor Joaquim Confúcio Amorim, falando ao *Diário da Noite* em São Paulo, afirma ser uma das causas do atraso em que vive o estado a tardia intervenção do governo para desfazer aquele ajuntamento. (VASCONCELLOS, 2013, p.175)

Nessas passagens, seja na ficção, seja na historiografia, vemos que uma pessoa importante dentro da diocese, nesse caso, o vigário geral, argumenta que o estado demorou demais para intervir no reduto, e isso causou um atraso no desenvolvimento do mesmo e na sua busca pelo progresso. Vemos aqui também um certo tom de desagrado entre a figura do vigário e a posição do estado perante Dica;

talvez, se fosse um governo diferente ou se o palco fosse outro estado da federação, as forças estatais teriam agido mais rápido.

Outra passagem do romance que merece destaque é uma citação do jornal *Correio Oficial*:

Ignora monsenhor que agora mesmo padre Estilac acabara de ganhar, segundo decreto publicado no Correio Oficial, o privilégio de construir, em sociedade com o coronel Setembrino de Sá, três estradas de rodagem, nas quais, como de outras vezes, a dupla cobraria pedágio, a título de reembolso, apesar de já haver embolsado as verbas perspectivas do governo estadual? (MOURA, 1989, p.17)

Agora na obra historiográfica:

Aos srs. Padre Santiago Uchoa, Francisco Sá e outros, foi concebido o privilégio para a construção de uma estrada de automóveis de Pirenópolis à Jaraguá e ao município de Palmeiras, prorrogação do prazo para conclusão dos serviços de construção da que tem por fim ligar essa cidade à Trindade. (CORREIO OFICIAL, 1925, p. 16 apud VASCONCELLOS, 2013, p. 174)

Aqui, vemos duas passagens também com grande semelhança, onde o romancista se apoia na historiografia para construir uma trama quando o padre se une a um coronel da região para construir estradas de rodagem. Para o historiador, o padre de Pirenópolis estava mais preocupado em construir estradas e melhorar as condições da paróquia do que em combater Dica.

Depois de fazer uma introdução do romance mostrando a preocupação dos redentoristas, o autor começa a escrever sobre Dica. A notícia de seus milagres se espalhou pelo sertão com a ajuda dos tropeiros. Todos os tipos de milagres, desde recuperação de objetos até cura de doenças, eram creditados a Dica. Vale a pena destacar a descrição de muitos milagres que não aparecem nas obras historiográficas:

Embalados pela certeza desses prodígios, entre uma caneca e outra de café os peões emendavam estórias de levitação e invisibilidade voluntária, de decifração de sonhos e assombros promontórios, e pelo menos referiram um ressurgimento entre os mortos. (MOURA, 1989, p.19)

Durante todo o romance, o autor destaca a beleza feminina de Dica, o que era, ao lado de seus poderes miraculosos, um fator de deslumbramento masculino em relação à jovem. Moura evidentemente rejeita as imagens de “bruxa” ou de “doente mental” que foram divulgadas pelos jornais *Santuário de Trindade* e *O Democrata* e pelo Inquérito Judicial. “De comum esses relatos só tinham no Ano Domini de 1923 os dezoito anos da taumaturga, sua beleza silvestre e completa como jamais se vira

naquelas brenhas, assim como a água lustral dos sacramentos ministrados por ela” (MOURA, 1989, p.19). Dica era uma “Deusa” sertaneja, que encantava tanto pela beleza quanto pela sua capacidade de fazer o inacreditável. Destacaremos outra passagem para melhor ilustrar a descrição do autor do romance:

Conquanto de carnação pródiga e consistente, seu corpo é esguio e tão harmoniosos de linhas que, não importa a maneira como esteja vestida, a roupa só serve para realçar-lhe as formas, destacar-lhe a graça. A pele é de um moreno claro tão limpo de imperfeições, tão isento de impurezas, que nem com o auxílio de lupas seria possível a alguém captar-lhe o menor indício de mácula. O rosto é de deusa, perfeito – tão perfeito e refletindo tal frescor e tão grande viveza que, reproduzido por pincel de mestre, poderia ser exibido como a expressão mais bela da mulher. De estatura meã e olhos acesos de escuro fulgor, a cabeleira ondula-lhe cintura abaixo, negra, macia, abundante, sempre sensível, se ela anda, ao vaivém das ancas. (MOURA, 1989, p.20)

Moura detalha os atributos femininos de Dica, a chama de deusa e descreve seus contornos e aspectos, que a tornam ao mesmo tempo cultuada e desejada. É uma mistura de celestial e carnal. Logo após esse detalhamento da pessoa de Dica, o autor relata como era sua família e como eles se sedentarizaram na região de Lagolândia. São destacadas as ressuscitações de Dica, com especial atenção para última, que, para muitos, foi a gênese de seu movimento. “Quando Noca de seu Arnaldo se preparavam para dar-lhe o banho dos defuntos, gritos de pânico atroaram a casa, quase pondo abaixo as paredes. Noca veio correndo aos berros, Gente, ela piscou, juro por Deus ela piscou” (MOURA, 1989, p.27). O fato provocou grande admiração nos que ali estavam.

Aos poucos, os romeiros foram chegando e conseqüentemente iam fazendo, às margens do Jordão, que fora renomeado por Dica, suas casas, ranchos de sapé muito simples, e não queriam sair mais daquela terra. Moura relata que Dica acolhia todos que chegavam, não deixava nenhuma pessoa sem a devida assistência, ela sempre reunia a multidão a sua volta e emblematicamente com as mãos voltadas para o céu proferia discursos que eram misturas de uma religiosidade sertaneja com a sabedoria de um ser sagrado. Dentro de Lagolândia não se podia mudar uma pedra de lugar sem o consentimento da jovem, ela não era uma autoridade qualquer como as que existiam dentro da sociedade da época, ela era um oráculo.

O romance nos traz uma explicação de como era a organização social e sistema de poder em Lagolândia. Primeiro temos a Ordem Sagrada, ou Conselho dos Anjos, que era comandado por José Sueste, primo de Dica que morreu ainda criança afogado nas águas do Rio do Peixe. Logo abaixo, temos os Anjos Conselheiros e as

Legiões (ou falanges) dos Anjos Guerreiros. Na terra, se encontra a Ordem Profana, que é comandada por Dica, pois só ela tem o contato com os anjos. Contando com seus auxiliares e propagandistas, a jovem conduz seus fiéis. Vale destacarmos aqui três personagens que têm papéis importantes no romance: são eles Osório dos Santos, revolucionário sulista que é o auxiliar direto de Dica para questões religiosas; Josué, um cearense que o autor destaca como anarquista, responsável pela divulgação das notícias em Lagolândia; e Necão Caxeado, desordeiro e jagunço, apaixonado por Dica e apresentado como um homem ganancioso e sem escrúpulos. Outro detalhe que vale a pena ser constatado é que o autor alterou o nome de vários personagens.

A popularidade de Dica crescia dia a dia, seus remédios eram enviados até para outros estados e as pessoas acreditavam mais nela que nos próprios médicos, segundo o romance. No reduto, ela é descrita ao andar por entre o povo de uma maneira sobrenatural: “Então, com ar de sonâmbula, conquanto radiante, queixo empinado, fronte altiva, soberba em seu branco manto de seda, e andando como se respirasse uma atmosfera e pisasse um falso chão de sonho, Dica desceu a escada” (MOURA, 1989, p.65)

A popularidade da taumaturga incomoda de maneira satisfatória os mandatários de Pirenópolis, a ponto de ser formado um conselho municipal. Na primeira reunião, são expostos os abusos da santa. Ela é descrita como uma fingidora que, às margens do Rio do Peixe, vem praticando o espiritismo, bem como a magia e seus sortilégios. Aqui, vale apenas lembrarmos o processo criminal a que Dica foi submetida e onde apareciam por diversas vezes essas práticas. Dando prosseguimento à reunião, ela também era acusada de prometer curas para moléstias curáveis e incuráveis, além de danificar as faculdades mentais de muitas pessoas. Por fim, apontam a sua pretensão de celebrar casamentos de menores de idade, bem como a missa, e dar a unção dos enfermos, substituindo claramente as funções do Estado e da Igreja na localidade.

Prevendo uma retaliação ao reduto, começa a se formar uma força de defesa. Corria um boato que, em sítio mais distante de Lagolândia, se ouviam soldados marchando; quem comandava a tropa era Necão Cacheado, e para ensinar os matutos a marchar, ele usava de um artifício. “É que Necão amarra tufos de palha seca de milho no tornozelo esquerdo dos que escolheu para futuros combatentes ou candidatos a mártires, substituindo assim com essa ridícula paródia (ora vejam: “pé

com palha, pé sem palha!) ...” (MOURA, 1989, p.71). É importante ressaltar que esse acontecimento (onde tropas foram treinadas por Dica e não por Cacheado, na história real) aconteceu em 1932, quando Dica se uniu a Pedro Ludovico na Revolução Constitucionalista de 1932, mas o romancista, ao contrário do historiador, tem a liberdade de cometer anacronismo.

Foi encaminhada uma comissão de Pirenópolis para Lagolândia que ficou encarregada de mostrar a Dica de maneira formal a insatisfação da elite local. Quando as coisas começaram a tomar um rumo de confronto, Dica surge para apaziguar. É importante relatarmos que, em todo romance, ela é exposta como pacificadora, nunca querendo um confronto, sempre buscando a paz.

Todos aqueles que procuravam a santidade de Dica em forma de milagres, ou mesmo de conselhos eram crismados por ela; por isso, ela era chamada de madrinha. Ela também realizava batizados. O autor assim descreve os batizados: “Mesmo quem já tinha visto missa de bispo em catedral ou quermesse de cidade grande não pestanejava em afirmar que cerimônias como aquelas não houve outras no mundo, tão tocantes em beleza, tão extremas em unção” (MOURA, 1989, p.76). Ao ler o romance, vamos nos deparando com uma super qualificação das coisas que aconteciam em Lagolândia, ou seja, todo acontecimento era de extrema especialidade dentro das Sete Léguas de Paraíso.

Agora, porém triunfaria do atraso sofrido na senda da perfeição construindo com Santa Dica uma cidade estado dotada das virtudes da pérola helênica, contudo isenta de injustiças: uma Atenas sem escravos, devotada como a outra ao culto do Belo, paraíso dos bons, recompensa dos justos. (MOURA, 1989, p.84)

Mesmo que o autor perpassasse por vários personagens, às vezes de maneira maçante e fugindo do foco, que no caso, é Santa Dica, com capítulos imensos sobre personagens secundários da trama, o ponto principal e a ideia onde Dica está inserida como grande líder é a criação de um paraíso na terra, um lugar mágico onde as pessoas poderiam viver sem preocupações e onde todos eram aceitos, não importando seus defeitos. Esse lugar é comparado à mais famosa cidade-estado grega, Atenas, com um governo próprio com suas leis e sua vida peculiar, onde a procura pelo belo e pela felicidade seriam o modo de viver.

Depois de relatar a vida profissional do chefe de polícia que seria encarregado de acabar com o reduto de Santa Dica, o autor volta a descrever o combate dos

redentoristas à jovem. Eles agora se aliam ao poder estatal, na pessoa do chefe de polícia. “Essa moça, doutor, não é tão somente a ovelha desgarrada do rebanho, porém loba sem entranhas empenhada em devorá-lo, inimiga da fé católica e fauiz da desordem entre os gentios” (MOURA, 1989, p.129). Para os redentoristas, Dica era semelhante a Lutero: ela queria construir uma nova Babilônia, era mãe das prostitutas, um anjo decaído. É uma fera que combate de maneira instintiva o Estado e a Igreja, querendo ser a nova divulgadora de ordens entre a “gentalha”. Os redentoristas se garantiam como recuperadores da ordem.

Após referir-se ao pioneirismo dos sacerdotes holandeses que se estabeleceram no sudeste do país, descrevia com fartura de pormenores e desígnio apologético as missões alemãs, com ênfase para a primeira delas, composta de oito padres e oito irmãos coadjutores, destinados, metade a metade, aos santuários de Aparecida do Norte e Trindade. Eles vieram pondo fim a meio século de instâncias da cúpula clerical brasileira, sem dúvida como prêmio às últimas e suplicantes gestões de dom Joaquim Arcoverde, bispo de São Paulo, e do goiano dom Eduardo Duarte, junto a Santa Sé. (MOURA, 1989, p. 133)

Aqui, temos outra vez uma base historiográfica muito forte, talvez amparada nos relatos dos redentoristas e da cúpula católica do estado que foi escrita e perpetuada no tempo. Os redentoristas aparecem como salvadores, perante o catolicismo popular que se entranhava no interior do Brasil, e foram responsáveis por alavancar o Santuário de Aparecida do Norte, em São Paulo, e o de Trindade, em Goiás, fazendo com que as igrejas locais se aproximassem mais da autoridade romana.

O principal embate entre redentoristas e Dica era o medo da demiurga enfraquecer a romaria de Trindade, fato que se comprova com as fontes historiográficas. Ainda sobre a ação redentorista perante a romaria de Trindade, temos: “... que nas palavras de dom Eduardo Duarte se resumia a cristianizar a romaria de Trindade, expurgando-a de desvirtuamentos profanos ...” (MOURA, 1989, p.137). Isso representa outra indicação de orientação historiográfica, pois a romaria de Trindade estava sendo disputada por grupos de romeiros leigos que queriam explorar financeiramente a mesma, antes da chegada dos redentoristas. “Barro Preto, depois Trindade, vem vivendo a ilusão ou antes a realidade efêmera de cidade grande e promíscua dos primeiros dias de julho, misto de bazar turco e arraial improvisado de ciganos” (MOURA, 1989, p.138).

Ainda segundo o autor, era intenção do bispo acabar com o padroado e entregar a administração do santuário de Trindade inteiramente nas mãos dos clérigos. Ainda sobre a reunião dos redentoristas com o chefe de polícia, temos:

A seguir, os dignitários da Igreja e a autoridade policial acordaram em que todos os meios e instâncias seriam lícitos e mobilizados na batalha de descrédito destinada a retirar da demiurga toda e qualquer parcialidade da opinião popular: os jornais, os panfletos, os reclames, as cartas pastorais, a tribuna dos parlamentos, o recinto das escolas, a conversa ao pé de ouvido, implícita a dos confessos. (MOURA, 1989, p.150)

O autor produz dentro do romance uma dualidade, um maniqueísmo, onde Dica e seus seguidores, que fazem parte da República dos Anjos, são o bem e todo o mundo ao redor é o mal. O mal então usa de todas as armas, sejam éticas ou não, para desqualificar e combater o paraíso que estava surgindo em Lagolândia. Os inimigos de Dica usam de subterfúgios que não aparecem na historiografia, como panfletos, cartas pastorais e discursos políticos e educacionais; dentro dessa pesquisa, não foram encontrados tais quesitos. Mas fica claro que Moura quer mostrar Dica como uma heroína e salvadora do mundo de sofrimentos, e acima do jogo de interesses políticos da elite, onde os pobres e doentes não têm vez.

A cada dia, mais pessoas chegavam ao reduto, aumentando a falta de moradias; para isso, Dica orienta um mutirão de construções de casas. Para morar no reduto, os casais não precisavam ser formalmente casados "... com o beneplácito dos anjos, Santa Dica já declarou o casamento civil uma pinoia que não melhora em nada a vida das pessoas, invenção dos songamongas da cidade, modernidade das mais bestas" (MOURA, 1989, p.153).

As normas de convivência dentro do reduto eram ditadas pelos anjos e repassadas por Dica a toda população; dentre elas, cabe destacar uma: era vedada a prostituição pelos participantes do movimento. Vale ressaltar que, analisando a historiografia, Dica é acusada de promover a prostituição de menores, alegação essa feita através do processo criminal.

Nesse dia, terrível para os ímpios e de bem aventuranças para os justos, a demiurga revela que, por consentimento do Altíssimo e decreto do outrora Rei Encoberto, Lagolândia passará a se chamar Cidade do Paraíso Terrestre, visto que seus habitantes foram transformados em denominações e virtudes, mediando entre essa que agora é a Ágora dos Anjos e o trono do Todo Misericordioso distância de ser coberta com passinhos de ciranda, bastando-lhes atravessar uma ponte feita de ouro puríssimo, incrustada de esmeraldas, cravejada de brilhantes. (MOURA, 1989, p.157)

Segundo o romance, além de aceitar as pessoas que eram renegadas pela sociedade sobre os mais variados motivos, Dica também foi incumbida pelo próprio Deus de transformar essas pessoas e purificá-las de qualquer iniquidade. Assim, podemos associar Dica a uma salvadora, aquela que vêm para mudar o mundo, e a história passaria a ser contada dividindo-se o tempo em antes de Dica e depois de Dica. Após a purificação de todos, Lagolândia se transformou no paraíso terrestre, a terra sem mal, onde tudo se tem, onde a dor humana não existiria mais. As pessoas iriam viver na presença do próprio Deus; para isso, bastava atravessarem uma ponte de ouro.

Enquanto o paraíso se formava em Lagolândia, os descontentes de Pirenópolis formaram uma comitiva para irem ao reduto e pedirem o fim do movimento. Essa comitiva não consta na historiografia, pois, para debelar o reduto, oficialmente temos apenas a intervenção policial, que ficou conhecida como Dia do Fogo, e que o romance relata mais adiante. Quando se aproximou do reduto, a comitiva se deparou com uma massa de pessoas, e Santa Dica no alto de um púlpito de pedra como se fosse um tipo de comandante militar. Vejamos como o autor descreve Dica naquele momento:

... aquela silhueta paranormal de mulher, a túnica de um branco espampanante de virgem roçagando na rocha, o olhar flamejante dos sensitivos em êxtase, recortada contra o gris das colinas e a massa eletrizada de crentes, uma aura de santidade azul emoldurando-lhe o rosto. (MOURA, 1989, p.196)

Santa Dica é descrita como um ser sobrenatural, algo fora do comum, presente apenas na imaginação. O autor também caracteriza outros seres irreais dentro do romance, como um homem que era metade humano, metade animal, e uma mulher que tinha o fígado branco. Dica demonstra seus dons àqueles que a perseguiram, e mesmo os mais céticos ficavam abismados com tais demonstrações, uma mulher que emana luz e que parece levitar sobre uma rocha. Dentro de todo desenvolvimento do romance, Moura aponta Dica como uma pacifista; mesmo naqueles momentos em que o confronto parece eminente, ela opta pela não agressão.

É que aquela mulher tida por santa falava a linguagem de fascínio dos pezinhos tão suaves, das coxas roliças, da boca polpuda de me morda vou te morder!, mas sobretudo da postura e compostura de sacerdotisa que no entanto e paradoxalmente não abjurara os atrativos infrenes da carne abrasada de desejos. (MOURA, 1989, p.225)

Outro ponto que vale a pena destacar é a conversação que Dica tinha com os espíritos. Segundo o autor, essa reunião era extremamente organizada, precisando o espírito marcar um horário e frequentar uma fila que existia, uma pessoa fiscalizava tal atividade, era um homem que nunca dormia. A pessoa de Dica é descrita como uma mistura de mulher fisicamente perfeita e muito atraente e de uma santa. Um repórter que vai ao reduto para espionar e depois escrever contra Santa Dica fica abismado com a beleza da jovem, e se pergunta como algumas pessoas não conseguem ver tal atributo; talvez fosse pela cegueira do fanatismo. O jornalista faz o seguinte relato:

Mas não está propriamente terminada a sessão. Há a colheita de dinheiro entre os novos adeptos – porque o número destes aumenta de sessão a sessão -, dinheiro para a santa comprar armas, munições, provisões, o diabo. Depois da vitória – porque a santa vai guerrear com a polícia -, aquelas quantias serão reembolsadas com juros fabulosos, em terras, em fazendas, em gado. É que o amante e Santa Dica de futuro não pretendem morar em Goiás, nem muito menos explora-lo. (MOURA, 1989, p.239)

Temos aqui uma passagem no mínimo intrigante quando comparada à historiografia. Se o leitor não tem conhecimento da história oficial e segue a lógica do enredo, há de pensar que o amante de Santa Dica é Necão Caxeado. Mas o jornalista do romance seria um homem conhecido pela alcunha de João de Minas, e visita o reduto não na época do seu auge, que seria por volta de 1924 e 1925, mas alguns anos depois, quando Dica volta do Rio de Janeiro e se casa com o jornalista Mário Mendes. Ele é considerado um homem ambicioso, que se aproveita da posição de Dica em benefício próprio. Então, a arrecadação de dinheiro e os planos de sair de Goiás provavelmente eram da relação entre Dica e Mendes. Mesmo porque a conotação do movimento de Santa Dica, que vai de 1923 a 1925, não era de acúmulos de bens, pelo contrário, era de repartição, mas é claro que provavelmente havia dissonâncias sobre esse assunto dentro do movimento.

Quando o romance já se encaminha para o fim, temos o acontecimento da invasão. Os soldados marcham em direção ao reduto. Quando os moradores ficam sabendo, vão logo correndo e perguntam a Dica quando o exército de anjos irá chegar. “Ela tartamudeou uma resposta chocha, adiando a definição quanto à data. Ficava claro que os fanáticos, em sua cegueira, jamais cogitaram de qualquer perigo de derrota” (MOURA, 1989, p.246). Algumas pessoas começam a desconfiar que a

promessa do exército de anjos era falsa, e surge uma apreensão de que algum morador do reduto tomasse o comando dos amotinados para si.

Perante essa instabilidade e aconselhada pelos anjos, Dica resolve fundar uma República:

Figura 15- Bandeira da República dos Anjos



Fonte: Moura (1989, p. 60)

Amados irmãos, amadas irmãs, decretou-se na morada dos justos que Lagolândia a partir de hoje fica sendo a República dos Anjos, e suas terras foram dilatadas para um quadrado de sete léguas que linha invisível traçada por nós a mando do Ser dos Seres separa das outras terras, e contra este quadrado – as sete léguas de paraíso – não vão prevalecer nem a vontade do pai da mentira nem a maldade dos homens. (MOURA, 1989, p.258)

Como uma das normativas de Dica era que todos deviam ter o que comer, as plantações tomaram conta de Lagolândia. Todo pedacinho de terra que não servia de residência agora era fonte de alimento, mesmo porque a quantidade de pessoas aumentou muito durante o movimento. Com a fundação da República dos Anjos e o aumento de território, esse problema iria se resolver, além da questão do comando

que falamos anteriormente, pois lá seria um lugar de bondade e felicidade. É claro que isso não aconteceu e a polícia do estado invadiu o reduto.

O romance relata a invasão do reduto de uma maneira bem próxima à descrita pela historiografia; porém, relata uma Santa Dica guerreira que caminha no meio do povo incitando-o a ter fé e se recusa a fugir do reduto. É a comandante de um navio que não o abandonará até que a última pessoa se salve. Mas, Necão Caxeado, antevendo uma derrota iminente, carregou Dica até o Rio Jordão e gritou para que todos pulassem. Dica conseguiu se salvar, mas o saldo de mortos afogados e a tiro foi grande. Eis um relato de um soldado que estava no conflito e viu Dica nas águas do Jordão: "... flutuando rio abaixo, na corrente, o braço esquerdo arrimado a um tronco, o direito a enlaçar uma mulher de longuíssima cabeleira e veste branca espreada qual lençol sobre as águas" (MOURA, 1989, p.279).

Antônio José de Moura descreve uma Dica híbrida. Apoiado muitas vezes na historiografia e misturando ficção, mostra uma mulher de extrema beleza e encanto, dona de poderes extraterrenos, leal aos seus companheiros e visionária de uma terra onde não há maldades. Sete Léguas do Paraíso é o lugar onde todos podem viver, com seus defeitos e suas angústias; lá não saberão o que é a dor, viverão no paraíso terrestre. Mesmo se apoiando na obra de Lauro de Vasconcellos, Moura não relata uma Dica revolucionária, mas uma Dica com um grande carisma religioso, assim como Gomes Filho. Finalmente, a diferença entre História e ficção em Rüsen. Para ele, a história se distingue da ficção, porque tem pesquisa, teoria, uma narrativa que é avaliada pelos pares. Já a ficção é livre para brincar com a realidade histórica.

3.3 "SANTA DICA" NA POESIA E NAS ARTES PLÁSTICAS

Além de ter seu nome adotado em uma rua, uma escola e uma praça, e ser a personagem central de um romance, Santa Dica também serviu de inspiração para concepção de um poema. Dica quase sempre era tratada como uma santa, mas também é concebida como uma heroína, responsável por salvar aqueles que mais precisam e que estão desassistidos principalmente pelo poder público. Vejamos o que diz Flávio Kothe sobre o assunto: "Enquanto dominante, o herói é, portanto, estratégico para decifrar o texto como contexto estruturado verbalmente. Este não é problema apenas literário, mas atinge a todas as narrativas, seja qual for seu veículo" (KOTHE, 1987, p.8).

SANTA DICA

QUANDO ela era pequena
 Não sofreu bicho de pé.
 Quando ela era pequena
 Nunca esteve com puxado.
 Ela nunca comeu terra quando ela era
 pequena.
 Quando ela ficou moça,
 a cama dela era estreitinha, as mãos juntas
 para o céu,
 pernas juntas para o mundo.
 A roupa dela tinha cheiro de alecrim.
 - roupa de cassa,
 Trança grande,
 Laço azul
 Que nem santa de verdade!

Santa Dica ora por mim!

Quando ela ficou moça
 Ficou santa,
 Fez milagres,
 Curou gente,
 Curou boubas,
 Espinhelas.
 Curou tudo,
 Curou moléstias do mundo,
 Curou mais
 Que Padre Cícero Romão

Santa Dica, ora por mim.

O Rio do Peixe
 - Rio Jordão
 Lavava a roupa da santinha
 Lavava o corpo da santinha,
 Sem sabão.
 O Rio do peixe,
 O rio santo do sertão
 Deu muita boquinha doída,
 Deu muito arrocho apertado
 Pelo corpo da santinha.

Santa Dica, ora por mim!

O autor constrói os versos sobre Dica como se fossem uma oração. O poema se inicia mostrando que Dica era uma criança diferente, uma predestinada, e assim cresceu, tornando-se uma mulher única, descrita como uma santa que fazia a conexão entre céus e terra. Segundo o poema, Dica já tinha uma vocação religiosa: “as mãos juntas para o céu”.

Santa Dica livrou dos revoltosos
 O Governador Brasil Caiado.
 Santa Dica protegeu Siqueira Campos.
 Todos são filhos de Deus
 E o Espírito Santo. Amém.

Santa Dica, ora por mim.

Santa Dica
 Fez milagres,
 Curou gente,
 Curou mais
 Que padrinho Padre Cícero do Juazeiro.

É comparada a outros líderes messiânicos. Ela ajudava quem precisava, era a heroína do sertão, era mais que Padre Cícero. Existe também uma conotação sexual no poema: “Deu muito arrocho apertado”.

Metralhadoras,
 Carabinas do Governo ...
 Nem uma bala acertou
 Em Santa Dica.
 Santa Dica era mais forte que o governo,
 Era mesmo que nem santa de verdade.

Santa Dica foi ao Rio de Janeiro
 E foi morar no Hotel Pompeu.
 (Belo nome!)
 Curou gente da Avenida.
 Foi depois para S. Paulo ...

Santa Dica, Ora por mim!

Como no romance estudado anteriormente, existem imprecisões históricas. Ela não salvava apenas os necessitados, mas também os poderosos. Não tinha raiva daqueles que a perseguiram. O Exílio estudado no Capítulo 2 também é exposto no poema: “Santa Dica foi ao Rio de Janeiro”. Ela estava acima de qualquer governo. As armas não a assustavam. Santa Dica não se contentou em salvar as pessoas só em Goiás; foi para o Rio de Janeiro e São Paulo, e lá também ajudou quem precisava. Santa Dica não é de Goiás, não é do sertão, Santa Dica é a heroína do Brasil.

Se as obras literárias são sistemas que reproduzem em miniatura o sistema social, o herói é a dominante que ilumina estrategicamente a identidade de tal sistema. Rastrear o percurso e a tipologia do herói é procurar as pegadas do sistema social no sistema das obras. (KOTHE, 1987, p.8)

O autor do poema mostra que o povo brasileiro precisava de alguém para salvá-lo na época de Santa Dica, e essa pessoa era a própria jovem goiana. No sertão, onde os mandos e desmandos dos coronéis faziam parte do cotidiano, Dica veio como heroína e salvadora, do mesmo modo como ela é apresentada no romance *Sete Léguas de Paraíso*.

Santa Dica do Rio do Peixe,
Santa Dica de Goiás,
Santa Dica do Sertão
Ora por mim!

Rio do Peixe de Santa Dica,
Rio do Peixe – Rio Jordão
Que lavaste Santa Dica,
Que lambeste Santa Dica ...
Rio do Peixe
- não.
- Rio do Cão.

Santa Dica do Rio do Peixe,
Santa Dica de Goiás,
Santa Dica do Sertão?
- não.
- Santa Dica do Rio de Janeiro,
Santa Dica de S. Paulo,
Santa Dica do Brasil!

Santa Dica, ora por mim!

Jorge de Lima²⁴
Poesias Completas. Rio de Janeiro:
Aguilar/Brasília, 1974

Ela cura e salva todos aqueles que a ela recorrem. Mas o Brasil não era desigual apenas na região do sertão ou só em Goiás: o país precisava de Santa Dica, então ela vai até o Rio de Janeiro, e depois a São Paulo, ajudar a quem precisa. Dica percorre as estradas construídas pelas diferenças sociais, tentando minimizar a dor e o sofrimento dos que mais necessitavam. Um aspecto bem interessante do poema é a liberdade do poeta em subverter os fatos históricos. Ele transforma um enredo trágico num cenário cômico. Dica venceu o Governo, era mais forte do que Padre

²⁴ Jorge de Lima, conhecido como “príncipe dos poetas alagoanos”, foi um escritor modernista. Além disso, ele trabalhou como artista plástico, professor e médico. Pertencente à segunda fase do modernismo no Brasil, também chamada de “fase de consolidação”, Jorge de Lima teve grande destaque na poesia de 30. Disponível em: < <https://www.todamateria.com.br/jorge-de-lima/>>

Cícero. Se, no romance de Moura, a aproximação com o mito é bem cautelosa, no poema, ela é escancarada. Dica é mesmo uma Santa, uma santa de Verdade.

Ela também foi objeto das artes plásticas, sendo retratada nos traços de Tarsila do Amaral. Não se sabe muito bem qual foi o motivo que levou a pintora modernista a desenhar Santa Dica. Vejamos dois pontos que podem esclarecer tal interesse, lembrado que Tarsila fez parte do modernismo brasileiro.

Ao se considerar as condições sociais, políticas e econômicas do país à época, percebe-se que os intelectuais brasileiros (membros da elite) tentavam superar o atraso representado pela economia agrária e pelo regime escravocrata vigente por muito tempo no território brasileiro. Nesse contexto, eram considerados como índices de modernidade o urbano, o industrial e o regime de trabalho assalariado. (SILVA, 2017, p.540)

Figura 16- *Santa Dica*, por Tarsila do Amaral



Fonte: César (1939).

Provavelmente, a busca pelas características genuinamente brasileiras levou Tarsila a se interessar por Dica. Mesmo que Dica não pregasse uma ideia de modernidade, ela era uma contestadora do sistema, e com isso, queria romper com todas as amarras que colocavam a população, principalmente do

seu reduto, em um contexto de vulnerabilidade. Assim, os modernistas, voltando-se para os problemas regionais, tentavam demonstrar que a sociedade brasileira tinha que se autoavaliar, e não mais fechar os olhos para seus problemas.

Outro ponto que vale apenas mencionar é a passagem de Tarsila do Amaral pela União Soviética em 1931. Quando volta ao Brasil, se interessa mais pelos movimentos operários e participa de reuniões do Partido Comunista Brasileiro, sendo presa por um mês.

Nessa época, ela pinta dois quadros inspirados na desigualdade social. São eles, *Operários* e *Segunda Classe*. Pode ser nesse ínterim que Tarsila se interessa por Dica. Seu marido, nessa época Osório César, renomado psiquiatra e adepto do comunismo, exerce grande influência em sua arte, levando-a conhecer diversos movimentos sociais. A gravura de Dica desenhada por Tarsila se encontra em um livro de Osório, chamado *Misticismo e Loucura*. Ele também foi pioneiro no uso da arte como recurso terapêutico para tratar seus pacientes.

3.4 “SANTA DICA” NO AUDIOVISUAL

Serão analisados dois documentários. Vejamos o primeiro. Dados do documentário: Título: *Santa Dica do Sertão*. Produtor: Carlos Del Pino, pesquisa: Bernardo Elis, documentário apresentado pelo Centro de Produção Cultural e Educativa Universidade de Brasília. A composição básica deste documentário foi uma breve gênese sobre os poderes espirituais de Santa Dica. Entrevistas com contemporâneos dela (dois irmãos e uma participante do Dia do Fogo). Entrevista com um acadêmico: Paulo Bertran professor de História da Universidade de Brasília. Relato de sua história de vida durante todo documentário. Trilha sonora basicamente composta por músicas em espanhol, talvez tentando nos remeter à Revolução Cubana.

Figura 17- Cena do documentário *Santa Dica do sertão*



O documentário expõe um erro histórico: diz que Dica tinha 23 anos na época da revolução constitucionalista, mas como ela nasceu em 1905, teria por volta de 27 anos. Outro erro aparente é considerar o caso como fanatismo religioso, o que parece entrar em conflito com a proposta mística do documentário. Há a incorporação da tese de Vasconcelos, que distingue a Dica milagreira da Dica profetisa e da Dica preocupada com questões sociais, inclusive usando uma linguagem marxista “classe dominante”, da região que busca o apoio do governo para a repressão. Na entrevista, Paulo Bertran ressalta a perspicácia de Santa Dica, uma mulher carismática, aproximando a tese de Dica como líder feminista.

Foi apresentado um argumento baseado na força do metafísico e da condição de fragilidade psicológica, de agregar pessoas que lutam por uma vida melhor. Também fica bastante latente no documentário como os regimes de ordem tentam se manter coesos perante novos acontecimentos sociais. Podemos destacar os propósitos deste documentário ao direcionar o movimento hora para uma revolução camponesa, hora pelas forças das manifestações religiosas, reforçando o papel da mulher na história e criticando as forças políticas de Goiás.

Carlos Del Pino também filmou um longa-metragem chamado *Santa Dica – República dos Anjos*, e usou o poema de Jorge de Lima, que foi musicado. Apesar de

finalizado, o filme nunca foi lançado comercialmente devido a desentendimentos do diretor com o distribuidor.

Outro documentário sobre Santa Dica é intitulado *Santa Dica de Guerra e Fé*, filmado em 2005. Foi dirigido pelo jornalista Marcio Venicio e divulgado pelo II Programa de Fomento à Produção e Tele difusão do Documentário Brasileiro – DOCTV. O documentário se inicia com a filmagem de terreiro de umbanda chamado Martim de São Sebastião, em Aparecida de Goiânia, Goiás. Durante toda a produção, são expostas as características espirituais de Dica, relatando a continuidade de seus trabalhos nesse campo, tanto em Lagolândia quanto em Aparecida de Goiânia. São apresentados também o poema relatado aqui anteriormente e uma peça teatral chamada *A Rainha do Mundo e a Serpente do Rio*, de Wolney Fernandes.

Figura 18- Cena do documentário *Santa Dica de guerra e fé*, com a peça teatral *A rainha do mundo e a serpente do rio*



É feita uma pesquisa histórica bem aprofundada em jornais e processos da época, no caso do último, sem sucesso pela ação do tempo. Dica foi uma mulher muito apreciada no mundo político, sendo amiga de Juscelino Kubistchek. É apontada como uma pessoa eclética e solidária. Também é combatida como impostora. De acordo com a entrevista de um de seus opositores, ela foi criação de Alfredo dos Santos, personagem que já relatamos aqui. É mostrada como uma mulher politicamente

confusa, que teve vários homens em sua vida. O documentário finaliza argumentando que Dica não pode ser esquecida e que muitas pessoas ainda esperam sua volta.

“Nos clássicos modernos, os personagens de extração social alta tendem cada vez mais a se mostrarem como baixos, enquanto, para poder ser um herói elevado sem ser trivial, cada vez mais o grande personagem tende a ser de extração social baixa” (KOTHE, 1987, p.67). Cada autor mostra Dica de um modo, mas aqui, temos a divulgação de uma mulher pobre, sem instrução, de um lugar pouco falado, mostrando que grandes personagens também podem vir de classes menos favorecidas. Para Flávio Kothe, isso tem a ver com a mudança de paradigmas entre os autores. “A própria evolução da sociedade e da produção literária brasileira permite um certo afloramento do seu bloco popular e uma percepção mais clara da limitação do horizonte dos autores do passado” (KOTHE, 1987, p.67).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nenhuma pesquisa sobre “Santa Dica” tentou explicar como foi criado o discurso, principalmente após o exílio, em volta dessa mulher simples do interior de Goiás, que na década de 1920, não era um território com grande expressividade no Brasil. Vimos como foram representados alguns discursos nas produções historiográficas e culturais do estado ao longo do tempo. Focalizamos três tipos de discursos: historiográfico, jornalístico, mais precisamente quando Dica estava no exílio, e cultural, através de observação de algumas obras culturais cujo tema era Santa Dica.

Na análise da bibliografia escolhida, tentamos mostrar o que cada autor diz sobre Santa Dica e seu movimento, e como cada um mostra suas bases ideológicas e de construção de narrativa. Na historiografia, tivemos três faces que caracterizaram Santa Dica. Na primeira obra, elaborada por Lauro de Vasconcellos, temos um movimento como uma ação revolucionária, que visava uma mudança drástica na sociedade circundante através de novas práticas sociais e políticas igualitárias que dessem oportunidades àqueles excluídos pela sociedade goiana da época.

Santa Dica era uma revolucionária que buscava aplainar as diferenças sociais causadas por uma frente de expansão capitalista que adentrara o sertão. Já na segunda obra, de Eleonora Zicari, temos uma análise de discursos que mostram como as mulheres que não se encaixavam em um determinado pré-requisito eram vistas pelas classes dominantes.²⁵ Santa Dica cai no final, mas a autora tira uma lição, que é a formação de um discurso contra a mulher, e foca na discriminação do sexo feminino feita pelos documentos históricos analisados.

No terceiro texto, de Robson Gomes Filho, temos o enfoque na liderança carismática e sua influência na sociedade circundante. O personagem principal cai no final, mas dentro da teoria weberiana usada pelo autor, líder carismático é uma força

²⁵ Simone de Beauvoir chamou a atenção para os desmandos da injustiça alicerçada nas diferenças sexuais, mais e piormente praticada onde predominam os autoritarismos políticos, os credos únicos e a intolerância racial. Corajosamente, ela emitiu um grito de alerta, sacudiu a consciência das mulheres ocidentais, revelou os indícios de uma escravidão ancestral e convocou “o segundo sexo” para essa sua primeira denúncia, à maneira de um testemunho internacional, que imediatamente seria acompanhada de focos de rebeldia, movimentos libertadores, protestos contra desigualdade feminina e demandas que enlaçaram antigas e novas lutas, seculares ou súbitas, a fim de reconquistar, dentro de um mundo totalmente entregue a turbulência, a dignidade através da qual nós, as mulheres, haveremos de recobrar o sentido do ser, se é que neste século que se inicia as gerações irão valorizar o verdadeiro significado unificador da sobrevivência em nosso planeta. (ROBLES, 2019, p.19)

revolucionária na história, mas não para trazer um mundo melhor. Para Weber, o líder carismático é uma liderança irracional, perigosa.

No segundo capítulo, temos a soltura de Dica e seu exílio no Rio de Janeiro, que apesar de durar apenas algumas semanas, foi de extrema importância para que a jovem moça entrasse em contato com a elite carioca, e mudou o modo como ela foi vista pelas elites goianas. A jovem profana e agitadora ficou no passado; agora, Dica era uma mulher casada com um jornalista, mudou pela convivência com a sociedade carioca e tornou-se perspicaz, sempre buscando se posicionar na política local. Se alinhou a políticos poderosos e futuramente, se tornaria ela também uma pessoa influente e poderosa. Aqui, temos uma possível linha de pesquisa futura: “A influência de Santa Dica na Política Goiana a partir da década de 1930”. A “menina ingênua Dica” não existe mais; ela deu lugar à mulher inteligente e firme- essa era a “Madrinha Dica”. Nasce, então, o “ícone cultural” Santa Dica.

Já no terceiro capítulo, mostramos esse ícone cultural, através de vários símbolos que levam o nome de Santa Dica: rua, escola, praça. Seu túmulo é local de peregrinação. Um grande romance sobre seu movimento, um poema em forma de oração, uma pintura de Tarsila do Amaral, que é uma das maiores artistas brasileiras de todos os tempos, tudo isso só aumenta a importância de Dica no cenário nacional. Essas produções culturais foram apoiadas na historiografia, pois os artistas precisavam conhecer Dica para expressá-la, daí a importância do trabalho do historiador. Tentamos apresentar aqui várias facetas de Santa Dica. Outras pesquisas virão para preencher muitas lacunas que ainda restam, pois, como diz Jörn Rüsen (2001, p. 44):

Quando, porém, novas carências de orientação acarretam novas perspectivas orientadoras com respeito ao passado, das quais resultam novos métodos de esclarecimento da experiência histórica, o conhecimento histórico passa por uma modificação qualitativa de monta.

Esperamos que a leitura desse texto possa demonstrar não apenas quem foi Santa Dica, ou Dica, ou mesmo Benedita Cipriano, mas também mostrar quantas “Santas Dicas” temos ao longo da historiografia e da cultura, em especial a goiana. Percebemos como o “Símbolo Cultural” “Santa Dica” se formou pela historiografia e pelo seu exílio.

REFERÊNCIAS

Textos e Documentos Eletrônicos:

CARVALHO FILHO, Juarez Lopes de. *Religião, educação e economia em Max Weber*. Disponível em : < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/17107> >

GOMES FILHO, Robson Rodrigues. *Santa Dica de Goiás: o germinar de um movimento messiânico (1923-1925)*. Disponível em: < <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/2390> >

GRACINO JÚNIOR, Paulo. *Dos interesses weberianos dos sociólogos da religião: um olhar perspectivo sobre as interpretações do pentecostalismo no Brasil*. Disponível em: < <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/440> >

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. “O Brasil”. Disponível em:< <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028002&pesq=%22santa%20dica%22&pasta=ano%20192>>

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. “A Gazeta”. Disponível em:< <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=763900&pesq=%22santa%20dica%22&pasta=ano%20192>>

MATA, Sérgio da. *Weberianismo tropical: caminhos e fronteiras da recepção da obra de Max Weber no Brasil Tropical*. Disponível em: < <https://ihgb.org.br/revista-eletronica/artigos-460/item/108201-weberianismo-tropical-caminhos-e-fronteiras-da-recepcao-da-obra-de-max-weber-no-brasil.html> >

NORA, Pierre. *Entre Memória e História, A problemática dos lugares*. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>

QUINTELLA, Mauro. *A FEB e a Liga Espírita do Brasil*. Disponível em: <http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/Q_autores/QUINTELLA_Mauro_tit_FEB_e_a_Liga_espirita_do_Brasil-A.pdf>

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Três vezes Zumbi*. Disponível em: <<http://www.bresserpereira.org.br/terceiros/2012/maio/12.05.Tr%C3%AAs_vezes_Zumbi.pdf >

SCOTT, Joan. *Gênero: Uma categoria útil para análise histórica*. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> >

Bibliográficas:

ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o Marxismo Ocidental*. Porto, Edições Afrontamento, 1976.

BARROS, José D' Assunção. *O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico*. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

- BARTHES, Roland. *Mitologias*. 6.ed. Rio de Janeiro, Difel, 2012
- BRITO, Eleonora Zicari Costa de. *A construção de uma marginalidade através do discurso e da imagem: Santa Dica e a corte dos anjos em Goiás – 1923-1925*. Dissertação de (Mestrado) – Universidade de Brasília, 1992.
- CÂMARA, Jaime. *Nos Tempos do Frei Germano*. 2.ed. Goiânia, Editora O Popular, 1979.
- CAMPBELL, Joseph. *Deusas: Os Mistérios do Divino Feminino*. São Paulo, Palas Athena, 2015
- _____. *As Transformações do Mito: Através do Tempo*. 2.ed. São Paulo, Cultrix, 2015
- CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: O imaginário da República no Brasil*. 2.ed. São Paulo, Companhia da Letras, 2017
- DEL PRIORE, Mary. “História das mulheres: as vozes do silêncio”. In. FREITAS, Marcos Cézar de. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2010.
- DIEHL, Astor Antônio. *A Cultura Historiográfica nos anos 80: mudança estrutural na matriz historiográfica brasileira*. Porto Alegre, Evangraf, 1993.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: A essência das religiões*. 4.ed. WMF, 2018
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- GOMES FILHO, Robson Rodrigues, *O Movimento Messiânico de “Santa Dica” e a Ordem Redentorista em Goiás (1923-1925)*, Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.
- HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. 2.ed. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014.
- KOTHE, Flávio R. *O Herói*. 2.ed. São Paulo. Ática, 1987.
- MARQUEZ, Rodrigo Oliveira. *Teoria da História: Hayden White e seus críticos*. Brasília, Universidade de Brasília, 2008.
- MINAS, João de. *Mulheres e Monstros*. São Paulo, Unitas, 1933.
- MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX: O Espírito do Tempo*. 11.ed. Rio de Janeiro, Forense, 2018.
- MOURA, Antônio José de. *Sete Léguas de Paraíso*. São Paulo: Global, 1989.
- OLIVEIRA, Marco Aurélio Gomes de. *Imprensa espírita na cidade do Rio de Janeiro: propaganda, doutrina e jornalismo – (1880-1950) /– 2014*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2014.
- REZENDE, Waldetes Aparecida. *Santa Dica: história e encantamentos*. 2.ed. Goiânia, Kelps, 2011.
- ROBLES, Martha. *Mitos e Deusas: O feminino através dos tempos*. 3.ed. São Paulo, Aleph, 2019

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001.

SCOTT, Joan W. "A invisibilidade da experiência". Trad. Lúcia Haddad. Projeto História. São Paulo. V. 16. fev. 1998.

VASCONCELOS, L. de. *Santa Dica: Encantamento do Mundo ou Coisa do Povo*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991, Coleção Documentos, 22.

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. 5.ed. Rio de Janeiro, LTC, 2016.

WHITE, Hayden. *Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX*. 2.ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. 2.ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

Documentários:

SANTA Dica de Guerra e Fé. Direção de Marcio Venicio. Goiânia: II Programa de Fomento à Produção e Tele difusão do Documentário Brasileiro – DOCTV, 2005. 1 DVD (102 min.)

SANTA Dica do Sertão. Direção de Carlos Del Pino. Brasília: Centro de Produção Cultural e Educativa Universidade de Brasília, 1989. 1 DVD (30 min.)